



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

RUTE LAGES GONÇALVES

**ENTRE ANGOLA E PORTUGAL: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *ESSE CABELO*,  
DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA SOB A ÓTICA DO FEMINISMO NEGRO**

SÃO LUÍS - MA

2022

RUTE LAGES GONÇALVES

**ENTRE ANGOLA E PORTUGAL: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *ESSE CABELO*  
DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA, SOB A ÓTICA DO FEMINISMO NEGRO**

Linha de Pesquisa: Literatura, memória e cultura

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação –  
PPG da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Programa de  
Pós-Graduação em Letras – Curso de Mestrado Acadêmico em Letras.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Algemira de Macêdo Mendes

SÃO LUÍS - MA

2022

Gonçalves, Rute Lages.

Entre Angola e Portugal: uma análise do romance *Esse cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida, sob a ótica do feminismo negro / Rute Lages Gonçalves. – São Luís, 2022.

... f

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes.

1. Escrita de fronteira. 2. Feminismo negro. 3. Discurso literário. 4. Mulheres negras. 5. Djaimilia Pereira de Almeida. I. Título.

**Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665**

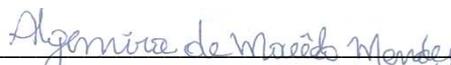
RUTE LAGES GONÇALVES

**ENTRE ANGOLA E PORTUGAL: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *ESSE CABELO*  
DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA, SOB A ÓTICA DO FEMINISMO NEGRO**

Versão final da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como parte dos requisitos exigidos à obtenção do Título de Mestre em Letras (Área de concentração: Teoria Literária).

Aprovada em: 25/02/2022

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof.<sup>a</sup>. Dra. Algemira de Macêdo Mendes (Orientadora)**

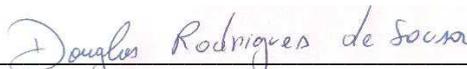
Doutora em Teoria Literária  
Universidade Estadual do Maranhão



---

**Prof.<sup>a</sup>. Dra. Vanessa Neves Rimbau Pinheiro**

Doutora em Estudos Literários  
Universidade Federal da Paraíba



---

**Prof. Dr. Douglas Rodrigues de Sousa**

Doutor em Estudos Literários  
Universidade Estadual do Maranhão

## RESUMO

O romance *Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras* (2017), da escritora luso angolana Djaimilia Pereira de Almeida, veicula temas atuais pertinentes ao estudo de gênero, raça e cultura dentro da literatura. Pensando nisso, a presente pesquisa objetiva evidenciar as marcas do feminismo negro nas análises da postura e discurso da personagem Mila, como mulher negra, demonstrando como o romance marca um período em que a escrita literária, produzida por mulheres negras na atualidade, possui um traço decolonial, constituindo para além de produção artística, ação política rumo a justiça social. A análise da obra sob a ótica do feminismo negro fez uso das teóricas de Hooks (1980), Collins (2019), Davis (2013), Ribeiro (2015), pois compreende os processos identitários de uma mulher negra, representados pela personagem numa sociedade de classes; as teorias de Hall (2018), Fanon (2020), Bhabha (2013) que versam sobre a compreensão de negritude e os processos das identidades fragmentadas na contemporaneidade. Além disso, contou também com as teorias de Matta (2014) acerca da constituição da escrita de fronteira refletida na produção literária de mulheres que enfrentaram o processo da diáspora, no caso da personagem Mila, o trânsito diaspórico entre Angola e Portugal. O estudo desta obra mostra como a literatura representa o mundo e não é composta apenas de matéria formal e estética, mas é também orientada por ideologias. O discurso literário tem a capacidade de evidenciar as transformações sociais que ocorrem no mundo, ao passo que, também, influencia novas mudanças. Neste sentido, é perceptível o que vem ocorrendo nas literaturas contemporâneas femininas negras que levam a ancoragens conscientes ou, por vezes, inconscientes, pelo movimento feminista negro. Um perfil de escrita que revoluciona, denuncia e convida para um novo tempo, em que grupos silenciados podem tomar a voz nas escritas que delineiam um espaço de tomada de consciência e cede espaço para discursos literários que suscitem mudanças nas estruturas sociais.

Palavras-chave: Escrita de fronteira. Feminismo negro. Discurso literário. Mulheres negras. Djaimilia Pereira de Almeida.

## ABSTRACT

The novel *That Hair: the tragicomedy of a curly hair crossing the border* (2017) from the Angolan Luso writer Djaimilia Pereira de Almeida, broadcaster thematic current data pertaining to the study of gender, race and class and culture within the literature. Thinking about it, the research aims to evidence the marks of black feminism in the analysis of the posture and discourse of the character Mila as a black woman demonstrating how romance marks a period in which literal writing produced by black women today it has a decolonial trait constituting in addition to artistic production political action towards social justice. The analysis of the novel on the perspective of black feminism made use of theories of hooks (1980) Collins (2019) Davis (2013) Ribeiro (2015) for it comprises the identity processes of a black woman represented by the character in a class society: Hall theories (2018), Fanon (2020) Bhabha (2013) that deal with the understanding of blackness and processes of fragmented identities in contemporary times. In addition, it also relied on the theories of Matta (2014) about the constitution of frontier writing reflected in the literary production of women who faced the diasporic process in the case of the character Mila, diasporic transit between Angola and Portugal. The study of this novel shows how literature represents the world and it is not only composed of formal and aesthetic materials, but it is also guided by ideologies. The literal discourse has the ability to highlight. The social transformations that occur in the world while it also influences new changes. In this sense, what has been happening in the contemporary black women's literature that lead to conscious anchoring or by an unconscious movement by the black feminist movement, a writing profile that revolutionizes, denounces and invires you to a new time in which silenced groups can take the voice in writings that outline a space awareness and give space to literal speeches that give up changes in social structures.

Key words: Border writing: Black feminism: Literal speech: Black woman. Djaimilia Pereira de Almeida.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 ENTRE ANGOLA E PORTUGAL: Reflexos da diáspora na escrita de fronteira em <i>Esse Cabelo</i></b> .....	16
2.1 Marcas da diáspora na escrita de fronteira das mulheres negras .....	22
2.2 A mulher negra e a escrita de si.....	26
2.3 Djaimilia, uma escritora da diáspora .....	32
<b>3 A RUPTURA DOS ESTEREÓTIPOS NA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES NEGRAS</b> .....	43
3.1 <i>Esse Cabelo</i> e as marcas do feminismo negro.....	47
3.2 <i>Esse Cabelo</i> , o racismo e a estratégia feminista negra da autodefinição .....	52
3.3 A personagem Mila e a simbologia do cabelo como ícone identitário de resistência .....	60
<b>4 A INTELLECTUALIDADE DA MULHER NEGRA EXPRESSA EM <i>ESSE CABELO</i></b> .....	66
4.1 A educação como estratégia de empoderamento das mulheres negras .....	72
4.2 Mila e a influência do conhecimento em sua tomada de consciência .....	74
4.3 Produções de discursos das mulheres negras em vista a transformação da sociedade .....	81
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	91

## AGRADECIMENTOS

Início esse espaço de agradecimento falando sobre a rica oportunidade que me foi concedida que é a de poder ter tido acesso à educação em um mundo em que muitas mulheres, e mulheres negras, em particular, como eu, foram excluídas dos espaços educacionais e de instrução. Por esse direito básico e transformador que é de adquirir e construir conhecimentos e manifestar opinião, usar a voz (falar, escrever) após anos de silenciamento e invisibilidade, sou extremamente feliz.

Agradeço também pela oportunidade de acessar espaços antes impossíveis para meus antepassados. Era um sonho distante e pra muitos deles inacreditável, mas que graças ao esforço e luta de muitas e muitos, estamos aqui compartilhando essa conquista que não é só minha, mas atribuo principalmente a elas, mulheres que deram o máximo de si em busca de uma vida digna, que não se renderam até serem livres de fato e direito, que mesmo não podendo provar dos frutos, disseminaram as sementes da liberdade, regadas, muitas vezes, com sangue.

Também venho manifestar a minha gratidão ao meu **DEUS, JEOVAH RAAH**, Soberano e Eterno, a quem pertence todo tesouro da sabedoria e da ciência, sem Ele e sua misericórdia não chegaria até aqui, o momento de concretização de um sonho tão almejado, o qual considerei distante da minha realidade, mas pelo querer dEle, hoje se torna palpável e real, a Ele toda honra e glória.

Aos meus pais, **Maria dos Milagres e Adelino Marcelo** por me trazerem a este mundo cercada de amor, carinho, compreensão, incentivo, investimento financeiro e emocional, e por terem me ensinado a ser verdadeiramente livre. Minha gratidão a vocês.

A meus queridos irmãos, **Zaqueu, Israel, Isaque, Moisés, Raquel, Noélia e Flávio**, verdadeiros exemplos de garra e conquista através da educação, hoje formados professores, advogados e médicos, verdadeiros estandartes e exemplos de que as desigualdades sociais e raciais não nos limitaram, são **meus** amigos, contribuintes emocional, moral e financeiro. Em nome deles agradeço toda minha **Família**.

As minhas cunhadas **Antônia Gonçalves e Layane Moraes** por quem tenho grande apreço e carinho. Agradeço de todo o coração.

A minha Tia **Antônia de Lisboa Lages**, minha segunda mãe, fonte de inspiração, de luta e trabalho árduo e batalha em um mundo desigual. Por seu amor, afeto, incentivo e cuidados em minhas fases de enfermidade, meu muito obrigada.

A minha prima, amiga e irmã **Leanne Ferreira**, parceira, confidente e apoio em meus momentos de tribulação, bem como os de regozijo. A você, minha querida, minha eterna gratidão, essa conquista é nossa.

A minha orientadora, a Professora Doutora **Algemira de Macêdo Mendes** por acreditar nessa proposta e direcionar o rumo dessa pesquisa com muita humildade e sabedoria. Por acreditar, apoiar minhas ideias e melhorá-las, sempre com um posicionamento positivo, otimista, que várias vezes acalmou meu coração, me transmitiu segurança e vibrou com cada avanço e conquista na escrita do texto, bem como na trajetória do mestrado. A você, querida professora e parceira, meu muito obrigada.

A minha querida professora e amiga Doutora **Maria do Socorro Carvalho** com quem aprendi na prática a dissecar um texto literário, e quem me guiou na vida da pesquisa acadêmica com tanta humanidade e profissionalismo, também por me presentear com tantos livros que enriqueceram meus conhecimentos e produções de ensaios, artigos, TCC, projetos de pesquisa, e agora, a DISSERTAÇÃO.

Sem esquecer aqui da fomentadora financeira de minha pesquisa, a Fundação de Amparo á pesquisa no Maranhão –**FAPEMA**, a qual custeou os materiais necessários para desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu grande amigo **Samuel Viana** (*in memoriam*) meu anjo no percursos entre Caxias/Codó que sempre me incentivou no sonho do mestrado. Dedico também a você, meu querido e saudoso amigo essa conquista. Guardo nossas lembranças e conversas em meu coração, avante.

A **Laurizete Sousa** que acompanhou todo meu percurso de seleção, sempre acreditando quando eu nem mesma acreditava. Minha amiga com cuidados de mãe, meu muito obrigada.

A minha amiga **Jaqueline Oliveira** com quem dividi os momentos de alegria e dor dessa jornada desde o sonho de cursar o mestrado até as lutas durante o percurso, bem como as dúvidas e soluções, ideias para compor o corpus do meu trabalho.

A **Camila Braga** que sempre ouviu atentamente os meus desabafos, bem como compartilhou de suas dores da pós graduação. Sustentamos uma a outra nesse processo e chegamos juntas até aqui, meu muito obrigada, querida amiga.

A **Adriana Santos** que me acolheu na chegada a São Luís e cuidou de mim, compartilhando afetos e união em todos os aspectos. A você, querida companheira, o meu muito obrigada.

A meus amigos **Ádria e Gerdson** pelos inúmeros momentos de alegria, riso e fortalecimento durante esta caminhada e permanência em São Luís.

A **Thomas Algarvio** por todos os momentos que dividimos, pelo incentivo para que eu pudesse cessar a procrastinação da escrita, por me fazer sorrir e me acalmar nas horas de angústia. A você, de todo meu coração, minha gratidão e meu carinho para sempre.

A **Odilene Almeida, Francisca Figueiredo, Ligia Penha, Keyliane e Dandara** por me incentivarem nas fases do processo seletivo do mestrado, apoio nos dias de desânimo e dicas de estudos, pessoas imprescindíveis nessa conquista.

**Rayanna Maria e sua família** que me adotaram em São Luís como filha e irmã, sobrinha e neta. Por todo carinho, meu muito obrigada.

Aos meus colegas de turma no mestrado, **Lucilene, Evandro, Erica, Edson, Ludmila, Bia, Keury, Yasmine, Raiany, Daniel, Gilvan, Ricardo e Raquel** com quem dividi, angústias, conquistas e felicidades. Obrigada pela companhia e cumplicidade.

Aos **professores do Mestrado em Letras da Universidade Estadual Maranhão**, em especial a professora **Dra. Solange Santana Guimarães**, por todos os conhecimentos que foram compartilhados, contribuições indispensáveis e transformadores em minha vida e na de todos os meus colegas. Não posso de forma nenhuma esquecer da secretária do PPG-Letras, **Aline Pinheiro**, que sempre solícita, compromissada e solidária estava pronta a nos ajudar em qualquer dificuldade.

As minhas amigas **Nágila Alves e Fernanda Castelo Branco** por estarem ao meu lado desde a graduação vibrando a cada vitória e conquista compartilhada.

Aos meus amigos **Sarah Ferreira, Weverthon Oliveira e Ruth Helem Chaves** pela amizade verdadeira e incentivo espiritual nessa caminhada, que me fortaleceram em muitos momentos.

A meu pastor querido, sua esposa e família, **Clovis Milhomem e Mirian Milhomem** de quem tive apoio espiritual, oração e incentivo. A vocês meus sinceros agradecimentos.

E quando nós falamos  
Temos medo que nossas palavras  
nunca serão ouvidas  
Nem bem vindas  
Mas quando estamos em silêncio  
Nós ainda temos medo  
Então é melhor falar  
Tendo em mente que  
Não éramos supostas sobreviver.  
(Audre Lorde)

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação intitulada “Entre Angola e Portugal: uma análise do romance *Esse Cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida, sob a ótica do feminismo negro” objetiva destacar as evidências de uma postura feminista negra, articulada por meio dos posicionamentos e discursos da personagem Milla, presentes na narrativa do romance em questão. Considera-se que, as obras literárias contemporâneas produzidas por escritoras negras marcam um tempo de transição e transformação das produções literárias, antes fechadas e limitadas, a um perfil ocidental e eurocêntrico para uma escrita decolonial. Para além de expressão artística, essas produções se caracterizam como ação política rumo a igualdade racial e de gênero.

A escrita feminina negra contemporânea tem alcançado um engajamento considerável em todo mundo. Uma das referências dessa escrita na contemporaneidade é a escritora angolana, Djaimilia Pereira de Almeida, que faz sobressair, a voz da mulher negra como narradora em primeira pessoa, através da personagem protagonista Milla. Nesse intuito, propõe-se analisar o romance escrito por ela, intitulado *Esse Cabelo* (2017), à luz do feminismo negro e das marcas presentes na narrativa que são fomentadas pelo conceito de interseccionalidade, as relações da personagem protagonista Milla com sua autodefinição, a sociedade que a circunda, como também os processos da memória e os efeitos da diáspora na sua identidade.

O interesse em analisar *Esse Cabelo*, surgiu da necessidade em construir um projeto de pesquisa que abordasse os estudos de gênero e raça, por meio do qual realizou-se uma busca por livros escritos por mulheres negras, livros estes que fizessem parte da literatura contemporânea, e então foi encontrada uma obra, não só escrita por uma escritora negra como também, a personagem protagonista com o mesmo perfil. A priori foi perceptível que a obra tinha marcas autobiográficas, mas com a ficção tão bem trabalhada que por vezes separava autora da vida da personagem que, para mais um agregador, era também a narradora da história.

As características suscitaram o entusiasmo de identificar no romance marcas do feminismo negro por, exatamente, o movimento pontuar como umas de suas principais características, a autodefinição, que é a autonomia das mulheres negras em definirem seus valores e espaços na sociedade, abrindo mão dos valores e estigmas que são atribuídos a ela pela definição do outro. Diante das pesquisas, foi encontrado o site *Gelédes, Instituto da mulher negra*, ambiente virtual onde tratam de questões relacionadas às condições e situações das mulheres afro e conhecimentos elaborados por elas em todo o mundo.

Nesse viés, o romance analisado é contemporâneo, bem como é classificado no rol dessa nova literatura que visa pela descentração do conhecimento de episteme, que Inocência

Matta (2014) nomeia como *ocidentalocentrica* (MATA, 2014, p.29). É recente e ainda há um número não muito consistente de pesquisas e perspectivas variadas sobre a obra, mas alguns estudos e resenhas que auxiliam na análise crítica e cuidadosa do objeto da presente pesquisa, a qual se mostra rico em temáticas como memória, racismo, identidade, diáspora e feminismo negro.

Apesar da repercussão positiva da obra, por ser uma publicação recente do ano de 2017, ainda não há uma quantidade expressiva de trabalhos que a abordem como objeto de pesquisa. Todavia, os trabalhos encontrados fomentam a discussão acerca do romance de maneira que explicitam e reforçam a riqueza de conteúdos e prismas, os quais podem ser encontrados em sua narrativa.

Em razão das buscas realizadas em prol de identificar análises que detivessem as temáticas suscitadas na obra aludida, foi encontrada a Dissertação de Mestrado de Shaianna Costa Araújo, intitulada por *Esse Cabelo: diálogos entre o feminismo negro e a obra de Djaimilia Pereira de Almeida*, cuja proposta era de analisar o romance a partir do fenômeno da diáspora, bem como do feminismo negro. Nesse sentido, a produção surgiu como elemento enriquecedor para o auxílio da presente pesquisa, tendo em vista as abordagens de cunho estruturais e identitários, além da semelhança no discurso com o texto acadêmico referenciado. O que foi acrescentado á pesquisa foi exatamente a faceta de estudar a escrita de fronteira de Djaimillia, não classificando-a como uma escritora angolana somente, mas relacionando o viés geopolítico de sua produção literária influenciada pelo transito de diáspora e sua intensa relação entre Angola e Portugal, classificando-a nesta pesquisa como uma escritora de fronteira.

Ainda em detrimento das pesquisas e seleção de material para alicerçar o corpus do trabalho, surgiu *Negociações identitárias em Esse Cabelo, de Djaimilia Almeida e Americanah, de Chimamanda Adichie*, trabalho de Vanessa Hack Gatteli, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fazendo uma comparação entre o romance da escritora Djaimilia Pereira e a obra *Americanah* (2013), de Chimamanda Adichie, tendo por eixo a perspectiva de negociações identitárias.

Outra pesquisa que também permeia por essa linha de abordagem é o de Silvia Campos Paulino e Simone Campos Paulino, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Assim como o trabalho anterior, este possibilita o diálogo com *Esse Cabelo e Americanah*, agora sob a perspectiva do cabelo enquanto construção da identidade feminina negra e da autoimagem em ambas as obras.

Um outro viés relevante presente no enredo de *Esse Cabelo*, advém de um artigo da pesquisadora Sandra Sousa, doutoranda em Estudos Lusos-Brasileiros, pela Brown University,

cujo título é *A descoberta de uma Identidade pós Colonial em Esse Cabelo*, publicado na Revista do NEPA, da Universidade Federal Fluminense.

Conforme o exposto, relacionar os estudos dessas pesquisadoras sobre o romance *Esse Cabelo*, possibilitou enriquecer a análise e perceber mais aspectos da obra para substanciar as discussões, pois os resultados dos trabalhos versam em perspectivas semelhantes a da presente dissertação, apresentando através da ficção aspectos culturais, problemas relacionados a situação política, socioeconômico e educacional da mulher negra na sociedade pós colonialista, além da cultura e do papel da memória na formação da identidade das mulheres negras em diáspora.

Percebe-se o quanto a formação da identidade pode influenciar consistentemente na atuação dessas mulheres na sua coletividade, não à toa a obra que é escrita em primeira pessoa, sendo a autora uma mulher negra, a qual reforça também a importância do lugar de fala. Desse modo, é relevante entender a atuação das mulheres negras na literatura, das suas vozes ecoadas, suas denúncias e anseios sendo propagados por meio da arte da palavra, pois por muito tempo o indivíduo afrodescendente, teve sua história narrada pelo outro, e a escrita dessa mulher fora desvalorizada, uma conquista recente, mas com forte impacto na produção literária universal.

Para contributos sociais e acadêmicos a ênfase concentra-se em evidenciar a importância da mulher negra se manifestar através da literatura e usá-la como forma de expressão e de transformação da sociedade em que vive, combatendo as desigualdades raciais, sociais e de gênero. É destinada a quem interessar-se a estudá-la, especialmente aos acadêmicos e pesquisadores que discutem as temáticas sobre gênero e raça, assim como da mulher negra no período pós colonial e todas as suas formas de condição e atuação na sociedade.

Ainda como contribuição, a presente pesquisa demonstra o quanto a literatura pode dialogar com as demais ciências, exprimindo assim, as problemáticas de ordem social e histórica, bem como enriquecer os estudos literários que abordam as questões de gênero e as produções idealizadas por mulheres negras. Inclusive, é importante destacar que uma das ferramentas mais poderosas do feminismo negro trata, justamente, da centralização da educação e da informação como empoderamento das mulheres negras em todas as culturas.

Diante disso, o estudo acerca da temática que permeia o romance *Esse Cabelo*, serve como forma de veicular o protesto e a denúncia, além de ser uma contribuição significativa para a fortuna crítica da obra, tendo em vista que há poucos estudos literários a seu respeito no que tange ao segmento evidenciado na presente pesquisa. Embora a obra seja recente, é notório uma gama de temáticas a serem exploradas, sendo estas de grande relevância para a sociedade atual, pois cruza a seara de transformações em todos os eixos e favorece a valorização da produção

acadêmica e científica das mulheres negras, enquanto atuação política de mudanças efetivas nas relações de poder.

A pesquisa também ganha notoriedade por sua importante contribuição para o Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, na linha de pesquisa: literatura, memória e cultura, em face da intensa relação dos elementos memorialísticos com a compreensão dos processos culturais para a busca da identidade expressada na literatura.

O estudo desenvolvido é fundamentado a partir de autores como, Inocência Matta, trazendo as reflexões sobre a escrita de fronteira realizada pelos sujeitos afrodiáspóricos (2014); Patrícia Hill Collins (2019), Djaimilia Ribeiro (2015), Bell Hooks (1980), Ângela Davis (2013), Grada Kilomba (2019), Chimamanda Adichie (2018), no tratamento de aspectos sobre a condição e as lutas das mulheres negras na contemporaneidade, compreendidas através da história e a consolidação da episteme do pensamento feminista negro; Homi Bhabha (2013), Frantz Fanon (2018), Kabengelé Munanga (2018), que abordam sobre a cultura e a identidade construídas em sociedade e individualmente como os processos identitários enfrentados pelos negros no contexto da diáspora; Nilma Lino Gomes (2002) e (2003) que analisa a importância dos traços do negro como ícones identitários e como estes influenciam na reflexão do indivíduo do seu lugar de identidade, a fim de evidenciar como os traços circunscritos ao feminismo negro contribuem para que a personagem principal, Milla, construa uma postura e um pensamento ideológico.

Há, ainda, os teóricos da literatura que versam sobre a constituição do romance contemporâneo, Walter Benjamin; sobre a literatura e a sociedade, Antônio Cândido (2010), Theodor Adorno, Terry Eagleton (2013). E os estudiosos da memória como Maurice Halbwachs (2010) e Michael Pollak (2006).

O corpus da dissertação é composto por três capítulos, o primeiro discorre sobre o reflexo da diáspora através da escrita de fronteira evidenciados a partir no trânsito Angola-Portugal expresso no romance. Como subtópicos, a mulher negra e a escrita de fronteira, exemplificando como as escritoras negras trabalham a temática diáspora em suas produções literárias; a mulher negra e a escrita de si, enfocando a ausência no passado das vozes femininas negras sobressaindo na literatura e enfatizando a importância das produções fomentadas por essas escritoras negras na atualidade, perpassando um fio condutor para o próximo tópico que discorre sobre a vida da escritora do romance, Djaimilia Pereira de Almeida, e a influência do feminismo negro e processo da diáspora na sua produção literária.

O último tópico do primeiro capítulo discorre sobre os estereótipos que são atribuídas as personagens negras na literatura, bem como a ausência destas em papel de protagonismo e em vozes ativas no cerne das narrativas ficcionais e a recorrente descrição em perfis, passivos, animalescos, extremamente sensualizadas no rol da literatura tradicional consideradas canônicas.

O segundo capítulo vem intitulado como *Esse cabelo* e o feminismo negro, esboçando a narrativa conteudista da obra, bem como sua fortuna crítica em paralelo a conceituação do feminismo negro e as características do movimento, seguido do tópico nomeado, personagem Milla, uma feminista negra, com as ações e manifestações de resistência e afirmação da negritude da personagem. O segundo tópico vem intitulado como o racismo e autodefinição; e o último, a intelectualidade da mulher negra estratégia *sui generis* no feminismo negro.

O terceiro capítulo explora a atividade intelectual das mulheres negras em direção a um conhecimento consolidado e organizado para divulgação das produções de todas as mulheres silenciadas. Exemplifica a atuação educacional da personagem Milla, de como a instrução possibilita uma consciência das problemáticas e amplia a visão dessa mulher negra para elaborações de ações efetivas contra as injustiças sociais advindas da discriminação racial, classista e sexista enfrentadas pelas mulheres subalternas, como as demais populações marginalizadas e ocupante das bases da pirâmide social.

As considerações finais veiculam algumas conclusões e questões que são esclarecidas diante o decorrer dessa pesquisa. Logo nas primeiras análises perceptíveis na abordagem que Djaimilia Pereira de Almeida realiza no romance *Esse Cabelo*, traçando a partir da personagem Milla, a ideia de identidade atrelada a consciência de gênero e raça que a personagem adquire ao longo de suas experiências em seu corpo de mulher negra em relação com a sociedade racista Lisboense.

É exposto a partir da palavra literária o quanto o trabalho da consciência de Milla a encaminha para a articulação de um pensamento feminista negro individual e coletivo, ainda que, por vezes, inconscientemente e, que toda a sua tomada de consciência reside na compreensão de uma relação ancestral entre sua vida passada em Angola, traçada simbolicamente pela escritora a partir do ícone identitário da personagem a saber: seu cabelo crespo, bem como a vida atual na sociedade portuguesa em que estabeleceu vida, educação, profissionalismo, formação e relações familiares e interpessoais.

O trabalho é fechado com um apanhado das respostas obtidas pela pesquisa juntamente a análise da obra, bem como a teoria aplicada, considerando os resultados evidenciados em cada capítulo. A pesquisa foi pautada na observação e análise da postura e discurso de Milla, como

uma feminista negra que se posiciona aliando experiência de vida à posturas de rejeição às imagens de controle, sendo estas constituintes de uma sociedade racista e misógina que busca silenciar os discursos das mulheres negras de todas as camadas, inclusive suas produções intelectuais.

Produções intelectuais de dentro e fora dos parâmetros acadêmicos, mas que não deixam de ser intervenções rumo a transformação da sociedade, à construção de um mundo mais justo e igualitário tanto para as mulheres negras, quanto para todas as pessoas que habitam às margens da sociedade e espaços de exclusão, efetivando o objetivo do feminismo negro que é a igualdade entre gênero, raça aliada a justiça social perante a desconstrução de conhecimentos baseados na episteme eurocêntrica.

## **2 ENTRE ANGOLA E PORTUGAL: REFLEXOS DA DIÁSPORA E DA ESCRITA DE FRONTEIRA EM *ESSE CABELO***

A palavra diáspora é uma palavra feminina que significa dispersão ou separação, é o ato configurado social, cultural e econômico, de dispersar um grupo de pessoas ou um povo especificamente de seu lugar para um lugar estrangeiro. A pensadora feminista negra Patrícia Hill Collins conceitua diáspora como: “Experiências de pessoas que, em razão da escravidão, do colonialismo, do imperialismo e da imigração, foram forçadas a deixar sua terra natal” (COLLINS, 2019, p. 73). Um dos povos que enfrentou esse processo mais intensamente foram os africanos, em decorrência da escravidão, do tráfico dos navios negreiros, da instauração dos regimes colonialistas que subjugarão as nações por séculos por meio do seu sistema de exploração.

Denominada como *a velha diáspora africana*, termo comumente usados para caracterizar as formas da diáspora voltada para a população negra, do deslocamento forçado dos africanos para diversos países no intuito de explorar a força de trabalho, submetendo-os ao genocídio negro no percurso marítimo dentro dos tumbeiros, nas jornadas exaustivas de trabalho sem remuneração ainda perdura até hoje de formas diferenciadas, reconfigurada, mas com os mesmos intuítos.

O romance *Esse Cabelo* aborda alguns aspectos das relações entre Angola e Portugal como também uma das consequências da permanência duradoura da instituição colonial e escravista que promulgava a movência dos sujeitos negros pelo mundo, visto que a narrativa traça diretamente a vida da personagem Milla em trânsito geográfico, cultural, identitário entre esses dois países, mesmo que tenha saído de Luanda ainda criança e estabelecido sua vida em Lisboa, ainda traz em si memórias vivas que perpetuam esse relacionamento com o passado ancestral.

Essas marcas evidenciadas pela escrita de fronteira na narrativa funcionam como mote reflexivo sobre os efeitos da diáspora na identidade cultural dos muitos personagens do romance que enfrentaram o processo da imigração entre os dois países, principalmente Milla.

A biografia do meu cabelo poderia começar muitas décadas antes em Luanda, numa menina Constança, loura furtiva (uma apetecível “menina dactilógrafa?”), paixão silenciosa de juventude do meu avô negro, Castro Pinto, (...) talvez a história do meu cabelo tenha origem nessa menina Constança, com quem não tenho parentesco algum, porém procurada por ele no cumprimento das minhas tranças e nas raparigas do autocarro que, na velhice, nos arredores de Lisboa, o levava de madrugada a Cimóv onde, curvado, varreu o chão até morrer (ALMEIDA, 2017, p. 10).

A passagem acima alude a compreensão identitária da personagem na relação entre esses dois locais identitários que constituem a sua subjetividade. Milla apesar de não conhecer apropriadamente Luanda pelo motivo de ter partido da cidade ainda criança, mesmo assim faz referência a cidade como lugar importantíssimo para a constituição da biografia do cabelo, enfatizando que o cabelo representa a história da sua vida e identidade.

O jogo narrativo que expressa o movimento entre os dois lugares, também expressa a oposição entre as raças, que sobressai no conceito do cabelo de Milla, no cabelo de Constança, e na ênfase que ela dá a cor de pele de seu avô. Essas duas oposições binárias somadas constituem o entrelugar de identidade da personagem entre Angola e Portugal e, entre a família branca e a família negra, a quem faz referência no decorrer da narrativa.

Em *O atlântico negro, modernidade dupla consciência* (1995), Paul Gilroy esboça sobre a ideia de como é difícil o indivíduo que habita duas identificações e os conflitos entre administrar essa dupla consciência. O perfil das personagens em especial, as personagens negras e, em particular, a protagonista em *Esse Cabelo* habita esse local de tentativa de reconciliação entre Europa e África, o que acaba gerando conflitos e crises existenciais e a sensação de não pertencimento a nenhum dos dois.

A realidade dessa existência no romance é sobreposta como algo desconfortável e marginal para o sujeito que imigra e fica sempre à margem da vida de qualidade que esperava viver em Lisboa.

A covilhã sobrelotada não é, em Lisboa, uma estalagem de Vila, mas uma colônia de leprosos á beira da estrada, ao mesmo tempo no centro da cidade e ostracizada, porque para chegarmos a nenhures basta virar uma esquina suja. Da janela do quarto, os doentes veem por detrás de grades as traseiras do hospital, acompanham a recolha de resíduos e entretém a promessa de quartos mais amplos, imaginados através das paredes cinzentas do que mais parece uma fábrica que uma casa de saúde (ALMEIDA, 2017, p. 20).

A escritora Neusa Maria Mendes Gusmão em *Os filhos da África em Portugal antropologia, multiculturalidade e educação* discorre sobre a situação do imigrante luso

africano e dialoga com a descrição feita por Milla sobre a pensão covilhã. A passagem acima, deixa explícita a ideia de que mesmo fazendo parte do centro de Lisboa a pensão também fica à beira da estrada. Gusmão (2006) identifica como “zonas de exclusão” e de vida precária, que refletem até nas condições de moradia, assim “as expectativas dos que migram quanto às possibilidades de “fazer vida”, de buscar uma vida melhor, começam então desvanecer”. Essa ideia expressa de dupla localização centro/ beira, sugere refletir sobre a situação de pobreza e marginalidade e exílio socioeconômico posta aos imigrantes.

À entrada da pensão Covilhã, mesmo na esquina da Casa de Amigos de Paredes de Coura, os doentes tomam um ar de Lisboa. Trazem um penso num dos olhos, uma gangrena na coxa, o braço guardado num gesso já puído e tatuado, sob o qual se coçam com um pauzinho chinês. São os despojos do império, Camões de ocasião embora tenham apenas nove anos, escusados à mortalidade infantil para o que lhes parecem férias urbanas e, á semelhança de todos, destinados a conhecer de Portugal, com alguma sorte, apenas o mundo de onde vieram (ALMEIDA, 2017, p. 8).

Mila narra, no fragmento acima, a saga dos imigrantes angolanos em busca do tratamento de saúde que cruzavam a fronteira entre Angola e Portugal, mas que chegando à Lisboa a realidade sanitária e de recepção era de extrema exclusão social, crianças propensas a mortalidade infantil pela precariedade do tratamento destinado a elas, mas que sob pura inocência e desconhecimento da realidade divertem-se ao imaginar estarem em um local de férias.

A realidade expressa por essas condições pode ser entendida a partir da reflexão de Gusmão (2006).

O luso-africano em Portugal encontra-se exposto a dupla e ambígua condição de ser e não ser português, com agravante de que essa pertença a um mundo de origem diferente do mundo no qual se vive é muito recente\_(...) tornando-se significativo pensar o caso português em acontecimento (GUSMÃO. 2006, p. 19).

O entrelugar que habita o luso africano revela as crises de identidade que esse sujeito enfrenta, já que pertencer a nova cultura em totalidade é uma utopia e retornar a terra de origem sem as mesclas da nova cultura é também utopia. A falta do encaixe em ambos os lugares de pertencimento acaba originando um terceiro lugar que é um espaço de conflitos identitários e negociações subjetivas dos indivíduos. Ocasiona reflexão da importância que ocupa nesse novo contexto, levando em conta aqui apenas as questões pessoais, mas sabendo que ainda existem

os complicadores de como esse novo lugar os trata, considerando o caso particular dos sujeitos negros que passam a ocupar posição de subalternidade por dois complicadores: o ser imigrante e o ser negro.

Mila expressa bem como essas negociações lhe afetam no decorrer de sua vida como imigrante, mulher negra e angolana em Lisboa: “Aonde iria eu? procurar-me onde? Não foi apenas a circunstância dessa mudança de casa o que, reaproximando-me dos subúrbios da minha infância portuguesa, me trouxe, ironicamente, saudades de Angola” (ALMEIDA, 2017, p. 82).

Ao refletir e rememorar sobre os acontecimentos de sua vida em Portugal, Milla questiona o lócus identitário, pois o saudosismo de Angola vem a partir das memórias e da observação de sua vida incompleta. Mesmo estando em uma condição confortável socialmente, sente que está em dividida com a sua identidade e a sensação de estar incompleta é a presença constante, quando lança o questionamento na passagem acima: “procurar-me onde?”, revela a existência de uma busca e mostra um problema não solucionável, pelo fato de que a sua identidade é constituída de várias partes e lugares, como se ela ainda não possuísse o seu espaço de pertença.

Da pessoa que não fui tenho a mesma noção truncada que Maria da Luz tinha de Lisboa, o conceito truncado de Conceição ou Josefina que seu retrato patético e esbatido preservava, o telegrama elíptico que me chegou da juventude dos meus pais, o ainda mais elíptico telegrama dos meus anseios e esperanças em qualquer idade do passado. Todo este fumo me é hoje um rosto esborratado através do tempo, a caricatura (sei que o repito) da pessoa que, não chegando a ter sido, persisto em repetir que não cheguei a ser, como se precisasse me convencer (ALMEIDA, 2017, p.140).

A consciência de ambiguidade ou multipartes de sua identidade é exposta por ela no trecho acima, ao utilizar a expressão “noção truncada” que sua avó tinha de Portugal por não o conhecer de fato. Ela utiliza a mesma expressão para se referir ao que sentia sobre a pessoa que deveria ter sido Milla. Metaforiza a sua consciência de possuir uma identidade fragmentada, composta por partes que, por vezes, a confunde.

A expressão “rosto esborratado” revela uma noção do seu passado não decifrada totalmente e que interfere deveras em sua vida do presente, ocasionado constantemente pelo trânsito memorial entre passado e presente, das lembranças dialogadas entre Angola e Lisboa, infância e idade e adulta.

Para os jovens, a África é próxima e distante, e serão eles, mais do que seus pais, a compreenderem melhor a questão da distância. Para eles, a África, no máximo, é um lugar para se ir a passeio ou em férias.(...) a condição de ambiguidade e ambivalência lhes dá a possibilidade desse trânsito(...) os pais viveram a condição de africanos, eles não. Eles vivem a condição africana pelo que é a sua família, pelo que são o bairro e a vizinhança no interior do mundo português. Eles tem uma representação, um imaginário do que é a África, é o sol, o mar da África, mas eles nunca foram lá. Eles são jovens num país globalizado, numa metrópole (GUSMÃO, 2006, p.173-174).

As “noções truncadas” das quais a personagem faz referência é exatamente pela fonte de informações do seu passado serem apenas histórias das quais as pessoas lhe contam. Pela consciência que adquire em compreender a importância do que lhe ocorrera na infância, como significativa contribuição para sua ancestralidade e como os seus antepassados influenciarem sua vida presente. O que ela conhece com profundidade é produto do que as memórias coletivas lhe proporcionam. Como corrobora o pensamento de Maurice Halbwachs em *Memória Coletiva*.

Assim, a consciência não está jamais fechada sobre si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio a variação continua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica (HALBWACHS, 2010, p. 14).

A compreensão do passado de Mila é ancorada nas memórias coletivas e históricas, as quais ela evoca e as que chegam a ela naturalmente. Percebe-se, portanto, que o diálogo que Milla realiza entre Angola e Portugal é um diálogo ancestral e social, pois o seu lugar e identidade é sempre questionado com a frase “Onde está a Mila?”, questionamentos estes suscitados a partir dos recorrentes assédios que enfrenta como uma mulher negra transcontinental.

Para as mulheres negras estadunidenses e outros afrodescendentes, um referencial diaspórico sugere uma dispersão desde a África para as sociedades do Caribe, América do Sul, América do Norte e da Europa. Transnacionalmente, as mulheres deparam com desafios sociais recorrentes, como pobreza, violência, questões reprodutivas, falta de acesso à educação, trabalho sexual e suscetibilidades a doenças (COLLINS, 2019, p. 73-74).

Os problemas que tanto homens e mulheres afrodescendentes enfrentam, mesmo dispersados em regiões diferentes no mundo, a partir da diáspora africana, bem como as

dificuldades apresentadas na narrativa pela personagem Milla, de se sentir pertencente e viver dignamente na sociedade portuguesa de Lisboa, são problemáticas padronizadas. Tais problemáticas partem de um denominador comum, o ser negro em sociedades estruturadas radicalmente em concepção racista e segregadoras, que impelem e demonizam tudo que é de origem africana a partir dos processos históricos, sociais, econômicos e culturais em que foram balizadas.

O choque terrível da separação e a dor violenta de se privar do elo com a comunidade, tanto dentro como fora do continente, são experiências de ruptura que transmitem a definição clássica de trauma. O desmembramento dos povos africanos simboliza um trauma colonial, pois trata-se de uma ocorrência que afetou tragicamente não apenas aquelas e aqueles que ficaram para trás e sobreviveram à captura, mas sobretudo aquelas e aqueles que foram levadas/os para o exterior e escravizadas/os. Metaforicamente, o continente e seus povos foram desarticulados, divididos e fragmentados. É essa história de ruptura que une negras e negros em todo o mundo (KILOMBA, 2019, p. 207).

As rupturas de que Kilomba trata referem-se ao choque da fragmentação das identidades, a mesma ruptura que dá origem a um novo lócus de identificação, resultado da mesclagem entre os dois espaços que resulta num terceiro espaço considerado de fronteira não geográfica, mas simbólica por, exatamente, representar o lugar de negociações feitas pelo sujeito sobre o novo e o antigo lugar o qual habitou.

Um espaço revelado na narrativa, marcado pela busca do verdadeiro eu realizada pela personagem Milla, mostra como se dá a formação desse eu cindido entre os dois espaços.

Não posso é esquecer-me deste cabelo sem me esquecer também de mim e seguir à minha frente deixando-me para trás como duas pessoas que se perdem numa feira, admiti para comigo mais tarde. Na sequência desse último corte começaria a vontade de saber a sua história. O motivo principal foi-se revelando aos poucos, ao perceber, sem saber que o sítio onde cresci afastada me voltava agora como um lugar de interesse oblíquo, mas constante. Ao mesmo tempo que Luanda me visitava, dei por mim de regresso a Oeiras, numa nova mudança de bairro: eis de novo nas ruas nas quais a avó Lúcia passeava a sua mise de mãos dadas comigo, por onde íamos à missa ao domingo ou caminhar depois do jantar no verão, no tempo em que a gente o fazia (ALMEIDA, 2017, p. 81).

Ao misturar às lembranças os detalhes de Angola com as lembranças da vivência em Oeiras, Milla revela o quanto esses dois lugares influenciam o seu, que não pode desfazer ou ignorar um nem o outro. Os seus traços remetem a Luanda, um passado cujo a personagem vai

entendendo como indispensável na compreensão da sua história, e um presente que se entrelaça para dar sentido completo a sua existência, resultado da junção desses dois lugares

A posição de Mila é sempre de interconexão entre os dois ambientes, o que é evidente em sua sensação de incompletude, um problema que não se resolve na narrativa, mas que constitui um dos fatores da tragicomédia da vida da personagem:

O apartamento era o balcão de ferramentas do meu avô português, passava as tardes à mesa a fazer cálculos no meio de uma pilha de papéis e extractos bancários (...) uma vez explicou-me que nem sempre era mau deixar uma coisa ao meio, falando-me da “Sinfonia incompleta” de Schubert, que me ofereceu, tentando resgatar-me da lambada, mas o apaziguamento da incompletude eu ainda não encontrei, preferindo conformar-me com fazer passar tentativas frustradas por objetivos, cortando males e cabelo pela raiz, fazendo do pudor do assunto, o assunto (ALMEIDA, 2017, p. 68-69).

O “apaziguamento” de que trata Mila são tentativas frustradas de conseguir identificar-se plenamente a um ponto fixo, um lugar de identificação plena a que ela não consegue chegar, mas encontra frustrações repetidas ao transitar suas identidades. A sinfonia incompleta é uma metáfora de como ela se sente habitando um lugar de deslocamento constante, e corta por vezes o cabelo à raiz, pois, exatamente, o cabelo é o ícone identitário que suscita nela as incertezas de pertencer a um único lugar.

## **2.1 Percursos históricos da mulher na Literatura de fronteira**

A literatura de fronteira aborda para além do sentido de limitação geográfica, mas parte a um entendimento de lócus social e político, em que as produções escritas por quem habita as fronteiras simbólicas enfatizam em suas produções literárias as ideias de margem e de exclusão. A palavra fronteira sugere, nesse contexto, um local de negociações identitárias nos quais sujeitos expressam as suas configurações históricas e sociais de povos que habitam os espaços de subalternidade.

Vários fatores, em especial, o fenômeno da diáspora, dispersou homens e mulheres pelo mundo, com carga identitária relevante, com histórias, memórias culturais e ancestrais, mesmo com as crises e problemas a que eram submetidos em uma nova sociedade que não a sua de origem. As mulheres, principalmente, foram agentes responsáveis por manter e cultivar os valores de suas nações de origem, bem como a cultura, religiosidade e tradições ancestrais, combatendo o apagamento sugerido pelo ambiente da cultura dominante eugenista.

Parte importante e que não pode deixar de ser mencionado dentre essas manutenções e preservação dos artefatos, símbolos e conhecimentos ancestrais, é o cultivo da formação literária que vai se constituindo nesse novo lócus cultural, formação essa que mescla configurações dos dois locais de pertencimento, o novo e o de origem, formando assim uma nova literatura, denominada de fronteira.

Mediante a investigação histórica, a presença masculina maciça na gênese literária é bastante perceptível pela observação à ausência da participação feminina devido a vários fatores sociais, econômicos e históricos. Podem ser citados os vestígios devastadores da escravidão sobre os corpos dessas mulheres, que não só as limitaram, mas também que as privavam das atividades intelectuais. Kilomba (2019, p.53) defende que existe uma estrutura organizada que define quem pode ou não ter conhecimentos produzidos como válidos.

Além disso, as estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é erudição de “verdade” e “válida”, são controladas por acadêmicos brancos. Ambos, homens e mulheres, que declaram suas perspectivas como condições universais. (...) Portanto o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de “raça”.

Ainda há resquícios fortes da privação das mulheres negras aos espaços de instrução, porque estes foram delimitados por relações de poder racial durante tempo em detrimento dos postulados baseados na ideia de raça superior/inferior e, aqui, inclui ainda, o fator gênero para mulheres negras. Todavia, é perceptível a mudança que vem ocorrendo a partir de intervenções dessas mesmas mulheres ao escrever, ultrapassando os bloqueios impostos pelas construções sociais históricas desiguais. Isso acontece através das literaturas produzidas em países africanos, literaturas que evidenciam uma reconstrução pós período colonial, no intuito de restituir as identidades ancestrais desses países e, para além disso, deslocar o núcleo do saber antes unicamente ocidental para uma construção decolonial.

O acesso das mulheres à escrita, aos bens artísticos em todas as culturas ao redor do globo é motivo de debates e discussões cada vez mais comuns na atualidade. Sabe-se que é histórica a privação das mulheres aos espaços de produção e meios intelectuais desde muito tempo, mas com as mudanças significativas ocorridas através de muitas batalhas contra as ideologias discriminatórias, misóginas e segregacionistas, a transformação desse quadro tem se tornado notória.

As mulheres vêm alcançando seu lugar de direito dentro dos meios intelectuais e de produções científicas, ainda que timidamente. Falamos, aqui, generalizando todas as mulheres,

mas compreende-se que a realidade de algumas ainda é mais injusta quanto a esse acesso e garantia do direito a produzir ficção, validade e reconhecimento de suas criações literárias.

Apesar de muitas superações em algumas sociedades, como em outros seguimentos sociais, a mulher ocupa um espaço de desvantagem na vida profissional, política e literária também. Quanto ao acesso à educação, dos subsídios necessários para obtenção de sucesso na área, pouco reconhecimento, falta de condições financeiras, além da misoginia que afeta as que procuram galgar uma carreira acadêmica e de atuação na literatura. É o que se pode perceber na análise de Michelle Perrot, em seu livro *Minha História das Mulheres*.

E as mulheres na história? É um balanço impossível, que oscila ao sabor dos dias e dos acontecimentos, entre o otimismo da conquista ("Ganhamos") e o ceticismo do sentimento da ilusão. No mundo ocidental, a igualdade dos sexos, identificada tardiamente, tornou-se um princípio reconhecido, até pela Constituição europeia. As mulheres tiveram acesso a muitos domínios do saber e do poder que lhe eram proibidos, inclusive militares e políticos. Conquistaram muitas liberdades. Principalmente a liberdade da contracepção, que é o ponto central da revolução sexual. Seu prazer não será contrariado. 168E agora? Entretanto, entre teoria e prática, muitos desvios subsistem. Assim no acesso às responsabilidades, às profissões, à igualdade salarial etc (PERROT, 2006, p. 168).

Perrot (2006) ressalta as conquistas que já foram galgadas, mas ao realizar o balanço entre conquistas e perdas, a disparidade observada se acentua fortemente e faz surgir questionamentos sobre as amarras e entraves que ainda impedem o desenvolvimento pleno de todas as mulheres, bem como o acesso a direitos básicos para as que se localizam em lugares ainda mais emergentes.

Olhando por um viés humanista, amparado por Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (2014) percebe-se a condição da mulher que decide escrever ficção e relaciona esse ofício com as condições materiais quando diz: “a liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos” (WOOLF, 2014, p. 131).

Salientando que Woolf relata sobre a condição da mulher, mas sabendo que esse pensamento se encaixa melhor no perfil de uma mulher branca do ocidente, leva-se em conta, nesse período, que a condição das mulheres negras era ainda mais complexa, muitas em condições análogas à escravidão. Desse modo, busca-se contemplar a situação da mulher negra imigrante a partir desse pensamento de WOOLF (2014), particularmente, com mais cuidado, não fechando os olhos para sua real condição material naquele momento histórico e de como esse fator influenciaria no seu pleno exercício criativo.

É certa que o potencial artístico e criador era parte intrínseca a história da mulher negra, como força presente em muitas mulheres oriundas das culturas africanas. Entretanto, as opressões interseccionais por quais ela havia passado e passava mediante aos resquícios dos prejuízos da colonização, das guerras, e a esfacelamento das identidades provocadas pelos horrores do colonialismo e o sistema escravista, lhe impediriam de poder exercer plenamente a ficção com toda sua totalidade criativa, ou pior ainda, terem silenciadas suas produções artísticas pela influência do racismo e misoginia latentes na sociedade.

Nah Dove explana em seu estudo denominado *Mulherisma Africana* (1998) que a atuação da mulher negra desde o princípio se direcionou para uma representação autêntica da história da África em todos os segmentos. Dentro e fora dos países de origem, elas são responsáveis por manter essa tradição, seja ele de organização em comunidade, como em produção de bens culturais.

Essa configuração não se restringe apenas ao território de origem, mas mesmo nos processos de imigração forçada, em que a população negra se via na necessidade de transitar a outros países, essas mulheres carregavam a maior parte da responsabilidade e comprometimento em perpetuar a manutenção da cultura negra e suas expressões musicais, religiosas e, principalmente, literárias, em sociedades que promoviam o apagamento da identidade negra.

“A mulher é reverenciada no seu papel de mãe, quem é a portadora da vida, a condutora para a regeneração espiritual dos antepassados, a portadora da cultura e da organização social” (DOVE, 1998, p. 8). São pontuadas pela autora, a importância e relevância da figura feminina, materna, religiosa, cultural e social e, com isso, a reflexão do seu papel na produção dos bens culturais, da arte e desenvolvimento destas.

Como exemplo da escrita de fronteira temos Alda Lara (1930-1962), mesmo se diferenciando da autora de *Esse Cabelo* nas questões étnicas, Alda é uma mulher branca, mas que realiza o mesmo trânsito que Djaimilia, o que diferencia é que ela retorna para Angola, porém ainda ficam expressas em suas produções as marcas da escrita que estabelece a relação entre Angola e Portugal.

As temáticas trabalhadas por ambas as escritoras remetem às lembranças da terra natal através dos mecanismos da memória e do saudosismo. Alda, por sua vez, foi autora de uma única obra intitulada *Poemas*, com temáticas de regresso, saudosismos e lembrança da infância, a autora junto aos poetas, acima citados, também foi uma das responsáveis pelo surgimento da revista *Mensagem*.

Outro nome notório na Literatura de fronteira é o da escritora e historiadora Ana Paula Tavares (1952), natural de Lumbungo, no norte de Angola, também é como a autora do romance *Esse Cabelo*, uma escritora de fronteira, pois realizou o trânsito entre Angola e Portugal, detalhe esse que influencia em suas produções, as quais incluem contos, poesias e romances.

O que pode ser observado na maioria dessas escritoras é a busca por instrução, o que Portugal lhes possibilita, uma formação acadêmica e profissional que proporciona novos caminhos e meios de poderem exercer suas funções artísticas e intelectuais. A educação se torna o alvo dessas mulheres e, então, isso as possibilita alcançar e tornar-se porta voz de suas histórias e culturas, não mais sendo apenas descritas pelos outros, rompendo uma relação de poder branca e patriarcal e expressando as suas condições sociais e como o trânsito geopolítico entre duas culturas influencia suas produções.

## **2.2 A mulher negra e a escrita de si**

A abordagem da mulher negra através do seu próprio olhar na literatura e tanto as produções feitas por elas, só alcançaram essa quebra de paradigma do olhar do outro muito recentemente, onde eclodiu, ou melhor, tomou uma proporção maior, as visualizações de produções literárias femininas negras de alguns países ao redor do mundo. Sobremaneira, países africanos de língua portuguesa, romances femininos afro americanos, escritoras afro latinas, nigerianas, que passaram a ser lidas e disparadas nos *rankings* de leituras e premiações literárias mundiais.

Entre as produções de mulheres negras nas literaturas mundialmente reconhecidas pode-se citar a escrita de Noêmia de Sousa, Paulina Chiziane, Ana Paula Tavares, Conceição Lima, na literatura afro-americana; Tony Morisson, nas escritas afro latinas; Conceição Evaristo, e Djaimilia Pereira de Almeida com uma produção literária da literatura portuguesa, dentre várias outras representantes.

As abordagens evidenciadas nessas produções literárias marcadas por uma identidade feminina negra de várias partes do mundo têm em comum, o fato de que, trazem para o cerne de suas produções, problemáticas associadas as experiências sócio culturais de mulheres negras, denunciam as organizações sociais pautadas no racismo e sexismo e o classismo e a soma dessas três complicações.

É indissociável as atividades artísticas e intelectuais das percepções subjetivas do mundo particular dessas escritoras, que sempre veiculam as temáticas familiares concernentes

a seu cotidiano e experiências comunitárias, tais como, pobreza, violência doméstica e espaços de exclusão das mulheres em poéticas e romances.

O que interessa analisar é o ponto comum presente nos novos discursos, no qual a maioria dá destaque ao discurso feminino que ressoa as impressões, sentimentos, direito de fala, lugar de protagonismo e ação para personagens femininas negras. Este fato que se opunha ao que antes se observava nas literaturas ditas coloniais, que segundo Edward Said (1983) é um discurso responsável por subalternizar o que não é ocidental, e mais ainda, colocar o ocidental como discurso único e válido.

Características como essas, presentes nas narrativas das escritoras, têm em comum o protagonismo de personagens femininas negras que descrevem tanto suas vivências, quanto as impressões do mundo que as cercam. Nesse viés, opõem-se ao caráter da literatura colonial que tira essas personagens do centro e de espaços de voz, ficando como secundárias e descritas pela definição do outro que as descreve com estigmas negativos.

Mas nem sempre foi assim e nem todas tiveram destaque e oportunidade de terem suas criações divulgadas, pois a visibilidade da escrita feminina negra foi conquistada a partir de uma batalha árdua por espaços de produção e reconhecimento. Maria Nazareth Fonseca em *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa mobilidades e trânsitos diaspóricos* (2015, p. 63) descreve a realidade de criação dessas mulheres, relacionando com os processos diaspóricos que muitas enfrentaram, retratando o quanto os fatores históricos e sócio culturais por quais passaram influenciaram e influenciam na dificuldade em conseguir apoio às suas publicações.

As discussões sobre o cânone literário- que muitas escritoras nem sabiam exatamente o que significava- misturava-se a referências sobre a dificuldade de se publicar nos países de origens das escritoras, ao pouco espaço nas editoras para publicação de livros de autoria feminina e, sobretudo, a falta de políticas efetivas sobre livros e sua circulação.

Djaimilia Pereira de Almeida, como representante dessa Literatura de mulheres negras afrodiásporica e vítima de um racismo genderizado, através de *Esse Cabelo*, dá voz à Milla para que a personagem possa refletir, opinar e intervir a respeito dos fenômenos que acontecem a sua volta, descrevendo um perfil consciente e intelectual, como representação das mulheres que estão a sua volta.

Surpreende-me então uma coincidência entre o que sou e a narração da minha origem. Apenas a partir da sua irrelevância, posso deter-me na memória de penteados, coroa estática assente naquilo de que distraem. Serem precisas ventanias para perturbar o meu cabelo não deixa de ser irônico (ALMEIDA, 2017, p. 31).

A autora expõe o caráter material do discurso; poder discursar é também poder intervir na vida material, já que por vários tempos, as falas em seus diversos modelos eram controlados, limitados e refletiam a faceta da liberdade e do poder. A escrita de Djaimilia, através de Milla, expressa a livre manifestação e expressão da mulher negra, destoando do que já existia sobre si mesma, a descrição estereotipada pelo padrão de escrita hegemônica.

É histórica a descrição de personagens femininas negras em muitos romances carregada de estereótipos e visões preconceituosas, de modo que essas observações podem ser consideradas como efeito das situações e condições dessas mulheres na sociedade, já que as produções literárias também são afetadas por ideologias e sofrerem influência do contexto histórico-social em que estão localizadas temporalmente.

Patrícia Hill Collins em seu livro *Pensamento feminista Negro*, diz que:

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição da mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição da mulher negra (COLLINS,2019, p. 135).

A autora corrobora, aqui, na visão de que as imagens negativas atribuídas a essas mulheres são construídas e perpassadas objetivamente, na tentativa de tornar comum esses estigmas, os tornando uma verdade para quem lê e para quem olha. São conceitos que acabam internalizados dentro do indivíduo, e a literatura tem o poder de construir ou desconstruir as visões racistas e misóginas da formação social de um povo, ao passo que através dos romances, contos, crônicas também se instiga a crítica e reflexão através da obra de arte.

Para além dos desafios do acesso ao conhecimento academicista ainda há o questionamento da relevância daquilo que as escritoras negras produzem, por exemplo, sempre se é questionado o grau de cientificismo de suas pesquisas, como é expresso no pensamento abaixo.

Interessante, mas acientífico; interessante, mas subjetivo, interessante, mas pessoal, emocional, parcial: “Você interpreta demais”, disse uma colega. “Você acha que é a rainha das interpretações Tais comentários revelam o controle interminável sobre a voz do sujeito negro e o anseio de governar como nós nos aproximamos e interpretamos a realidade. Com tais observações, o sujeito branco é assegurado do seu lugar de poder e autoridade sobre um grupo que ele está classificando como menos inteligente (KILOMBA, 2019, p. 55).

Os questionamentos lançados sobre a escrita feminina negra tentam neutralizar ou controlar os pensamentos produzidos por esses grupos, pelo caráter transformador que possuem, pois, a produção dessas mulheres subverte o academicismo tradicional, em que os conhecimentos produzidos por grupos minoritários eram sempre marginalizados e tidos como menos importantes, sobrepondo as teorias dominantes como supremas e irrevogáveis.

Na nova escrita que vem eclodindo em prol de mudanças significativas e urgentes, no que concerne à fuga do conhecimento baseado na episteme eurocêntrica e que traz para o centro os conhecimentos da margem e dos grupos anteriormente silenciados, é denominada como decolonial, pois importa desmistificar aquilo que outrora era classificado como uma única verdade.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro *O perigo de uma história única*, exemplifica bem o conceito de ouvir a história e também o conhecimento por uma única perspectiva, ainda mais uma perspectiva dominante e interesseira, assim ela diz: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que o povo se tornar” (2019, p. 22).

Ela ainda relaciona a prática de quem conta a história e porque conta de determinado jeito, com as relações de poder, quais as intenções entrelinhadas por trás desse discurso que negativiza a imagem da mulher negra, da sua história e do seu povo e por qual motivo essa mesma história não pode ser contada por quem a viveu de fato.

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo<sup>1</sup> na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito do poder (ADICHIE, 2019, p. 23).

Na visão de Adichie (2019) quem detém o poder conta a história e a transforma em verdade absoluta, mas por trás de todo absolutismo existem questionamentos, as dúvidas deixadas por uma história que não foi contada, até que surgem as reivindicações. Este é o fenômeno que vem acontecendo, o repelir dos estigmas e arquétipos iniciados por essa produção

---

<sup>1</sup> IGBO é uma língua falada na Nigéria por cerca de 20-25 milhões de pessoas, os ibos, especialmente na região sudeste, anteriormente conhecida como Biafra e em partes da região sul-sudeste da Nigéria.

da margem, uma história nova contada por quem de direito. A negação dos estereótipos tem sido uma das táticas de rejeição à essa história única.

Esses estereótipos são negados através de uma estratégia do feminismo negro quando a mulher resolve se auto definir e essa autodefinição está muito ligada a sua forma de auto descrever-se. A mudança de viés e a repulsa a descrição do outro é expressa através, também, e principalmente, da escrita.

Para tal, existem espaços criados por essas mulheres a fim de fortalecerem o elo entre umas e outras e internamente recusarem afirmações negativas sobre si mesmas, os espaços seguros de voz. Segundo Collins (2019) são geralmente as comunidades, os ambientes de culto, e coletivos de mulheres negras.

Esses espaços institucionais nos quais as mulheres negras constroem autodefinições independentes refletem a natureza dialética de opressão e ativismo. As escolas, a mídia impressa e de radiodifusão, as agências governamentais e outras instituições de comunicação reproduzem as imagens de controle da condição de mulher negra (COLLINS, 2019, p. 186).

A sociedade e seus aparatos de comunicação repercutem as construções ideológicas em imagens de controle impregnadas de racismo e estigmas relacionados à figura da mulher negra. Paralelo a isso, numa estratégia de sobrevivência, são criados espaços comunitários em que a mulher pode desconstruir essas imagens, e nestes mesmos espaços elaboram estratégias de resistências contra a diversidade das explorações e racismo que atacam sua psique.

Os locais de fortalecimento são onde elas descobrem o poder de se auto afirmar e se definirem, e que podem falar sobre si mesmas sem serem definidas pelo outro. Então, quando descobrem o poder do discurso e da voz, descobrem, também, a gama de mudanças significativas que ocorrem com a autonomia da escrita. Assim, surgem as emancipações literárias; a literatura sendo contada pela voz de mulheres negras que falam de suas vidas, suas famílias, suas histórias, ancestralidades, suas insatisfações, anseios e sonhos, não sendo através de sua própria percepção e condição.

Nkwetto Simmond em *My body, myself: how does a Black Woman do sociology?* (1997) expõe as relações dos corpos e pensamentos das mulheres negras na universidade e a marginalidade a qual sua produção, escrita e debates estão sendo enquadrados pela avaliação e o discurso do outro, de como não se separam. A teórica discorre também sobre como um método valioso no combate ao racismo, ao narrar e falar do próprio corpo, da pele e do cabelo, as

mulheres negras da diáspora, vítimas da colonização, obtém uma poderosa ferramenta para desconstruir os pensamentos estigmatizados sobre elas.

O contar a própria história é revolucionário, é resistente, pois por muito tempo essa história foi contada pelo outro, a partir dos ideários da branquitude que foi propagado muito profundamente por todo o mundo. Esses ideários estão enraizados em todas as esferas da sociedade, refletidos na indústria da beleza, nos relacionamentos, no mercado de trabalho.

Os espaços de produções intelectuais começam a trabalhar a desconstrução desses valores, onde os pensamentos que enquadram mulheres negras em lugar de subordinação, e invalidam ou classificam como menos importantes seus trabalhos intelectuais começam a ser banidos. A partir da atuação das mesmas mulheres ao produzir conhecimento e trabalharem em prol dessa transformação social, ao fomentar os saberes denominados como decolonial, dão substância a um saber que ultrapassa a esfera da teoria e da crítica e passa a ser interventivo.

Essa intervenção é necessária nesse espaço acadêmico por ser também mais umas das instituições usadas como aparelho de limitação e silenciamento dos discursos produzidos por mulheres negras, pois como a maioria das instituições são em sua maioria controladas e dirigidas por homens brancos, é necessário reforçar que são também responsáveis por manter o sistema de supremacia branca e patriarcal funcionando, como explica Kilomba (2019, p. 51).

De ambos os modos, somos capturadas em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de violência.

O discurso é uma forma de exercer poder, segundo Foucault (2013) e, durante muito tempo, o direito de poder falar foi negado às mulheres negras, e como esse direito lhe foi retirado, a sua voz e a definição de si mesma era feita pelo outro, resultando em conceitos estigmatizados, distorcido para uma visão negativa e estereotipada da imagem da mulher negra.

Simmonds (1997) ainda diz que as mulheres afrodiáspóricas usam frequentemente essa ferramenta poderosa, que é a escrita de si. A sua descrição pessoal, psicológica, o contar a história de si, de sua cultura e de seu povo como resistência ao discurso hegemônico propagado por muito tempo, combatendo as teorias injustas criadas e disseminadas sobre um viés negativo na posição e sua contribuição para desenvolvimento global.

A autora discorre que os discursos acadêmicos sempre localizaram a mulher negra, o homem negro, e as coisas referentes a história de herança africana como inferiores, indignos de investigação e valorização.

Grada Kilomba em seu livro *Memória da plantação episódios de racismo cotidiano* (2019, p. 65) diz que “não posso ignorar quão difícil é para nossos corpos escaparem às construções racistas sobre eles, dentro da academia”. Aqui, a teórica fala tanto de um conhecimento organizado, uma epistemologia racista e classista quanto ao estar em um ambiente excludente e que discrimina corpos negros e, também, tenta limitar até onde esses corpos podem chegar.

A atuação da mulher negra na academia, sendo esta constituída por maioria branca e de ideologias eugenistas expressivas, de conhecimentos pautados e cheios de resquícios do passado colonial, não é uma tarefa simples, mas repleta de desafios diários, desde a decisão em ocupar os espaços acadêmicos, até o atuar efetivamente na produção de conhecimento. A atuação intelectual da mulher nesses espaços é resistência e, principalmente, ativismo.

O produzir conhecimento e não excluir a sua subjetividade tem sido um compromisso das escritoras negras espalhadas pelo mundo. Até na produção ficcional é impossível deixar de lado as marcas da vivência delas e de suas comunidades, pois está atrelado a sua vida intelectual o desejo por mudanças significativas na sociedade para si e para sua coletividade.

Contar a história de outra perspectiva é a missão de desconstruir o pensamento colonial, atribuir honra e dignidade tiradas de formas violentas da população afro diaspórica em todo território que fora ocupado e usurpado outrora pelos colonos. Confrontar o sistema, e não se ajustar a ele, ou andar segundo seus ditames, é o risco enfrentado pelas escritoras negras que se encorajam a si próprias a fugir das ideologias e combater as imagens de controle.

Collins (2019, p. 32) explicita que “mulheres negras que se dedicam a reivindicar e construir conhecimentos sobre mulheres negras costumam chamar a atenção para política de supressão que seus projetos enfrentam”. A escrita feminina negra, para além de obra artística e produção intelectual, é também, ação política e reivindicatória, pois traz apelos existentes fora da academia, e que dificilmente teriam voz, não fosse a ação emancipatória delas. As resistências e ativismo das mulheres negras da margem e periféricas ganham visibilidade através dos discursos acadêmicos dessas mulheres que, através da instrução, desafiam o sistema separatista das universidades e dos segmentos da sociedade como um todo.

### **2.3 Djaimilia, uma escritora da diáspora**

Reflete-se nas literaturas produzidas pelas nações africanas de língua portuguesa, e nos sujeitos afrodiaspóricos que habitam outros sistemas literários, mas que refletem esse perfil em suas produções literárias; os efeitos negativos e impactantes sobre suas vidas materiais,

psicológicas e culturais provocadas pela dispersão. Aqui, destacam-se os países Angola, Timor Leste, Guiné-Bissau, Moçambique e Cabo Verde, berço de obras literárias expressivas, com as temáticas identitárias e subjetivas. Os temas recorrentes relacionados aos fluxos migratórios nessas literaturas expressam, em comum, o tema de rememoração com o desejo de retorno ao sentimento de pertença nacional.

O perfil de Djaimilia como uma escritora da diáspora se localiza no pertencimento a dois mundos que se opõem, mas se complementam para a configuração identitária e subjetiva, levando a compreensão do que Matta (2008) classifica como *disseminação*. Os dois universos, os quais estão no passado, Angola, presente nas memórias infantis da personagem como memórias afetivas e significantes, e o atual, presente Portugal, que é o mundo atual da escritora. Hall (2006, p. 65) conceitua esse efeito como “costurar as diferenças numa única identidade”.

Ela, que é luandense, mas que atualmente vive em Lisboa- Portugal, doutora em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa, foi premiada por suas produções literárias, inclusive 3º colocada em um dos concursos de maiores destaques, o 2º prêmio de Ensaísmos da editora *Serrote* com o título *saudades de casa*, ganhou o prêmio Fundação Inês de Castro *com o livro Luanda, Lisboa, paraíso*, ganhou o *Fundação Eça de Queiroz e o Oceanos* em 2018.

Djaimilia conquistou, na categoria Literatura, o prêmio *Novos* em 2016, sendo finalista em muito concursos que dão visibilidade a arte. Aclamada pela crítica, a autora possui várias publicações em revistas, como *Revista Pessoa*, *Revista Zum*, *Words Without Borders*, *Common Knowledge*, *Granta Portugal*, *Ler*, *Quatro*, *Cinco*, *Um*, entre outras. *Esse cabelo* é uma de suas obras de maior destaque e repercussão internacional; o romance narra a história da personagem Milla e o relacionamento conflituoso com seu cabelo crespo, faz um traçado temporal, desde a infância da personagem em Angola, até a sua nova vida em Portugal, país onde passa a maior parte de sua vida, como explicitado nesse trecho da obra “a verdade é que a história do meu cabelo crespo cruza a história de pelo menos dois países e, panoramicamente, a história indireta da relação entre vários continentes: uma geopolítica” (ALMEIDA, 2015, p. 6).

A autora é, como muitos angolanos, de uma família miscigenada, família de brancos e negros, o que reflete também em muitas de suas obras a temática dos conflitos raciais, os preconceitos e práticas discriminatórias existentes entre Angola e Portugal desde os tempos da colonização, do trânsito de interesses existentes entre esses dois países. Ela, além do romance aclamado, *Esse cabelo*, também é autora de *Luanda Lisboa, Paraíso*, a segunda obra de sua criação, que trata incisivamente sobre a diáspora africana, retrato da história de muitos angolanos que rumam à Lisboa em busca de saúde, educação de qualidade, trabalho e melhores condições de vida. A autora trata do tema dos espaços como símbolos de identidade e aceitação,

além das problemáticas psicológicas e sociais que enfrenta o indivíduo afrodiásporico para se localizar dentro de uma cultura diferente da sua de origem.

Ainda como exemplos de romances de sua autoria, é possível citar: *Ajudar a cair* (2017), *pintado com o pé* (2019), *A visão das plantas* (2019), *As telefones* (2020), *Regras de Isolamento* (2020) e o mais recente, *Maremoto* (2021).

O reconhecimento dado a autora refere-se à sua sensibilidade em tratar de temas tão conflituosos de forma criativa e sensível, mesclando realidade e ficção. A habilidade de utilizar os recursos da memória para reconstituir a trajetória do sujeito afrodiásporico em suas narrativas, o lembrar, o rememorar como estratégia de encontro com as heranças ancestrais apagadas no processo da diáspora.

Através do discurso em primeira pessoa, no seu primeiro romance, *Esse Cabelo*, ela deixa transparecer marcas de sua subjetividade, pela história da personagem ser verossímilante a dela, até mesmo no apelido, trazendo marcas autobiográficas. É o real e o fictício para contar a história do cabelo crespo como símbolo da ancestralidade angolana preso à sociedade portuguesa e na história dos povos africanos espalhados pelo mundo, vivenciando os problemas raciais e históricos, produtos das colonizações dos europeus durante anos nos países africanos.

Na matéria especial sobre a biografia da escritora na revista *Quatro, Cinco, Um*, redigida por Nicole Witt e Jordi Rocca, a matéria dos livros de Djaimilia é descrita como constituintes de fantasmas íntimos e coletivos e de muitos questionamentos sem respostas. Ela, inclusive no romance base dessa pesquisa, parte do individual para tratar de problemáticas coletivas, não só os conflitos, mas as memórias afetivas de toda uma comunidade.

É evidente que um angolano residente em Portugal consiga identificar-se com algumas das memórias de Mila, seja linguística, cultural, ou até mesmo comungar dos mesmos sentimentos de um imigrante em terras lisboenses, não só pelo contexto geográfico, mas, e principalmente, racial.

A formação da identidade na diáspora caracteriza-se mediante a junção de duas nacionalidades ou mais, ao mesmo tempo, é um todo dividido em partes, como explicita Stuart Hall (2006) em *A identidade cultural na pós-modernidade*, obra que trabalha o conceito de identidade fragmentada. Segundo ele essa fragmentação ocorre, pois existe um deslocamento do centro nas identidades pós-modernas, antes consideradas unificadas, mas, agora, em crise, sendo esta provocada pelos conflitos nos aspectos culturais.

Um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe,

gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (HALL, 2000, p. 9).

O crítico atribui todas essas transformações, notadas a partir do final do século XX, como efeito do fenômeno da globalização. As interconexões geográficas, políticas e econômicas presentes na modernidade, interferiram fortemente até na visão subjetiva dos sujeitos e na sensação de pertença proveniente da cultura. Essas impressões, observadas e estudadas, evocam outros questionamentos quanto aos conceitos unificados de nação homogênea, e que grifa como fantasioso. E, agora, com o processo de globalização no mundo todo está mais evidência a heterogeneidade de povos, após o colonialismo e a diáspora enfrentada por vários povos, em ênfase nesta pesquisa, os povos africanos.

Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compreensão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais (HALL, 2006, p. 68).

Ele continua esse pensamento discorrendo que as identidades nacionais após os efeitos da globalização estão sendo desintegradas, ao passo que, ocorre a homogeneização cultural, e outras identidades, como as locais ou particulares estão se reforçando, pois elas elaboram uma resistência contra o pós moderno global. O mais enfatizado por ele é o fato de que as identidades nacionais estão em declínio, mas identidades híbridas estão tomando seu lugar.

Localizando, nessa teoria, a relação entre a postura artístico-criativa de Djaimilia, atrelada a sua condição identitária e cultural, é perceptível que as suas reflexões críticas e subjetivas partem da experiência em ser sujeito que emigra, que se desloca e, ao mesmo tempo, se fragmenta, parte de uma cultura para a outra. Segundo Matta (2008) as produções de escritores de fronteiras são efeitos da resistência a vários processos, como a homogeneização causada pela globalização. Segundo ela, esses escritores, como Djaimilia, buscam na memória apoio através das vivências para fazer apelo aos processos de reconstrução de identidade.

Márcia Marques de Moraes (2004, p.65) discorre sobre essas marcas subjetivas dentro do texto literário quando diz:

O olhar analítico fornece o material realista\_ “correlato objetivo” da experiência subjetiva e íntima\_ estes elementos referenciais asseguram a sensação de “naturalidade” de realidade verídica, produzindo um sentimento de que a arte não é mera ficção ou mero artifício.

Ao narrar com tanta naturalidade, mas também usando as ferramentas criativas da ficcionalidade, a escritora de *Esse cabelo* imprime no enredo sua subjetividade, partindo da história de uma única pessoa, que perpassa toda uma comunidade, enfrentando as mesmas problemáticas identitárias, num território híbrido e estranho à sua tradição de origem. Nessa perspectiva, seus livros alcançam notoriedade por exatamente usar a arte para contar os desafios de quem enfrentou o exílio e abandono da sua terra natal.

Em entrevista à *Revista Bualá*<sup>2</sup> ela confessa claramente a marca pessoal presente no romance *Esse cabelo*, analisado aqui, nessa existência de uma relação inseparável da sua escrita literária de experiências de vida ao dizer.

Pois, tornei-me esta pessoa que, por enquanto, escreve desta maneira. Mas tentando apontar para as razões que determinaram que assim fosse, sou forçada a reconhecer que isso é a expressão prática do que dizia há pouco: posso começar de novo, mas não me cabe dizer adeus ao que sou, não está na minha mão. A mão é nossa, mas por isso mesmo não podemos acenar em despedida ao passado de acordo com a nossa vontade.

A confissão da escritora dialoga com as falas de Manuel Rui (1985), motivado pelas produções angolanas que buscavam estabelecer uma identidade literária plena, ele declara “Temos de ser nós. “Nós mesmos”. Assim reforço a identidade com a literatura”. Djaimilia mostra com clareza a diferenciação de sua produção no que concerne as marcas de subjetividade expressas no escopo de suas narrativas ficcionais, como no caso de *Esse Cabelo*, uma marca mais autobiográfica, o que remete as conceituações de Walter Benjamin em *O Narrador* (1987), sobre a facilidade em narrar experiências e o uso dessas memórias para recomposição identitária do indivíduo. É a escrita de resistência da escritora que circunscreve o seu lugar no rol de escritores de fronteira, como denomina Inocência Matta (2008).

Matta (2008) denomina assim escritores que transitam entre duas nacionalidades, no caso da autora de *Esse Cabelo*, entre Angola e Portugal, no percurso infância/ adolescência/ idade adulta, e suas produções trazem as marcas dos dois países, mais fortemente com um expresso saudosismo das terras de sua infância. As impressões deixadas nos leitores é que sua narrativa é reflexo das vivências e das experiências como o indivíduo que se encontra a margem de um sistema dominante a qual não se encaixa, mas que, também, este mesmo sistema compõe parte de sua concepção identitária em completude.

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada por Marta Lança, na sessão [Cara a cara](#) | 16 Setembro 2015 | [Djaimillia Pereira de Almeida](#), [Esse Cabelo](#), [Literatura](#), [Romance](#)

O crítico Homi Bhabha (1998) enfatiza os locais de cultura que integram a formação do sujeito, um todo fragmentado, complexo, mas que dão origem a completude do sujeito, reforçando esse aspecto híbrido do sujeito da diáspora. Salienta-se que existem os conflitos para esse lugar atual que o sujeito habita, pois quase sempre ele permanece à margem da cultura presente, visto que permeia as periferias da cultura dominante, gerando desconforto quanto a sentir-se plenamente participante desse novo mundo.

Esses desconfortos corroboram para que o indivíduo busque o conforto encontrado no local cultural passado, em que existe a sua ideia de pertença e aceitação. Os dramas vividos são reclamados dentro da escrita subjetiva desses produtores de ficção, o que torna indissociável as suas vivências e reflexões das produções literárias elaboradas por eles, o que é marca notável nas produções de Djaimilia Pereira de Almeida.

Nesse sentido, surge a memória como o apelo da escrita de fronteira, a sua ancestralidade africana, como diz Inocência Matta (2011, p. 8) “o espaço africano surge como lugar de refúgio e de passagem”. É possível identificar a forte presença da ancestralidade na narrativa da escritora, o que caracteriza a busca para resolução dos conflitos do sujeito da diáspora, que faz o intercâmbio das experiências atuais com as passadas.

Márcia Marques de Moraes em *Riobaldo e o contar em desalinho* (2004) descreve bem o porquê dessa volta incessante ao passado e à evocação das lembranças, evocação esta representada na escrita e por meio dela, pois com esse recurso da linguagem busca-se recuperar o tempo e a sua própria essência subjetiva, esfacelada com as mudanças territoriais e culturais.

O homem se entrega a rememoração não para recuperar o tempo perdido, mas para buscar-se a si mesmo\_ quer nas perguntas da ordem do ontológico que se faz sobre sua (não) determinação de sujeito quer no tornar a dizer, no repetir-se para, pela linguagem, tentar atingir “algo mais primitivo mais elementar” na ordem do psíquico, o constituir-se como sujeito (MORAIS, 2004, p. 162).

Ricoeur em *Memória História e esquecimento* (2007), no que tange à memória exemplifica a função dela na retomada do passado, quando cita: “a memória transmite a história, mas que ela transmite também de reapropriação do passado histórico pela memória”. A busca por reapropriação histórica é mais que o interesse de informação, e sim, a tentativa de recuperar uma identidade fragmentada com o tempo e processos diaspóricos do escritor. A memória se torna elemento indispensável e, por não se dizer, um dos mais importantes recursos do produtor de texto fronteiro que resolve documentar reminiscências para que ele mesmo não as perca com o tempo.

São lembranças substanciais, agora, documentadas, na tentativa das evocações funcionarem como garantia para a preservação ancestral sua e de toda uma comunidade espalhada pelo globo, como é notável nos trechos de *Esse cabelo*: “não foi a história que nos separou: foi ser uma pessoa. Nunca virei a ser a senhora africana daquele dia, mas serei, um dia, uma senhora africana” (ALMEIDA, 2015, p. 35).

O trecho acima traz uma passagem em que a rememoração, a respeito de África, parte do individual para o coletivo, é uma marca do escritor de fronteira, não individualizar, mas dar ênfase da importância da memória coletiva para a constituição da sua individualidade, já que ele não traz em si um atravessamento de histórias e pessoas.

E de *Luanda, Lisboa, Paraíso*, no exemplo a seguir:

Ela voltara com viva memória de tudo quanto ele queria esquecer. Lembrava-se de Moçâmedes e de como eram cor de mel os mesmos olhos que agora ao espelho ele via como dois botões gastos. E queria Glória morta na cama, não por maldade, mas porque essa era a condição de ele continuar a ser uma pessoa (ALMEIDA, 2017, p. 107).

As lembranças presentes na narrativa de fronteira tem um papel singular, pois elas refletem o caráter inseparável da cisão de duas culturas ou mais para o escritor, sempre voltadas para aspectos coletivos, lugares, palavras, expressões populares que vem à tona pela reminiscência e, acabam, por ser o elo entre o lócus atual do escritor de fronteira e o lócus de origem, o que é possível observar nos trechos dos romances acima, ambos com a diáspora sendo como temas principais da escrita de Djaimilia Pereira.

As conversas recorrentes entre as duas obras são perceptíveis aos olhos do leitor, em ambas estão sempre presentes a busca do angolano por conhecer Portugal, a magia por Lisboa e a ideia criada de que lá seria um lugar de aconchego e aceitação, de promessas de ascensão, crescimento, aconchego. Mesmo nas entrelinhas, a autora revela a dura realidade que é para um indivíduo negro, pobre, recém- chegado de Luanda encontrar seu lugar.

O negro, desde que permaneça em sua terra, cumpre mais ou menos a sina da criança branca. Mas se for à Europa terá de rever seu destino. Pois o negro na França, em seu próprio país, acabara se sentindo diferente dos outros (FANON, 2020, p. 164).

Frantz Fanon (2020), leva em consideração o impacto da mudança, não só geográfica, na vida do indivíduo negro que enfrenta diáspora, mas enfoca o peso na questão identitária a

respeito da sensação de diferença que esse fenômeno provoca. Há uma diferença explícita em sempre se ver como o outro e sempre questionar se aquele lugar lhe pertence de fato.

Os escritores angolanos, em particular, mesmo em outros territórios que não o de origem, ainda perpetuam a tradição de evocar os traços da terra natal em suas produções e o compromisso com a história nacional. É o que se percebe na escrita de Djaimilia, torna-se palpável a expressão da memória cultural e histórica de Angola e a contradição de tentar adaptar-se a um espaço cultural diferente, mecanismo usado pela manifestação de palavras vindas dos dialetos pela personagem Milla e a evocação dos costumes das mulheres de Angola, como a amarração dos lenços são elencadas como a forma de tratar e conciliar a vivência de fronteira.

O amor ao supérfluo ajuda a entender o que somos. Regresso aqui revendo a única flor que alguma vez encontrei em São Gens, a casinha de telhado de zinco dos meus avós maternos nos arredores de Lisboa: uma rosa artificial comida pelo sol. Aquém de um certo limiar de privilégios, a dedicação apaixonada a coisas de outro modo dispensáveis pode não chegar a ter lugar. Satisfeitas as condições básicas de sobrevivência, porém, a entrega ao supérfluo distingue a nossa humanidade (ALMEIDA, 2017, p. 39).

Em *Esse Cabelo*, Mila narra o desejo e fantasia da avó Maria da Luz, imobilizada por conta de uma trombose, em conhecer Lisboa, desejo esse que não se concretiza, mas que se contenta apenas pela descrição dos outros que já foram e descrevem a cidade para ela.

A vida de Maria da Luz não se salvaria com uma existência média e digna em Portugal, mas dando-se a espereitar a nossa aparência de Lisboa, onde ninguém se apercebia de que andávamos sozinhos e se espelha limpidamente na memória que dela me ficou: um estaleiro de obras que não foi senão recordação da vida, como escreveu Nietzsche sobre seu pai (ALMEIDA, 2017, p. 45-46).

Quando Mila relata o sonho da avó, ilustra o imaginário de muitos luandenses sobre Lisboa, de que seria um lugar perfeito e acolhedor para os angolanos, mas no mesmo relato ela destaca o “andar sozinho” para exemplificar a solidão e a falta de acolhimento, ao qual ela e muitos passaram ao rumar para Portugal, fato que também é encontrado sobre a chegada de Cartola e Aquiles em Portugal, na narrativa de *Luanda, Lisboa, Paraíso*: “Ninguém os esperava no aeroporto, mas era Portugal” (ALMEIDA, 2017, p.50)

Logo na chegada é desmascarada a realidade que os espera, o sonho de reconhecimento, o lugar de marginalidade que lhe é cedido naquela sociedade. A simbologia

de morar ou estar no âmbito geográfico da periferia, representa o âmbito identitário dos sujeitos que imigram, ao sempre ter a sensação de estar fora, de não fazer parte plenamente da nova sociedade e ao não poder também regressar ao seu lugar de origem em totalidade. É a sensação de não estar inteiro de fato; essas impressões acompanham os posicionamentos das personagens.

É o sentimento expresso por Mila, o drama do indivíduo cindido, que sempre questiona a sua identidade, a sua origem, pois depois do trânsito entre Luanda e Lisboa, ela não consegue definir-se e sempre se pergunta: “Onde deixei a Milla, pergunto-me, como se procurasse as chaves de casa” (ALMEIDA, 2017, p. 126).

Questionamentos como este surgem ao longo da narrativa do romance, a busca de respostas concretas centradas na subjetividade, enfatizando o impacto da diáspora na identidade do sujeito negro que enfrenta o processo de imigração, assim como a busca por ajuste e adaptação a uma sociedade diferente da sua de origem, é uma das principais substâncias da produção literária fronteiriça de Djaimilia Pereira.

O título da obra por si é sugestivo, chama a atenção do leitor que a princípio pode pensar que se tratará de assuntos relacionados apenas a estética.

O título da obra, à primeira vista, pode criar a falsa ideia de que o texto está centralizado nas questões sobre estética, mas o que Djaimilia nos entrega vai muito além: sem perder a veia literária, a autora propicia reflexões sobre pertencimento, racismo, estereótipos nacionais, xenofobia, diáspora africana, violência ética e idealizações do feminino (ARAÚJO, 2021, p. 20-21).

Djaimilia possibilita ao leitor de *Esse Cabelo* entender a importância dos cabelos crespos para a identidade da pessoa negra, de forma sensível e, ao mesmo tempo, incisiva também ver a diversidade de informações e reflexões que a palavra literária pode veicular. Araújo (2021) conceitua a narrativa do romance como não linear e fragmentária. É notável, pois, o romance não segue uma linha cronológica retilínea, os fatos vão sendo contados como quem rememora, e as vezes deixa escapar algumas lembranças, mas ocorre retomada no capítulo seguinte, em que a narradora acrescenta mais informações, sem deixar de lado os detalhes da história.

*Esse Cabelo* aborda feminismo e a situação do sujeito afrodescendente no mundo posterior ao colonialismo. Traz uma perspectiva decolonial, além de trabalhar a crucial problemática contida no cerne do romance, que dá substância aos objetivos dessa pesquisa; a autoimagem do negro e a condição psicológica proveniente de suas relações raciais conflituosas com a sociedade branca ocidental, bem como as elaborações de enfrentamentos ao racismo.

O diálogo estabelecido entre a ficção literária e a expressão do feminismo negro presente em *Esse Cabelo*, é interdisciplinar e intrínseco, ao passo que, o entendimento possibilita conceber que a literatura tem em sua essência as impressões digitais do mundo em que está contextualizada, o mundo e a sociedade influenciam a obra de arte e, por conseguinte, a obra de arte influencia o mundo.

Os romances escritos veiculam em seu corpo estético ideologias, ideias, denúncias, e também um clamor pela renovação da arte, uma renovação do mundo em que a circunda, expressam caráter de resistência, ou seja, também atuam no mundo em que pertencem, sobre e através da situação em que foram originadas. Em tom de denúncia e protesto contra os regimes impostos e desigualdades, o texto se posiciona, não é inerte ou passivo ao que acontece a sua volta, mas é interventivo e revolucionário.

O romance é uma resposta e produto da relação entre homem e sociedade.

Pois o homem não se acha solitário, como único portador da substancialidade em meio a figurações reflexivas: suas relações com as demais figurações e as estruturas que daí resultam são por assim dizer, substâncias como ele próprio ou mais verdadeiramente, plenas de substâncias, porque, mais universais, mais filosóficas, mais próximas e apresentadas à pátria original: amor, família, estado (LUKÁCS, 2000, p. 33).

Segundo o teórico o homem não está só e o que produz não é puramente individual, mas os discursos são produtos das reflexões subjetivas do indivíduo influenciadas pelo meio, concebidas nesse lócus social, são as respostas dele mesmo expressas no texto literário. Segundo Lukács (2000) estão intimamente ligadas, daí o caráter social do romance e que nele estão presentes as marcas subjetivas e sociais que carrega o indivíduo, de modo que essas marcas são impressas em suas produções literárias, suas insatisfações, angústias e anseios.

O homem é um ser social e o que ele produz perpassa pelo social, exprime a condição através da ficção e encontra em suas manifestações artísticas amparo para expor as ideias, anseios, em busca de um bem comum.

Viver no mundo estranho encontrar suas ambivalências e ambiguidades encenadas na casa da ficção ou encontrar sua separação e divisão representadas na obra de arte, é também afirmar um profundo desejo de solidariedade social (BHABHA, 2013, p. 38).

No entendimento de Bhabha (2013) através da arte o indivíduo expressa e concebe as diferenças do mundo, percebe também as separações existentes. Por meio da arte que ele pode

manifestar o desejo de mudança e conseguir efetivamente essas transformações, ainda que, de forma demorada e lenta; a sua intervenção de mudança e expressão de solidariedade através da arte não pode ser desconsiderada.

### 3 A RUPTURA DOS ESTEREÓTIPOS NA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES NEGRAS

Uma nova literatura vem sendo delineada pela escrita feminina negra contemporânea caracterizada por mulheres negras que escrevem sobre as mais diversas temáticas, escrevem também sobre suas vivências, na busca de romper com o problema da quantidade mínima de obras literárias que versem sobre si mesmas e seus pares. Essas produções também visam desconstruir pensamentos desumanos propagados sobre a imagem das mulheres negras na ficção literária como consequência de um problema crônico e cultural como o racismo.

Segundo Nazaré Fonseca, em *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Mobilidades e trânsitos diáspóricos* (2015) a literatura é produto cultural e deve ser levado em conta os contextos em que as suas produções estão inseridas, visto que o escritor toma consciência de que ela (a Literatura) tem uma função social e interventiva. Para enfatizar esse pensamento, corrobora com a visão de Cândido (2014, p. 175) do caráter intelectual e de instrução da palavra literária.

Essa mudança surge em decorrência da essência na formação literária africana de língua portuguesa, em valorizar aquilo que é natural, a busca pelas raízes, a prioridade da retomada da tradição como substância apriorística da constituição e significado desta literatura, fugindo às estratégias do colonizador que buscava outrora afastá-los de sua ancestralidade no intuito de apagar o passado cultural. Segundo Rita Chaves, em *Angola e Moçambique Experiência Colonial e Territórios Literários* (2005) “o artifício, quando eficiente, transforma o colonizado numa caricatura” (2005, p. 47).

O artifício, dito por Chaves, trata de visibilizar ou descrever os povos africanos destituídos de valor e cultura, expressando na arte as formas desumanizadas e estigmatizadas tais ações. Quando a literatura africana rememora passado, a fim de recuperar os valores tradicionais, recupera, assim, a voz que ressoava na tradição oral, voz que exalta os pormenores da organização social, bem como a função e a importância da mulher negra, sua beleza, valor e ocupação naquela sociedade.

Sempre que se fala sobre racismo na literatura, relaciona-se ao período escravista, de modo que Dove (1995) estabelece essa relação do racismo com o estabelecimento de uma crença na superioridade branca, como justificativa para subjugar os povos africanos, crença essa em paralelo com a ideia de inferioridade negra. O que explica a ressonância desse pensamento na literatura, é a oposição entre a pureza das personagens femininas brancas com a caricatura ameaçadora a ordem social, atribuída às personagens femininas negras.

Esse olhar do outro sobre os corpos das mulheres negras associa-se as relações de poder e propriedade advindos da era escravista, a violação sexual responsável por criar “o mito de mulheres quentes”, do qual escreve o teórico Jayme Pinsky, atribuído até hoje às negras e mulatas pela tradição oral, decorrente do papel que lhes era designado pela sociedade escravista” (2009, p. 44).

O Mito de “mulheres quentes”, a qual se refere o autor, é produto da estratégia do colonizador para justificar o estupro às mulheres negras, em condição de escrava, que estavam submetidas, para transferir a culpa a sua libertinagem sexual sem que ele fosse visto como estuprador. Essas ideias disseminadas tomaram espaço nos inconscientes da sociedade como um todo, refletindo nas produções artísticas e, sobretudo, na literatura mundial.

O Inconsciente, segundo Matta (2014, p. 13) “é na verdade, como se pode caracterizar o gesto de naturalização da subalternidade, da exclusão e do estatuto periférico, ou o gesto de prescrição estético-literário”. A autora traça um paralelo entre estar na margem geográfica e social.

Há uma ordem de problemas a serem listados para enfim chegar ao problema dos estigmas; primeiro, da ausência de personagens femininas negras nas obras literárias; em segunda ordem, a ausência dessas em posição de protagonismo e, por fim, a abordagem dessas personagens, quando citadas, com estereótipos, como perfis animalescos, lascivos, passivos, destituídos de humanidade e inteligência.

A ausência de quantidade expressiva de personagens femininas negras em obras é um dado, e quando se encontra uma personagem feminina negra, geralmente, ela vem carregada de características, como em funções subservientes vinculada a trabalhos braçais, numa literatura a nível de século XX, habitando as periferias, e quase sempre vem ocupando papéis secundários nas narrativas.

Segundo Gonçalves (2016) a literatura tanto quanto a história reflete essas imagens negativas sobre o negro, partindo de um princípio da dicotomia branco/ bom, negro/ ruim, constituída com base nas relações deturpadas desde o início, entre o colonizador e o colonizado. Teorias feitas para justificarem a desumanização dos povos autóctones e as explorações infringidas sobre eles.

Segundo Antônio Cândido (2000) a relação entre literatura e sociedade é intrínseca, de modo que, também, reflete os processos sócio históricos que engendram as produções culturais, inclusive, literaturas que expressam sobremodo o momento e as ideologias vigentes no contexto de sua produção. Nesse sentido, a forma negativa como o indivíduo negro, era

tratado e descrito, refletiu nas artes, sendo perceptível nas análises das obras, tanto a ausência destes, em papéis de protagonismo e com abordagens estigmatizadas.

De acordo com Cândido (2000, p. 50) “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra, seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós”. O teórico corrobora que o elemento social é o fator da própria construção artística, observado não apenas como adereço, e sim, como elemento de explicação e entendimento para certa produção, cujo está internalizado na obra, ganhando, nessa percepção, uma validade maior de influência.

Fanon (2020, p.167) explica também como se torna uma via de mão dupla essas descrições encontradas nas obras que reforçam ideologias e pensamentos negativos sobre o negro na sociedade e na própria psique do sujeito negro, quando expõe.

Existe uma constelação de dados, uma série de proposições que, lentamente, insidiosamente, por intermédio dos textos literários, dos jornais, da educação, dos livros escolares, dos cartazes, do cinema, do rádio, penetram um indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade a que ele pertence.

Dentro da teoria literária existem várias correntes e opiniões que afastam a literatura de uma função de referencialidade, cabe aqui, ressaltar sobre essa ressonância da realidade na literatura, no trecho do texto de Antoine Compagnon, em *O demônio da Teoria*, citando Auerbach sobre a representação da realidade como objeto próprio da literatura.

Através das transformações de estilo, a ambição da literatura, fundada na mimesis era relatar de maneira cada vez mais autêntica e verdadeira experiência dos indivíduos, divisões e conflitos opondo o indivíduo à experiência comum (COMPAGNON, 2010, p. 104).

Discorrendo sobre a percepção de Auerbach, Compagnon explicita que com fundamentos da mimesis, a representação da realidade é central na literatura, como foco as ações dos indivíduos, seus conflitos e vivências. Esse pensamento delinea o que foi dito acima, sobre como a descrição das personagens negras na literatura fora influenciada por uma organização, pautada nos problemas das relações raciais conflituosas causadas pelo racismo.

O racismo que transparece nas escritas, romances e obras literárias é legitimado por uma ideologia, pois todo texto literário é guiado pelo que se conceitua por *doxa*, certa opinião, ou visão de algum ângulo que, pelas entrelinhas, pode-se apreender nas implicitudes da narrativa. É o pensamento explícito por Matta (2014) que segue a expressão de Jameson, guiado

por Louis Althusser, em que a ideologia é definida como estruturas representativas que possibilitam o indivíduo entender as suas relações com as realidades ao seu redor, bem como o contexto social através da História.

Para fortalecer ainda mais esse entendimento sobre a relação entre racismo, ideologias e a representação estereotipada das personagens, é pertinente citar a definição de Claude Prévost (1976, p. 171-172).

Uma ideologia não é somente um sistema de ideias mas também um conjunto de estruturado de imagens, representações, de mitos, determinando também certos tipos de comportamentos, de práticas, de hábitos e funcionando (...) como um verdadeiro inconsciente.

Para Prévost não é apenas o campo da ideia e do pensamento, mas a ideologia que se materializa. Perpassa as esferas da sociedade, vira representação e ato, por isso é tão necessário a análise cuidadosa de quais tipos de ideologias que veiculam. São refletidas no campo da literatura, ideologias imagéticas e representativas que, por vezes, acabam tornando-se, como autor cita, um inconsciente. É necessário constatar para abolir as que não são proveitosas e progressivas rumo a construção de um mundo mais igualitário.

Esta transformação só é possível quando os grupos silenciados e marginalizados, dos quais fazem parte as mulheres negras, tomam mão à caneta para escrever e contar sua própria história, a partir de suas percepções subjetivas. Além disso, sendo validados e reconhecidos seus discursos.

A partir dessa reflexão, entra em pauta, novamente, o motivo do silenciamento das produções intelectuais e culturais das mulheres negras em tamanha progressão temporal, os conceitos de aceitabilidade e repercussão, quem escreve e por qual motivo e quem não fala e por quais motivos estão silenciados. Gayatri Spivak em *Pode o subalterno falar?* (2010) traça os questionamentos sobre os saberes oriundos dos sujeitos que habitam às margens e são excluídos do que se denomina cânone. Faz o leitor questionar essa organização que endeusa as epistemologias eurocêntricas e excluem os saberes dos sujeitos sobreviventes às explorações do colonialismo, que nesse período de revolução da escrita, tomaram juntamente a palavra, o lápis, a caneta e a voz.

Como representante dessa nova escrita, menciona-se, aqui, Conceição Evaristo, a escritora negra, brasileira e participante de um perfil de escrita marginal e periférica. Palavras que denotam o seu lugar de origem, mas também seu local de produção. Ela denomina pela primeira vez o conceito de escrevivência, que significa escrever sem separar-se das experiências

cotidianas e de vida, que se encaixa nos discursos proferidos pelas escritoras e intelectuais negras que aliam as substâncias criativas e artísticas às vivências, imagens, sentimentos do seu cotidiano.

### **3.1 *Esse Cabelo* e as marcas do feminismo negro**

O feminismo negro tem a caracterização de um movimento identitário e solidário em manifestar a tomada de consciência das opressões interseccionais na mulher negra e, pelo manifesto dessa consciência, possibilitar a compreensão e solidariedade das opressões sofridas por outros grupos minoritários. Em *Esse Cabelo*, na busca por resolver seus conflitos existenciais, a personagem Milla evidencia o trajeto de como ela se descobre negra e a partir disso recebe uma consciência de que seu conflito com o cabelo é para além de um dilema pessoal, faz parte de um coletivo histórico, social e um conflito identitário pertencentes a seus iguais.

Para entender a atuação da narrativa em alusão ao feminismo negro, aprofundar-se-á mais no entendimento do que significa o feminismo articulado por mulheres negras, a substância teórica a seguir no corpus deste trabalho, a fim de perceber nas análises da narrativa a consolidação desse pensamento nos diálogos e ações da personagem principal.

Muito se tem discutido nos dias de hoje sobre o feminismo e as conquistas provenientes da luta pelos direitos das mulheres, como voto, igualdade de salários, igualdade de gênero, entres outros. Com a urgência e a percepção de que as mulheres negras tinham necessidades mais particulares, que precisariam ser supridas, e que o feminismo hegemônico em geral não conseguiria abarcar, surgiu o feminismo negro. Ele tira da invisibilidade causas tão importantes quanto as questões de vida, sobrevivência e reconhecimento das mulheres negras como pessoas dotadas de capacidade e com os mesmos direitos.

Essa teoria é mais que um estudo, uma constatação de que raça não se separa de gênero, mas ambos devem ser estudados indissociáveis, como a escritora Grada Kilomba discorre sobre sua experiência em um consultório médico aos 13 anos de idade. Ela fora consultar um médico branco e, logo, em seguida, ao término da consulta, sem ao menos conhecê-la, propôs que ela prestasse serviços domésticos a sua família, fato registrado em *Memórias da Plantação, episódios de racismo cotidiano*.

“Raça” não pode ser separada de gênero nem o gênero pode ser separado da “raça”. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se

em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo (KILOMBA, 2019, p. 94).

O feminismo negro propõe um olhar mais sensível às opressões que se somam ao gênero, a intersecção a essa categoria ao estudo de raça e classe como categorias igualmente importantes na compreensão da condição múltipla e diversa das mulheres no mundo. Tendo como uma das bases da formação da episteme desse pensamento, o discurso proferido por *Soujourner Truth* em uma das reuniões das feministas brancas, em que ela tomou a palavra questionando o ideal de mulher. Se ela como mulher negra e em condição servil de escravidão e trabalho braçal não seria considerada uma mulher, já que era perceptível um feminismo voltado para as particularidades das mulheres brancas de classe média e nem de longe conseguia sanar os problemas das mulheres negras.

Djaimilia Ribeiro em *Quem tem medo do feminismo negro?* destaca a formação do feminismo negro a partir da segunda onda do feminismo, entre as décadas de 1960 e 1980, em contato com a NBF, *National Black Feminist*, fundação das feministas negras estadunidenses que passaram a substanciar através da escrita a teoria e práxis deste, voltado para as mulheres negras. A autora, no livro, enfatiza a ação pioneira do discurso da ex escrava *Soujourner*:

(...) Ela já anunciava que a situação da mulher negra era radicalmente diferente da situação da mulher branca. Enquanto aquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres lutavam para ser consideradas pessoas (RIBEIRO, 2009, p. 52).

A percepção dos privilégios e condições diferenciados entre mulheres brancas e negras já era percebido bem antes de uma formação e consolidação dessa teoria. Desde a escravidão, as escravas negras já sentiam o peso de sua situação e, então, elaboravam estratégias para escapar ou amenizar o sofrimento que lhe imputavam devido a situação histórica e social que estavam submetidas.

A visibilidade do pensamento feminista negro colocou em evidência a mulher negra frente à luta contra o racismo, a segregação racial e o processo de silenciamento de suas vozes, bem como discursos, produção literária ou qualquer tipo de manifestação em prol de justiça social.

A junção dos dois complicadores – raça e gênero – somados à condição econômica, o que denominamos classe, gera o racismo e o sexismo; um problema universal para as mulheres negras. Neste fenômeno, que para Davis (1980) denomina-se interseccionalidade, a forma de opressão para as mulheres negras se entrecruza na fronteira de gênero, sexo e classe, ou seja,

as opressões sofridas acentuam-se, somando cada complicador social: o ser mulher e negra e, ainda, de camadas menos abastadas financeiramente triplicam o sofrimento vivido por elas que são expostas diariamente a situações de extremo preconceito.

A formação desse pensamento é substancialmente global e possui representantes em várias partes do mundo. Uma das mais influentes teóricas do movimento é Sueli Carneiro, que em sua obra *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* (2011), explicita a necessidade de analisar a categoria gênero junto a perspectiva de raça para compreensão da situação das mulheres não brancas. A compreensão possibilita abrir a visão das dificuldades particulares que cada mulher enfrenta, a partir do ponto social em que está localizada, bem como a desconstrução da ideia de um feminismo homogêneo que possa abarcar as problemáticas de todas as mulheres.

Enegrecer o feminismo é reconhecer a necessidade de aliar a categoria gênero, a raça e, conseqüentemente, a classe, esse entrecruzamento de categorias de análises. Quanto a isso, pode-se perceber, na citação abaixo, a diferença entre os vieses de opressão que a mulher afrodescendente enfrenta.

As análises feministas sobre a sina da mulher tendem a se concentrar exclusivamente no gênero e não proporcionam uma base sólida sobre a qual construir a teoria feminista. Elas refletem a tendência, predominante nas mentes patriarcais ocidentais, a mistificar a realidade da mulher, insistindo em que o gênero é o único determinante do destino da mulher. Certamente, tem sido mais fácil para as mulheres que não vivenciam opressão de raça ou classe se concentrar exclusivamente no gênero. Embora se concentrem em classe e gênero, as feministas socialistas tendem a negar a raça ou fazem questão de reconhecer que a raça é importante e, em seguida, continuam apresentando uma análise em que a raça não é considerada (HOOKS, 1980, p. 208).

Entende-se que a situação das mulheres negras não possui problemáticas homogêneas, mas que, no tocante a sua luta, há problemas particulares que precisam ser tratados especificamente, sendo necessário reconhecer a influência dos complicadores raça e classe, a saber questões étnicas, raciais e a situação econômica, como peso para entender as condições de vida e sobrevivência dessas mulheres no mundo.

Mila expressa os conflitos que vivencia uma mulher negra, de origem angolana, em uma sociedade predominantemente branca, patriarcal e de orientação ocidental. Ela dá voz aos seus pensamentos, ao narrar em primeira pessoa, a voz que não comunica apenas as suas dores, mas é atravessada por um coletivo de outras mulheres em sua mesma condição, a de ser o outro, o diferente, em um lócus social que é vista, como denomina Collins (2019) *outsider within* que

Carla Akotirene (2019) traduz como “a forasteira de dentro”. Na conceituação da teórica, significa aquela que mesmo estando ali permanece habitando as margens.

Acossam-me ao espelho quando me arranjo pra sair, fazendo-me crer étnico, e por isso vulgar, um par de argolas que acabo sempre por não usar. Trazem-me abnegadamente preparada para o insulto de cada vez que saio à rua, embora na rua apenas ladrem cães à chuva (ALMEIDA, 2017, p. 96).

A compreensão de exclusão da personagem é revelada na forma como narra a passagem acima. É como expressa sua situação, ao considerar sua aparência e tudo que é relativo a seu modo de existência serem considerados fora do padrão e, portanto, considerado, como ela descreve, “vulgar”. Milla revela a plena consciência de que entendeu que a natureza de seus conflitos é proveniente de sua identidade étnica.

O trecho a seguir, sublinha a consciência da diferença racial adquirida por Milla através dos anos e das experiências.

Estava bem vivo no meu avô Castro, através do qual vociferava contra a “pretalhada” do autocarro. Está bem vivo na primeira reação de todas as cabeleireiras à reação da textura do meu cabelo, negras ou brancas. É não um pretexto de definição, mas um narrador impune. Ouço o distintamente. Elé é o itálico nas conversas do café da esquina que me sobressalta como se falassem de mim “Tive de deitar fora minha saia “*preta*”: estragou-se na máquina”,” olha o fumo *preto* que aquela mota vai deitar” dizem as velhas por entre a barulheira de pires, chávenas, garfos, facas, moedas. Olho por cima do ombro à procura de indícios; a conversa continua: vejo que não é comigo (ALMEIDA, 2017, p. 96).

As violências simbólicas vivenciadas pela personagem suscitam o entendimento da questão racial agregada ao seu estar no mundo como mulher, ao se perceber como uma mulher diferente, sendo esta compreensão como pauta do feminismo negro. Segundo Ribeiro (2018, p.123) “mulheres negras vêm historicamente pensando a categoria “mulher” de forma universal e crítica, apontando sempre para a necessidade de se perceber outras formas de ser mulher”. A concepção é obtida através do conceito da interseccionalidade de Kimberlé Creenshaw (1989) esboçado em sua pesquisa da tese de doutorado, o qual sugere levar em conta as condições de cada mulher em relação a gênero, raça e, também, classe, para compreender as necessidades particulares de cada mulher.

A partir do entendimento de estar no mundo em uma condição diferente de “ser mulher negra”, Milla adquire uma perspectiva para análise do mundo e das situações de uma forma mais sensível e reflexiva, como ressoa sua voz na narrativa impondo os seus questionamentos.

Se o outro é uma ruga da expressão, que apenas emerge na tentativa de fixar o afinco necessário para o recordar, como ousar ser um porta-voz? Precisaria de um porta voz de mim mesma, uma língua para o que vejo como lapso intransponível entre as respostas dadas e as repostas pensadas, entre a cabelereira da Graça e a partida para outro bairro obscuro, outro salão, o lapso entre mim e a pessoa que de caminho me fui tornando (ALMEIDA, 2017, p. 114-115).

Mila entende-se a partir do viés interseccional como mulher a partir de que o gênero é interceptado pela categoria raça, a sua identidade a partir da diferença com o outro. Segundo Brandão (2005) esse processo ocorre na travessia das alteridades, as experiências da personagem revelam a quais complicadores a sua condição na sociedade está atrelada, implicam a sua existência como mulher e negra. A personagem fala a partir das suas vivências, indicando como o pensamento feminista negro pode ser manifestado consciente ou inconscientemente nas mulheres negras.

A compreensão de uma ideia única de mulher é expressada por Mila.

Eu nascia com um grau distinto de paranoia, para o meu cabelo e ao mesmo tempo para uma ideia de mulher. Nos pacotes defrisantes, via-se uma menina que segundo asseverava minha mãe, não era negra, envergando um fato-macaco às pintas, a primeira vestimenta de que tenho memória: um fato-macaco a estrear que terei vestido para um aniversário. Horas antes do início da festa, pus –lhe uma nódoa: o que remendei cortando a nódoa com uma tesoura: o que remendei cortando ainda um pouco mais, esburacando o fato que afinal, nunca chegara a estrear – e inaugurando uma série de métodos pessoais de disfarçar nódoas, como o de coser botões sobre cada medalha (ALMEIDA, 2017, p. 25-27).

A citação acima, expressa, uma Mila que delineia uma ideia nova de mulher a partir das incógnitas identitárias em que ela vive, não só em relação à sua raça, mas em relação às atividades que a sociedade atribui como do domínio das mulheres. Ela cita a forma de vestimenta de um *fato-macaco* e de como lhe aplicou uma nódoa, de modo que para desfazer a nódoa, o cortou. Até tentar conseguir resolver o problema da vestimenta complica ainda mais a situação.

A ideia de mulher e a analogia ao acontecimento desastroso do *fato-macaco* expressa a sua incompreensão e falta do encaixe em um perfil de mulher que não se engloba e, ao tentar encaixar-se nesse padrão, as complicações se acentuam ainda mais. Milla entende que não precisa se encaixar nesse perfil se não for confortável para si, em respeito à sua individualidade.

### 3.2 *Esse cabelo, o racismo e a estratégia feminista negra da autodefinição*

Todo o enredo do romance *Esse cabelo* envolve a dificuldade da personagem Milla em lidar com seu cabelo crespo, desde aceitá-lo a tratá-lo com o devido cuidado. Em torno dessas ideias perpassam a questão de identidade, ancestralidade, reconhecimento, afirmação e autoaceitação. Existe a problemática de tentar entender a diferença entre o seu cabelo e as demais pessoas da sua convivência, até mesmo de sua família.

Uma das falas da personagem remetem a conclusão de que havia uma diferença assinalada para além da estética do cabelo, de maneira que a diferença vai se acentuando conforme a soma de experiências negativas com esse ícone identitário. Assim, Milla assevera: “Percebi por exaustão de evidência que não sou igual às principais pessoas da minha vida, que algo de fundamental nos separa, muito para lá do aspecto dos nossos cabelos (ALMEIDA, 2015, p. 40).

O drama do racismo, por vezes, afeta a percepção subjetiva do sujeito que questiona o seu lugar no mundo, valor e importância; no caso da mulher negra, essas dificuldades ultrapassam a esfera física. A maneira como necessitam driblar o preconceito, o racismo e, ainda, lidar com os dramas causados pela discriminação, lhes causa feridas emocionais difíceis de serem tratadas e superadas. No entanto, uma vez que se reconhecem como único ser capaz de transformar a própria história e de dar voz às suas lutas, se tornam indivíduos munidos para elaborar estratégias de enfrentamento para o racismo, tanto particular, quanto em sua coletividade.

As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo (GOMES, 2002, p. 44).

São fenômenos que contribuem para que ele tente assimilar os padrões do branco, pela ótica de que embranquecendo alcance valorização e respeito próprio e da sociedade. Esse relacionamento pessoal e intrapessoal conflituoso se torna ainda mais doloroso para a mulher negra, que absorve da sociedade, mensagens que condenam sua aparência como algo digno de rejeição.

Mediante os estereótipos e as imagens de controle, nomeados por Collins (2019), muitas mulheres negras procuram reverter a situação e amenizar os traços de negritude para

serem aceitas, chegando ao momento no qual esses processos já não são suficientes para preencher a lacuna pessoal.

Mila narra que desde a infância possui a experiência de frequentar vários salões de beleza, todos em busca de proporcionar ao seu cabelo um aspecto mais aceitável para a sociedade, que julga a textura do crespo. A personagem descreve e, ao fazê-lo, é capaz de proporcionar ao leitor as sensações de angústias e cansaço que esses processos lhe causaram.

O primeiro salão da minha vida escondia-se numa rua íngreme, em Sapadores, que viria a reencontrar por acaso, numa mudança de bairro, vinte anos depois. Andamos muito para lá chegar, eu e minha mãe, que gozava as férias de verão em Oeiras, hospedada em casa da avó Lúcia e do avô Manuel (Os meus avós paternos), com quem passei a infância (ALMEIDA, 2017, p. 23).

A passagem do romance descreve o quão cedo iniciou o relacionamento de Mila com os salões de beleza, e como essas experiências na vida de crianças negras influenciam de forma negativa a sua psique na vida adulta. A descrição da rua, que se escondia o salão, como íngreme, remete a dificuldade de chegar ao lugar procurado e a exaustão que isso lhe causara. Esses detalhes na narrativa, só enfatizam os desconfortos físicos e emocionais causados pelos espaços simbólicos para mulheres negras crianças e os reflexos na vida adulta.

De Sapadores, volta-me com tonturas de amoníaco descer umas escadas para uma cave exígua de paredes brancas, salão cujo excesso de zelo com a higiene, comum na pobreza, me pareceu aos seis anos luxuoso. Sobra me um pouco mais do que o rosa-choque da embalagem de desfrisante *Soft & Free* (ou seria *Dark & Lovely?*), anunciando, na variedade infantil, crianças negras de cabelos lisos, risonhas, modelos de vida instataneos. Publicidade enganosa, perceberia eu no dia seguinte (ALMEIDA, 2017, p. 24).

As memórias das experiências e a descrição dos salões, bem como o cheiro do produto químico, enfatizado pela personagem na narrativa, revela o quanto ainda se preservam nítidas, na mulher adulta, o ideal inalcançável prometido a criança de se tornar como a criança negra do cabelo liso da propaganda da embalagem, lhe acarretando frustrações durante anos de sua vida. Até tornar-se a Mila, consciente de sua negritude, ainda viriam muitas experiências negativas com salões de beleza, produtos químicos, publicidades com falsas promessas de lhe dar um cabelo mais aceitável socialmente.

Frantz Fanon, no livro *Pele negra, máscaras brancas* (2020) expressa esse desejo subjetivo do indivíduo negro em encontrar o seu lugar de aceitação, o lócus identitário, o lugar confortável para suas expressões subjetivas.

Assim a realidade humana em-si-para-si só consegue se realizar na luta e pelo risco que envolve. Este risco significa que ultrapasso a vida em direção a um bem supremo que é a transformação da certeza subjetiva, que tenho do meu próprio valor, em verdade objetiva universalmente válida (FANON, 2020 p. 80).

Durante a narrativa, sobressai a voz da personagem com um quê de questionamento sobre seu estar no mundo, mundo esse cindido, em que ela não consegue encontrar um lugar fixo, estável, para se afirmar. Seu estar no mundo de supremacia parece ser ameaçador, desestabilizador para a ordem, ela como mulher negra sente-se, a todo instante, constrangida em manifestar-se. É perceptível na passagem narrativa a seguir quando fala:

Durante muito tempo pensei que, de acordo com uma noção apropriada de seriedade seria fraudulento dar a conhecer a Mila. Pensava então que ela seria percebida como uma negra de papel. Apercebo-me agora, porém, de que apenas para mim quem não fui é uma caricatura (ALMEIDA, 2017, p.83).

Para ela, manifestar-se e expor quem seria verdadeiramente, talvez, pudesse causar desordem, incômodo ou constrangimento. É o que acontece muitas vezes com mulheres negras, em várias camadas sociais e, principalmente, em lugares predominantemente hegemônicos, lugar fértil para o racismo e o sexismo, onde apenas o fato de sua presença parece desestabilizar a ordem.

Há uma busca pelo negro, clamam pelo negro, não podem ficar sem o negro, exigem-no, mas o querem temperado de determinada maneira. Infelizmente o negro dismantela o sistema e viola os tratados (FANON, 2020, p. 188).

Essa mulher negra é necessária nessa organização social, mas querem-na transfigurada de sua verdadeira essência, querem-na passiva, calada e apenas subserviente e, ao menor sinal de manifesto e ação, ela já representa uma ameaça à ordem geral. Na estrutura da pirâmide social, a mulher negra não está no topo, está na base, a base é onde existem os desprivilegios e falta de oportunidades, é o lugar mais longe da ascensão e das vozes de comando, contudo, lugar em que todas as mudanças mais significativas podem acontecer.

A base é o sustentáculo, por outro lado, lugar que compromete todo o movimento dessa pirâmide. As transformações que ocorrem com quem está na base, no caso as mulheres negras, tem a força de influenciar todo o contexto social, por isso a ameaça constante da ordem é atribuída a elas.

O que mais influencia as decisões pertinentes a essa transformação, segundo o feminismo negro, é a consciência identitária da mulher negra. Por isso, uma busca intensa, as vezes longa e, de anos, para encontrar-se e auto afirmar negra demanda a qualidade de vida dessas mulheres. Ainda, seguindo o pensamento de Fanon, para o encontro dessa negritude existe uma busca, e essa busca é iniciada a partir da desalienação quando.

Depois de ter chegado à beira da destruição, o negro, meticolosa ou eruptivamente, saltará para dentro do “buraco negro” de onde brotará com tal vigor “o grande grito negro que sacudirá os alicerces do mundo” (FANON, 2020, p. 209).

Fanon ilustra como um salto para dentro de um “buraco negro, salto que salva o negro da destruição, dos processos de apagamento da negritude, do apagamento cultural, que o embranquecimento e assimilação dos valores da branquitude provocam, funciona como uma via de salvação. O salto ou mergulho indica a busca do sujeito negro pelas coisas e valores referentes a sua ancestralidade negra, e a partir dessa busca e envolvimento, ressurge um sujeito consciente, forte, que combate a alienação e o inconsciente coletivo, que desumaniza a sua imagem e tudo que é referente a sua raça.

É possível verificar na personagem Mila essa busca, mergulho, introspecção, quando a personagem diz:

Estar em minoria não consiste apenas em tomar de empréstimo a iconografia da nossa intimidade; consiste em apagar o que pode existir de singular não na vida que vivemos, mas na que não vivemos. A história desse empréstimo parece ter pouco de coletivo. Assemelha-se antes a uma inaptidão pessoal para nos lembrarmos melhor de quem não chegamos a ser (ALMEIDA, 2017, p. 83).

É perceptível que a busca de identidade é a busca não só de sua origem, não só de seu passado, mas também do seu valor, que precisa ser reafirmado para si mesma, pois fora fragilizado pela vivência e experiências em sociedade, e a luta por esse objetivo envolve

esforço, estratégias e risco. Entretanto, superados os riscos, o resultado se torna gratificante para ela.

Enquanto mulher negra, Mila necessita buscar essa verdade subjetiva. O bem supremo, citado por Fanon (2020), é a caça ao tesouro durante toda a narrativa, na qual a personagem traçou no percurso de sua história com o aspecto simbólico do cabelo, até a afirmação de suas origens, de sua real condição identitária em mundo de cisão cultural, a saber a cultura africana, representada por seu país de origem, Angola, e a cultura europeia, representada por seu país atual, Portugal.

O meu desapontamento com o cabelo acompanhou-me ao longo de uma transmutação, de um prurido insignificante até uma urticária abrasiva: a transmutação da estética em moralidade, do secador em juiz, da falta de jeito em fatalismo, do penteado abortado em culpa, danação – da cabeleira bruta em psicose. Fazer as pazes conosco parece-se, penso para comigo, como fazer as pazes com nossa ascendência, como se estarmos bem na nossa pele adviesse do apaziguamento de termos uma família(...) posso até aprender a pentear-me, não posso, porém, fazê-lo na pele de outra pessoa (ALMEIDA, 2017, p. 50).

Mila descreve acima a relação entre sua estética e o desconforto moral que isso lhe causa, desde as feridas físicas às emocionais. A personagem exemplifica como está indissociado o seu aspecto físico ao psicológico. A tentativa de mudar o cabelo seria desastrosa quanto a querer se adequar a um padrão estético que não lhe pertencera, é perceptível na fala da personagem, ao lidar com os desapontamentos causados pelo racismo que havia internalizado ainda que inconsciente. Para ela, essas intervenções estéticas serviram para separá-la ainda mais da sua essência.

As piores cabelereiras que conheci foram duas congolezas<sup>3</sup> no Centro Comercial da Mouraria – seriam feiíssimas ou é a distância que as transfigura – rosto despigmentado por Mekako<sup>4</sup>, um sabonete antisséptico usado para clarear a pele. Trançaram-me o cabelo velozmente em quatro horas e cobraram-me uma fortuna, olhando com desprezo para o namorado branco com quem lá fui. As primeiras duas tranças cairiam horas depois, assim que as apanhei. As congolezas eram da família do homem que me insultaria na rua dizendo-me que tinha aprendido com a minha mãe a gostar de brancos – arruinando-nos Lisboa para sempre (ALMEIDA, 2017, p. 107).

---

<sup>3</sup>Congolezas- Mulheres de Nacionalidade do Congo

<sup>4</sup> Mekako cream- creme usado para clarear a pele do rosto

Ao enfatizar o uso dos produtos mekako, muito usado por mulheres negras, com intuito de clarear a pele do rosto, demonstra o quanto o racismo atingia não só a ela, mas as mulheres que estavam a sua volta, na pressão social de atingirem o padrão de beleza dominante exigido por aquela sociedade. E até mesmo os relacionamentos interracializados eram vistos pela perspectiva do racismo. Milla demonstra consciência de todas as opressões que estão numa sociedade racialmente mesclada, bem como isso lhe sujeitava. Compreendia, também, a diferença entre ser mulher e negra e todas as implicações causadas, desde a aparência física, relacionamentos e as demais áreas de sua vida.

Mas ao compreender a importância da busca da verdade subjetiva e do seu valor, como pensa Fanon (2018), ela também faz as pazes com origem, ao não abrir mão dos seus valores ancestrais que perpassam as fronteiras dos fenótipos cabelo crespo- pele negra. Apresentada como o outro, segundo Collins (2019), a mulher negra é sempre enxergada do ponto de vista da diferença, base do pensamento ocidental que contribuem para serem objetificadas e “manipuladas”, ideias e estigmas criados para limitar o movimento, o pensamento e lugar dessas mulheres na sociedade.

Bell Hooks (1980, p. 48) diz que “como sujeito, toda pessoa tem o direito de definir sua própria realidade, estabelecer sua própria identidade e dar nome à sua própria história”, esse direito resulta na rejeição das *imagens de controle* Collins (2018).

Em tempos me disseram que sou uma mulata das pedras, de mau cabelo e segunda categoria. Esta expressão ofusca-me sempre com a reminiscência visual de rochas da praia: rochas lodosas em que se escorrega e é difícil andar descalço (ALMEIDA, 2015, p. 25).

Os discursos que Mila ouve a respeito de si funcionam como imagens de controle, tanto para imobilizá-la de qualquer reação, quanto para legitimar estruturas racistas que fomentam a exclusão e opressões vividas por mulheres negras. Todo o trabalho começa na consciência, fazer o sujeito acreditar que realmente é aquilo que o dizem ser, e o foco do pensamento feminista negro vem desconstruindo essas facetas, visto que rejeitar essas imagens é também rejeitar os ideais que mantêm essa organização.

Fomentar o racismo, manter as estruturas de poder e dominação, essas são as maiores preocupações da sociedade que lucra com as desigualdades raciais, temem que a consciência dessas mulheres possam ser despertadas, por isso reforçam a opressão interseccional, aspecto que dificulta ainda mais a movimentação das mulheres em busca de igualdade de direitos e

justiça social comum. Quando Mila desperta e se autoafirma, quando se define, ela quebra, nessa narrativa, a prisão de pensamento a qual vive.

A passagem abaixo exhibe um dos maiores conflitos da personagem, a sensação de estar em dívida com seu passado ancestral, o que afeta a percepção subjetiva que tem de si mesma como mulher, mulher negra. Por vezes, na narrativa, Milla utiliza as palavras “fraude”, “caricatura” em relação a seu lugar de identidade. Ainda criança saiu de Angola, então, tudo que sabe sobre a terra de origem é contado por outras pessoas. Apesar de ter construído toda sua vida em Portugal, sente a necessidade de entender o passado de sua família, para, então, compreender a si mesma. A frase repetida “onde deixei a Mila?”, expõe a sensação de incompletude que sente.

Tinha o cabelo curto e via-me em casa no dia em que acordei com saudades de mim, mas saudades do que nunca fora. Saudade, meu Deus, de uma caricatura da pessoa que poderia ter sido, um exotismo. Acerca dessa Mila que não existe, a pessoa que vim a tornar-me foi vedada por uma ignorância exasperante a respeito de África (ALMEIDA, 2015, p. 35).

A ignorância, a qual Mila se refere, é a falta de conhecimento sobre suas verdadeiras raízes, da importância e valorização de seu passado em África, bem como a riqueza ancestral que carrega em suas memórias e fenótipos. Através da definição do outro, esse outro que discrimina e encaixa em um lugar de subalternidade, Mila desenha, em seu subconsciente, a insignificância proferida pelo racismo. Então, quando passa a apropriar-se das memórias verdadeiras, começa a construir um novo pensamento sobre si, resultando em um discurso desconstruído de estigmas. O movimento da consciência é um dos passos mais importantes para a construção da identidade.

Em dois mil e onze, com indisfarçável desgosto, cortei o cabelo para me esquecer dele ainda mais. É claro que expliquei a mim mesma o esquecimento com simples sentido prático: lavar e andar, etc. Não posso esquecer é esquecer-me deste cabelo sem me esquecer também de mim e seguir à minha frente deixando- para trás como duas pessoas que se perderam na feira, admiti para comigo mais tarde (ALMEIDA, 2017, p. 81).

Ferreira (2009) descreve os quatro estágios indispensáveis para a construção da identidade do afrodescendente: estágio de submissão, estágio de impacto, estágio de militância e estágio de articulação, sendo estes últimos os mais significantes para o seu auto reconhecimento e busca incessante pelas suas raízes que, conseqüentemente, resultam em se

perceber como mulher negra, responsável por transformar a sua realidade e a realidade ao seu redor.

Segundo o mesmo autor, após passar pelo primeiro estágio de passividade, no qual o indivíduo acata os valores do outro como se fossem seus em busca de aprovação, vêm os três outros estágios, em que sugerem as reflexões de sua vivência, partindo, então, para uma mudança de postura militante.

Mila buscava a transformação dos processos químicos por pressão familiar, adotou uma postura passiva quanto as investidas racistas e alienantes até certo ponto de sua história. O cabelo representava o incômodo para quem a rodeava.

A minha avó branca (de que forma dizê-lo sem soar a novela brasileira?) perguntava-me pelo cabelo: “Então, Mila, quando é que trata esse cabelo?” O cabelo era então distintamente uma personagem, um alter ego presente na sala (ALMEIDA, 2017, p. 42).

Ao analisar o trecho acima, é clara, a implicância com a textura dos crespos da personagem que advinha da avó branca, que dá entendimento para uma problemática maior, a demonização dos traços negros, causando repulsa tanto na avó, quanto nos demais membros da família. Porém, no ponto seguinte da narrativa, Milla aborda a postura de sua outra vó negra que, em contrapartida, celebrava seus cabelos como algo bonito e admirável, trazendo assim os dois pontos de vista que se divergem para uma ideia maior de valorização por parte dos brancos e reconhecimento por parte de sua família negra em relação a seu ícone identitário mais significativo.

A minha avó angolana, uma negra fula chamada Maria da Luz (Já o disse?), a Mamã, que ficou imobilizada por uma trombose ainda jovem, viveu a velhice sentada a uma mesa, ou à janela, admirando ao longe uma colina que a separava da Amadora (...) Maria da Luz orgulhava-se do meu cabelo (ALMEIDA, 2017, p. 42).

Mila demonstra felicidade pela opinião de sua avó negra Fula, Maria da Luz. Enfatiza sua cor também com orgulho e a descreve com tamanho carinho, como se sentisse mais próxima a avó negra que da avó branca. A avó negra não reprimia Milla pela textura dos seus cabelos, mas a elogiava e alegrava-se por ser uma das características que remetia a ascendência africana vinda dos seus antepassados.

Um dos fatores responsáveis para a tomada de consciência da personagem é o reconhecimento do seu cabelo como algo indissociável da sua identidade.

Surpreende-me então uma coincidência entre o que sou e a narração da minha origem. Apenas a partir da sua irrelevância, posso deter-me na memória de penteados, coroa estática assente naquilo de que distraem. Serem precisas ventanias para perturbar o meu cabelo não deixa de ser irônico. Tem resistido a todos os tremores como uma planta que sobrevive a queda de um vaso. Fazer justiça a estas formas sensoriais de origem salvar-me-ia porventura do mal de pensar em mim mesma a partir de um estereótipo (ALMEIDA, 2017, p 32).

Mila parte da metáfora de uma planta que, resiste apesar das intempéries, para exemplificar como o próprio cabelo também resiste aos processos químicos. A partir dessa ideia de resistência entende que, para além de fenótipo, o cabelo remete às suas origens algo mais profundo que apenas aparência. Assim, ao refletir sobre essas proposições abre mão de se definir a partir de um estereótipo.

### **3.3 A personagem Mila e a simbologia do cabelo como ícone identitário de resistência**

Desde o título do livro até a última página, a importância do cabelo da personagem para significância do seu existir é relevada na narrativa, mesmo não tendo uma cronologia linear na leitura (ARAÚJO, 2021). Percebe-se que, há passagens que denotam a ação do tempo no enredo, tempos em que Milla expressa descontentamento e frustração e, há passagens, em que ela está satisfeita com o cabelo; tudo ocasionado por uma mudança de postura da personagem, postura influenciada pela reflexão e consciência identitária desenvolvidas com as experiências, desde infância até a fase adulta.

É a memória, enchendo-me da vergonha de não ser capaz de um olhar cheio de graça, que me conduz a esse rosto. Temo então que, tomando-o eu mesma dessa forma, o tomem a ele como adulteração, como se a fraudulência fosse uma propriedade que a memória privada adquire quando se torna pública (um espiritual entoadado no autocarro) e, falando do meu cabelo, me entregue a lama da memória colectiva, perdendo de vista o mundo contemplado a partir da vitrina: os acidentes do coração da “menina muito clássica” que cada um tem o direito de trazer dentro de si – acidentes do anonimato. É então clara a armadilha da pieguice e como me escorrego por entre os dedos: o rosto de que sinto saudades, o mesmo que julgo não ser meu, não me anuncia senão a mim (ALMEIDA, 2017, p.141).

O relato de Mila expõe sua ideia subjetiva de si mesmo como mulher, as posturas que adotou, as privações que passou por receio do olhar do outro e dos julgamentos, das relações interpessoais difíceis, bem como de sua condição no mundo a partir da ideia que traça durante toda a vida sobre seu cabelo. Viver a vida pela “vitrine” sugere as limitações impostas à sua

liberdade de ser e de usar o cabelo como quisesse, devido ao preconceito. Por vezes, Milla usa a expressão atribuída a ela “menina muito clássica”, devido a tentar encaixar-se no perfil de feminilidade exigida, a um padrão. Assim, suscita a compreensão do cabelo para além de aspecto físico, e um dos fatores responsáveis para a tomada de consciência da personagem é o reconhecimento do seu cabelo como algo indissociável da sua identidade.

Nilma Lino Gomes enfatiza a importância do cabelo como ícone identitário, importante expressão cultural.

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário (GOMES, 2003, p. 174).

O cabelo possui uma carga significativa mais atuante por sua visibilidade. O uso dos cabelos crespos sugere uma postura diferente, pois, como expõe o teórico acima, tem grande valor como agente do processo identitário. Na textura do cabelo existe o apontamento para a gênese do indivíduo, para o seu reencontro consigo e com sua ancestralidade. O papel deste ícone na descoberta ou (re) descoberta do indivíduo em sua etnia / raça é de singular importância.

Segundo a autora, o cabelo pode variar de significado, de cultura para cultura, porém sem perder a sua importância. Para a cultura negra, o cabelo tem símbolo de força, resistência e elegância, o que possibilita o uso das mais diversas formas. Ao assumi-lo e usá-lo de maneiras diversas, o afrodescendente se coloca em uma posição de combate e defesa de sua etnia.

Esse fenótipo da raça tão particular é responsável, na maioria das vezes, por tomadas de consciência que repercutem e refletem em uma luta antirracista, por exatamente, combater os estigmas negativos, já posto quanto aos fenótipos da raça negra, como pode-se ver na citação seguinte.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo (GOMES, 2002, p. 35).

Kilomba (2019) explica como se dá as particularidades do racismo centrado na esfera do cabelo, através do viés histórico em como as raízes dessa problemática advém dos tempos de escravidão:

O cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo do negro foi classificado como “cabelo ruim” (KILOMBA, 2019, p. 127).

A associação entre inferioridade e textura crespa dos cabelos têm origens na era escravista, associações que atravessaram épocas e que dão margem a vários conflitos para a população negra. Milla centra suas questões subjetivas em declínio pela simbologia do seu relacionamento com o próprio cabelo, conflitos oriundos, não de sua psique para o seu mundo externo, mas do mundo externo a sua psique, produto das afirmações de outrem sobre sua aparência e ícones identitários de suma importância: “o modo de os outros tratarem o meu cabelo simbolizou sempre a confusão doméstica entre o afecto e o preconceito, o que vem desculpando a minha falta de jeito para cuidar dele” (ALMEIDA, 2017, p. 47).

É expresso na afirmação de Milla o quanto a forma de os outros tratarem, referirem-se a textura do seu cabelo, ao formato, às arrumações interferem nos seus relacionamentos, e na maneira como ela se enxerga a partir da visão de quem a cerca. Todos esses eventos influenciam seu bem-estar psicológico.

Eis-me diante do espelho pela manhã, quando todos os esforços resultam ao lado, e vem-me esse tempo doce anterior a repercussão das frustrações estéticas num enjoo vivido ao longo do dia como uma falha moral, uma maldição (ALMEIDA, 2017, p. 49).

Exibir os cabelos crespos é uma forma de o indivíduo desafiar os padrões impostos e sobrepor a ideia que estigmatiza sua origem como um perfil negativo. O uso dos seus cabelos naturais demonstra um encontro no seu lugar de identidade, pertencimento e aceitação. As formas ousadas e diferentes de usar o cabelo perpassam as questões estéticas, mas configuram-se como ato político contra o racismo e a inferiorização de um dos seus ícones identitários mais significantes para a raça.

O tempo em que eu não me lembrava de ter cabelo durou catorze anos. A natureza providenciava-me até então um jeito qualquer eu domava com ganchos, ou então usava o cabelo curto, um penteado igual ao que minha mãe

usou muito tempo. O cabelo curto, explicara-me, moldava-se tapando a cabeça úmida com uma toalha e dando pancadas para que em círculos para que ficasse “redondinho”. Em pequena, aos fins de semana, eu, o meu pai, primos e uma amiga da escola apanhávamos o comboio até o Cais do Sodré para passar o dia em Lisboa, ou preparávamos farnéis, para piqueniques em Carcavelos ou no Estádio do Jamor, que culminavam com sessões de máscaras feitas a partir das ervas da mata, fáceis de espetar no meu cabelo seco. Tinha o cabelo ideal para o carnaval, o que me orgulhava (ALMEIDA, 2017, p. 59-60).

Mila narra o período em que usa os cabelos curtos e “secos”, o que lhe causa conforto e orgulho. Narra um período em que seus cabelos crespos lhe dão uma sensação de alegria. A forma de tratar os cabelos e o relacionamento com eles vão para além dos cuidados estéticos na narrativa, compreende, também, a história do relacionamento intrapessoal de uma mulher negra com sua autoaceitação.

Diante disso, romper padrões explicita o quanto é forte o impacto que essa mulher tem para o poder de transformação de uma estrutura social, o quanto suas ações, posicionamentos e estratégias têm relevância. Fanon (2020, p. 191) diz que “é através de uma tentativa de retomada de si e de despojamento, é pela tensão permanente de sua liberdade que os homens podem criar as condições de existência ideais em um mundo humano”. A retomada de si, da qual trata Fanon é perceptível na seguinte fala da personagem.

A minha mãe cortou-me o cabelo pela primeira vez aos seis meses. O cabelo, que segundo vários testemunhos e escassas fotografias era liso, renasceu crespo e seco. Não sei se isto resume a minha vida, ainda curta. Mais depressa se diria ao contrário (ALMEIDA, 2017, p. 9).

A passagem acima delinea o entendimento de Mila sobre o cabelo e toda sua vida, enquanto mulher negra. O cabelo determinava as experiências que viriam pela frente, como o drama do racismo, a dificuldade em adequar-se a padrões estéticos dominantes estabelecidos, a aceitação da negritude, os relacionamentos interpessoais e sociais, bem como sua contribuição na vida de outras mulheres e meninas. Contar a história do cabelo serviu como uma narração do drama vivenciado por outras pessoas negras, a partir do relacionamento com um ícone identitário tão importante, intimamente, interligado com a ideia de raça; o cabelo e a cor da pele.

A sensação de reencontro com suas raízes a fazem tomar uma consciência de que não existe raça ou gênero superior, mas que todo homem precisa viver em um mundo sem distinção

e, que ela, sim, é um agente que pode dar contribuições para isso, para um universo de igualdade e respeito aos seus semelhantes.

A mulher negra nunca foi passiva diante das lutas e embates desde o período escravista até hoje na era pós colonialistas. As lutas se modificaram, porém, muitas conquistas foram alcançadas, de maneira que uma das mais significativas é a liberdade de expressão através da literatura, pois esta também depreende uma forma de resistência. Escrever é um ato político, de tentativa de transformação da realidade, dentre as muitas estratégias elaboradas para resistir; a manutenção das raízes e o uso da expressão se destacam.

Através da escrita da mulher negra manifesta-se, também, uma forma de emancipação, empoderamento e militância dessa mulher, por colocar suas ideias e suas vozes no papel para denunciar aquilo que há muito se sabe, porém, pouco foi discutido, sobre a luta por reconhecimento, por desnudar a sua importância e valor nessa sociedade. Santiago (2012, p. 133) diz que “por meio dessa literatura, a das mulheres negras, constitui-se tanto a denúncia, quanto a compreensão dos valores da negritude, e ainda fortalece a identidade pessoal e da coletividade”.

A escrita das mulheres negras, bem como suas intervenções culturais apresentam uma significância tamanha para a luta da igualdade racial, social e de gênero. Isso explicita o quanto é forte o impacto que essa mulher tem para o poder de transformação de uma estrutura social, o quanto suas ações, posicionamentos e estratégias têm relevância para modificar uma realidade desigual e injusta. Através de ações sutis perpassam do seu individual para a sua coletividade em ações que se configuram como intervenção de valor tamanho na sociedade.

Juntos, racismo e sexismo nos recalcam diariamente pelos meios de comunicação. Todos os tipos de publicidade e cenas cotidianas nos aferem a condição de que não seremos bonitas e atraentes se não mudarmos a nós mesmas, especialmente o nosso cabelo. Não podemos nos resignar se sabemos que a supremacia branca informa e trata de sabotar nossos esforços por construir uma individualidade e uma identidade (Hooks, 2005, p. 7).

O não se resignar diante das imposições para que mude a aparência já se constitui um ato de resistência, dentre outros que, a mulher negra exerce em uma sociedade, e o resistir pode ser considerado algo simplório, mas que tem o poder de influenciar outras e outras mulheres. Um ato que pode conduzir para transformações e impactar toda uma estrutura social. Claramente que não acontecem essas mudanças repentinamente, mas serão galgadas a cada pequeno ato.

É como enfatiza (Hooks, 2019, p. 57) quando reflete que “desafiar o pensamento sexista em relação ao corpo da mulher foi uma das intervenções mais poderosas feita pelo movimento feminista contemporâneo”. Ação que inclui o cabelo, para além de desafiar o sexismo, desafia o racismo, e também o classismo, já que como Fanon (2020) insere que, raça informa classe. Reflexões que direcionam novamente a noção de interseccionalidade, força motriz teórica para o entendimento da necessidade de existência de um feminismo negro.

Ao contar a história do cabelo como sendo uma biografia de uma parte do corpo, se faz uma relação com outros membros, para enfatizar a importância subjetiva destes. Milla usa-o para direcionar a história do conflito identitário de um povo, povo negro que perpassa as esferas estéticas, identitárias e autoafirmação e localização geográfica, alicerçando-se, na literatura, para mediar as problemáticas existenciais e históricas em busca de igualdade racial e de gênero.

Talvez o livro do cabelo esteja já escrito, problema resolvido, mas não o livro do meu cabelo, o que me lembraram dolorosamente duas lours falsas a quem em tempos o entreguei de passagem para um brushing impossível – e as quais, não menos brutas do que as outras, notando em voz alta que “está todo espigado”, mo esticaram de cima para baixo, lutando contra os próprios braços, a masculinidade de cujo bíceps, inchados sob as batatas, foi o tempo inteiro a minha secreta desforra. A casa assombrada que é todo cabelereiro para a rapariga que sou é muitas vezes o que me sobra de África e da história da dignidade dos meus antepassados (ALMEIDA, 2017, p. 11).

A personagem diz “a casa assombrada que é todo cabelereiro para a rapariga que sou é muitas vezes o que me sobra de África e da história da dignidade dos meus antepassados”, para representar o quanto as transformações por quais submete seu cabelo modifica, de alguma forma, aquilo que ela ainda conserva de África na essência de seus cabelos crespos. Ao conservar essa essência do cabelo, faz com que, de tão importante da sua herança ancestral, permaneça na sua identidade de mulher negra. “Durante muito tempo pensei que, de acordo com uma noção apropriada de seriedade, seria fraudulento dar a conhecer a Milla” (ALMEIDA, 2017, p. 83).

Para a personagem, mostrar-se como, era realmente, significava fraudulento, e por muitas vezes, usa na narrativa a expressão “negra de papel”. Essa expressão gera uma ideia de fragilidade ou até mesmo inconsistência, mas ao tomar consciência de quem é, Milla passa a não se incomodar com a sua identidade e, a partir daí, recebe a confiança necessária para se definir e existir.

#### 4 A INTELLECTUALIDADE DA MULHER NEGRA EXPRESSA EM *ESSE CABELO*

A palavra intelectualidade denota alguém que realiza uma atividade mental amparada pela inteligência, pelo intelecto, a qual vive exclusivamente voltada para a produção de conhecimentos. Geralmente, essa vida intelectual, concentra-se em teorizar e escrever, de modo que o espaço de escrita das mulheres negras foram excluídas por bastante tempo, mas que não as impediu de produzir conhecimento e saberes com os meios e os símbolos que lhes eram disponíveis.

Partindo dessas elaborações e manifestações feitas por mulheres negras no decorrer dos últimos anos, deu-se lugar a disseminação do pensamento feminista negro que tem alcançado muitos países, nações e culturas. Diversas mulheres negras, brancas, indígenas, asiáticas, mulheres pertencentes a inúmeros lugares do globo têm tido acesso às ideias que existem no cerne da organização desse conhecimento, responsável por promover igualdade social e de gênero de uma forma mais incisiva. Em grande parte essa disseminação se deve às produções das intelectuais negras ao redor do mundo.

As idealizadoras são chamadas intelectuais por promoverem a episteme desse conhecimento, desenvolverem as teorias, aplicarem em pesquisas e o mais importante: fazer com que este trabalho tenha êxito em alcançar as mulheres que estão ainda mais longe das informações que podem ser o divisor de águas em suas vidas psicológicas e materiais, transformando de forma significativa suas vidas.

Desenvolver o pensamento feminista negro também implica buscar sua expressão em posições institucionais alternativas e entre mulheres que não são comumente vistas como intelectuais. Conforme a definição proposta nesta obra, as intelectuais negras não necessariamente acadêmicas nem encontradas na classe média negra (COLLINS, 2009, p. 51).

Para consolidação do pensamento como teoria social crítica a contribuição das mulheres da classe trabalhadora, das operárias, domésticas, mães periféricas de comunidade, é indispensável. Mesmo não sendo consideradas como intelectuais, na maioria dos casos, são produtoras de saberes, dando consistência às teorias desenvolvidas e sustentadas para formação do pensamento feminista negro consolidado.

A defesa pela busca de instrução, conhecimento e formação é considerada uma das mais poderosas ferramentas do feminismo negro para libertarem as mulheres negras dos cárceres alienadores e opressores, as quais muitas ainda estão submetidas por conta da estrutura

social que legitima a perpetuação das injustiças sociais, que destinam mulheres não brancas em sua maioria ao não acesso aos espaços educacionais, não acesso aos bens culturais e a realização de trabalhos semelhantes as suas ancestrais realizavam em tempos de regime escravista.

Sobre todo esse cenário a intelectual negra estadunidense Maria Stewart na década de 80, mais precisamente em 1983, lançou a seguinte provocação: “*Até quando as nobres filhas da África serão forçadas a deixar que seu talento e seu pensamento sejam soterrados por montanhas de panelas e chaleiras de ferro?*”, Stewart polemiza ao trazer esta reflexão, por exatamente, entender o espaço social ao qual as mulheres e meninas negras sempre ocupavam. Os espaços domésticos e subservientes da ressonância da organização colonial escravocrata, que favorece a perpetuação dessa estrutura de desigualdade social, e concluir que essa organização amputa o potencial criativo das mulheres e meninas negras e limitam sua mobilidade social.

Essas observações dão espaço para outra reflexão, cujo é a existência de uma relação de poder que valida e invalida as produções e os saberes, dependendo de quem produz. Nessas relações existem beneficiados e prejudicados, no último caso as mulheres negras que ocupam a base da pirâmide social nessa estrutura organizada que silencia, proíbe, esconde e tenta apagar as manifestações intelectuais, de conhecimento e organização produzido por estas mulheres.

A atuação acadêmica das mulheres negras nas universidades é tão importante quanto a atuação das que ocupam outras camadas e ambientes sociais, pois as questões de luta, busca por igualdades e métodos elaborados de resistência e enfrentamento ao racismo são plenamente articulados na vivência cotidiana mais que na teoria. Porém, a elaboração organizada desse conhecimento, dependendo da forma em que é repassado, possibilita a democratização de acesso a esses conhecimentos tão importantes para as mulheres negras periféricas, que permeiam as margens das universidades e que, por motivo das desigualdades sociais, nem chegam a ter acesso a esses espaços de formação educacional.

Ressaltando que essa intelectualidade não é voltada apenas para o conhecimento institucional das universidades, mas todas as expressões que podem ser elaboradas pelas mulheres no intuito de articular suas manifestações artísticas: música, pintura, dança, e produção de bens culturais. São ferramentas que também funcionam como estratégias de enfrentamento a violência, desigualdade a qual a população periférica, em sua maioria negra, está submetida em todo o mundo.

Segundo Collins (2019) as iniciativas das precursoras do feminismo negro no século XIX, o trabalho engajado das intelectuais Anna J cooper, Frances Ellen Watkins Harper, Ida B. Wells Barnet e Mary Church Terrel associa atividade intelectual e ativismo, ou seja, a partir das

análises situacionais partem para as análises dos seus próprios lugares sociais, mas não param por aí, executam suas ações em grupo, em comunidade ao lado de outras mulheres em prol da resolução dos problemas comuns às mulheres negras e suas famílias.

Essa organização não exclui as mulheres das classes trabalhadoras como as empregadas domésticas e dentre outras ocupações, Collins dá exemplo das interpretes de *blues*, que muitas não possuíam instrução nem educação formal, mas atuavam através da música, ecoando denúncias, protestos, reivindicações nas composições inspiradas pelas suas experiências nos trabalhos exploratórios nas plantações de algodão, pela violência que presenciavam com seus pares.

Em sua maioria esses espaços foram criados por domésticas, lavadeiras, operárias que sequer tinham completado o ensino primário, mas detinham de um forte potencial artístico e criativo para usar em busca de transformação de suas realidades. Collins ressalta que, mesmo hoje, muitas intelectuais negras recorrem e se baseiam nessas ações das pioneiras feministas negras.

Muitas intelectuais negras contemporâneas ainda recorrem a essa tradição, aplicando em nosso trabalho teórico ações e experiências cotidianas. A história da feminista negra Elsa Barkley Brown fala da importância das ideias de sua mãe para sua produção acadêmica sobre as lavadeiras afro-americanas. Inicialmente, Brown usou as lentes fornecidas por sua formação como historiadora e analisou seu grupo de amostra como prestadoras de serviço desvalorizados. Com o tempo, porém, passou a ver lavadeiras como empreendedoras. Levando as roupas até quem tivesse a maior cozinha, elas criaram entre si uma comunidade e uma cultura. Ao explicar a mudança de perspectiva que lhe permitiu reavaliar essa parte da história das mulheres negras, Brown, observa: “Foi minha mãe que me ensinou a fazer as perguntas certas – e todos nós que tentamos fazer o que chamamos de pesquisa acadêmica sabemos que fazer as perguntas certas é a parte mais importante do processo” (COLLINS, 2019, p. 80-81).

Ao observar a experiência de Elsa Brown, descrita por Collins, depreende-se que o conhecimento teórico e organizado para o pensamento feminista negro, em sua essência, parte das observações das experiências e vivências serem aplicadas para obter uma intervenção mais eficaz. O que faz as intelectuais conseguirem acertar o alvo dos questionamentos certos é o detalhe de que estão estudando e analisando uma situação que não lhes é estranha ou alheia, mas para além de seus conhecimentos fazem parte de suas realidades em sua maioria.

A pesquisa de Elsa teve resultados felizes, pois ela soube onde intervir e como intervir, sobretudo, pelo fato das experiências e diálogos que tinha com a mãe conhecedora e constituinte

do grupo de mulheres negras da classe trabalhadora, tornando claro que para intervir seria preciso conhecer de perto a realidade das dificuldades enfrentadas por essas mulheres.

Após esse apanhado compreende-se que a convivência com outras mulheres negras de classes diferenciadas, opiniões, idades diferentes pode dá uma visão mais abrangente das necessidades gerais. Os laços maternos também dão vazão a uma atuação mais direta no cerne dos problemas a serem solucionados.

Em *Esse cabelo* a personagem Mila, mesmo não tendo uma relação tão presente com sua mãe, explicita o quanto a relação entre as duas teve contribuição em sua formação como mulher negra e em resolução de parte de seus conflitos existenciais na idade adulta quando ela diz.

A distância que me separou da minha mãe era o único indício perceptível de a minha cabeça ter sido jogada para longe. Era disso que ela me falava ao telefone nos anos decapitados em que pouco nos vimos, ao perguntar-me pelo cabelo, como se de uma forma indireta me fosse dado a ouvir nessas perguntas que ela sondava se eu já me encontrara. Os nossos anos decapitados são os nossos anos mais felizes, mesmo que a ideia de sermos arrendatários de nós mesmos, a filosofia de vida e reserva de ânimo da minha mãe, nos dê vontade de sorrir. Ela percorria sozinha, ao longo dos anos o caminho de seu quarto, regressada à solidão do louvor individual (ALMEIDA, 2017, p. 77).

As conversas com a mãe ao telefone faziam com que Mila pudesse refletir suas ações no mundo, a mãe suscitava em Mila sua missão que começaria em sua própria psique, como se ela já soubesse o que precisava ser feito, mas que por causa das situações que a envolvia cortasse os seus instintos criativos para uso de sua intelectualidade como potencial interventivo e transformador no meio em que estava inserida.

Mesmo com contatos pessoais espaçados de férias em férias, a mãe conhecia a potencialidade intelectual que Mila possuía, a visão aguçada para a vida e para os fenômenos. A mente questionadora e filosófica, a qual a personagem demonstra desde cedo no decorrer da narrativa é um viés importante para sua formação e atuação no mundo, mas que precisa ser incentivado e despertado, retirando as amarras do supremacista a qual a personagem relata que existe dentro de si: “Parecendo relacionar a minha caminhada pacífica com a de Elizabeth, esse supremacista não cabe em nenhuma das definições conhecidas, embora subsista mesmo quando nada brame.” (ALMEIDA, 2017, p. 96).

Como Mila descreve a imagem do supremacista interno que ela carrega através da comparação feita entre a sua vida e a fotografia de Elizabeth Eckford, analisada pela personagem anteriormente, traça um paralelo entre as causas dos silêncios das mulheres negras e da desestimulação de suas expressões intelectuais como consequência do racismo. Para a

personagem, o supremacista caracterizado pela formas de repressão às mulheres negras, bem como a todos os imigrantes negros em Lisboa, inibe a sua liberdade de atuação intelectual e vida plena através do silenciamento imposto pela sociedade portuguesa aos imigrantes negros direta e indiretamente.

Collins (2019) diz que o silêncio das mulheres negras não pode ser interpretado como passividade ou submissão, mas uma das nuances à consciência coletiva e autodefinida estabelecida por elas, e que em algumas situações a liberdade da atividade mental é o único lugar em que essa mulher se sente livre de fato

O que se destaca nessa análise é a força reflexiva do intelecto de Mila. Mesmo estando em situação desfavorável, a sua visão para compreender a situação em que está inserida não se neutraliza, mas faz uso do seu lugar de visão para entender, refletir e, enfim, agir, elaborando estratégias de enfrentamento contra as intimidações a que era submetida, buscando se sobressair de forma inteligente e meticulosa.

A ambição, um combustível pujante, que não acompanha necessariamente o talento e pode até incentivar a mediocridade, conduz alguns de nós com uma fidelidade persistente. A mim acompanhou-me em todos os percalços como uma reserva de individualidade que não podia ser manchada. (...) Não sei por que me hei de comprometer com a intenção de encontrar beleza no que me repele, mas cedo à pressão de o fazer por consideração mais para com a genuinidade desses projetos do que para com o encanto desses anos liceais (ALMEIDA, 2017, p. 103).

A ambição que acompanha Mila é a certeza que ela precisa para ir em busca dos seus objetivos educacionais. Ela metaforiza esse sentimento como algo indispensável para ajudá-la a não desistir diante das dificuldades, demonstrando a força que é preciso para superar as barreiras que lhes são impostas pela sua caminhada pessoal e profissional, barreiras impostas pelo sexismo, enquanto mulher, e pelo racismo, enquanto negra. Todavia, mesmo com consciência de sua realidade, ela elabora as suas estratégias de posicionamento e ação intelectualmente.

Collins (2019, p.181) discorre sobre essas ações elaboradas por mulheres negras.

Para as mulheres negras, resistir fazendo algo que “não se espera” delas não seria possível se não rejeitassem as *mammies*, as matriarcas e outras imagens de controle. Quando combinados, esses atos individuais de resistência sugerem que as mulheres negras têm uma consciência coletiva.

Rejeitar os estigmas, de maneira externa ou internamente, é um dos dispositivos mais eficazes usados pelas mulheres negras, a partir de uma consciência adquirida pela experiência coletiva, ou seja, problemas que se repetem e que são padronizados pelo maior grupo de mulheres negras em diversos lugares e em diversas camadas sociais. Mesmo que as complicações acabem diminuindo, quando essa mulher se move de condições socioeconômicas, ou em grau de instrução mais elevado, continuam a experimentar outras formas de opressão, então passa a ser uma experiência em comunidade e não atos isolados. A partir dessa compreensão, a articulação dos atos de resistência, combate ao racismo e sexismo, passam a ser combinados em coletividade.

Fanon (2020) diz que a todo momento o drama racial pelo sujeito negro é transposto, ao passo que para o branco é inconsciente. Aplicando essa teoria à situação das mulheres que vivem o drama racial é impossível não viverem conscientes de sua negritude e de sua realidade de opressão, o que Fanon caracteriza como uma “amnésia emocional” inexistente que possibilita o exercício dessa consciência aliada a ações.

Esse trabalho consciente é aliado a uma instrução e um trabalho intelectual que fomenta a ativação de dispositivos de combate ao racismo e misoginia, um desses principais dispositivos é a persistência por qualificação formação de qualidade. É dessa busca nomeada como “ambição” que Mila se refere na passagem seguinte:

Verdadeiro é que, por absurdo que pareça, foi a ambição e não o sentido de responsabilidade, que me protegeu ao longo desse caminho. Esta era ideia do meu avô para a qual o conduziam as minhas primeiras quadras, como se a eternidade de um velho pudesse ser pressentida no modo como uma criança rima a palavra “mar” com a palavra “amedrontar”. Os meus poemas infantis revelavam o futuro do meu público, e não o meu. Nunca estivemos tão perto da vida após a morte como nessa fantasia do meu avô Manuel (ALMEIDA, 2017, p. 106).

Mila dá uma importância significativa a sua “ambição”. A sua intelectualidade exercitada ao longo dos anos funciona também como uma forma de proteção, ela munida de conhecimentos, também lhe dão à consciência de sua condição e do que deveria fazer para enfrentar as adversidades que a vida lhe apresentara e a adquirir ferramentas para a mudança dessas realidades.

A ambição de que ela trata pode ser entendida como o desejo inconsciente despertado pela percepção de uma existência diferente como mulher. Desde cedo, a mulher negra precisa

driblar vários obstáculos, tais como, sobrevivência física e psíquica, além de desempenhar uma performance, duas ou três vezes, mais difíceis para transpor as barreiras postas pelo racismo e sexismo em conjunto. Desempenhar esse papel e atividade intelectual se torna, por vezes, cansativo, mas são os mecanismos que não podem, de maneira alguma, serem deixados de lado, pois custa benefícios não só para a existência da mulher negra em sua individualidade, mas de todo um grupo étnico, de toda uma comunidade.

#### **4.1 A educação como estratégia de empoderamento das mulheres negras**

Um fenômeno desafiador e impactante para transformação do mundo e da vida de várias mulheres em situação de vulnerabilidade consiste nas políticas de democratização do ensino e educação para acesso dessas mulheres. Estar no espaço educacional significa para além de tomar posse de um direito indispensável, significa transformação de pensamentos, desalienação e possibilidade de mobilidade, pois o conhecimento e a instrução transformam vidas.

É questão de estatística, como os dados mostram o número de mulheres negras fora do espaço educacional é exorbitante; o número das que chegaram a completar o ensino básico são minimamente pequenos comparados com homens brancos. O que se observa é que quanto mais precária a condição socioeconômica dessa mulher, mais longe ela fica dos espaços escolares, do mercado de trabalho e das Universidades e, isso vai se tornando um ciclo que se estende às filhas e netas por bastante tempo, sobretudo, pelas influências deixadas pelos ambientes que reproduzem as estruturas coloniais.

Nelson Maldonado Torres em *Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas*, discute que mesmo após os processos de independência das colônias, o colonialismo continua existindo por meio dos resquícios dessa organização social, isso implica nas condições de existência e acesso a escolaridade para mulheres negras que foi o grupo ainda mais prejudicado por essa instituição violenta e opressora.

Mesmo que ainda as instituições escolares e acadêmicas também imprimam características do domínio hegemônico, é nesse espaço que, mulheres negras conseguem escalar as barreiras dos entrecruzamentos de opressões por meio da educação, que de certo modo lhes possibilita meios para ascenderem também economicamente e poder intervir em suas realidades e de suas comunidades através do conhecimento.

Segundo o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com pesquisa datada de 2018, os percentuais indicaram que apenas 10% de mulheres negras chegam a

completar o ensino superior, é um número extremamente pequeno comparado a quantidade de mulheres autodeclaradas pretas no Brasil. Apresenta-se como exemplo o Brasil, por ser um dos países na atualidade que mais investiram em políticas de democratização do ensino superior com sistemas de cotas referentes a questão socioeconômica e racial.

Mulheres negras desafiam o sistema quando atravessam os ambientes de instrução e fazem uso dessa ferramenta para desmitificar a ideia que associam a negros como apenas referência corpórea, como enfatiza Kilomba (2019, p.177): “uma pessoa é negra quando vem a ser a representação corpórea, mas não se é negra quando se trata do intelecto”. Inteligência e negritude são conceitos dissociados em detrimento do racismo e é a partir dessa ideia que a mulher intervém positivamente, quando acessa os espaços de produção de conhecimento e crescimento intelectual.

No início dos debates para consolidação do feminismo negro, postulados inicialmente pelas mulheres da classe trabalhadora e as intelectuais negras estadunidenses, as quais ansiavam pela elevação da raça como princípio das atividades do movimento negro organizado, um dos principais interesses das mulheres negras consistia na garantia que as suas companheiras teriam instrução.

Apesar das diferenças de classe entre as mulheres negras, a tradição de buscar educação para o desenvolvimento da comunidade negra permeou todo movimento todo o ativismo das mulheres negras estadunidenses. Um estudo com 25 líderes comunitárias negras revelou que elas rejeitavam definições limitadas de educação (COLLINS, 2019, p. 348-349).

A importância da educação, vista pelas líderes comunitárias e intelectuais negras, pontua o início do empoderamento das mulheres negras, bem como para desenvolvimento de toda a comunidade negra. Partindo do entendimento de quanto mais informada e instruída, mais incisiva e positiva seria a articulação dessa mulher negra e, mais crítico e reflexivo, o seu posicionamento diante das opressões, da atuação nos espaços de poder e a identificação de situações que sutilmente seriam de enquadrá-las em imagens de controle.

Desde cedo, quanto mais a condição dessa mulher negra era elevada, mais os pais seriam responsáveis por incutir nelas a ideia da busca pela escolarização, e do investimento em um ensino superior, é o que lhes daria não só progressão financeira e social, mas lhes conferiam a munção necessária para agir e proteger sua psique contra os possíveis ataques racistas e violentos pelos quais mulheres negras passam.

A educação de mulheres negras em educação focada perpassa a esfera de apenas adquirir conhecimento, mas preparar estas mulheres a serem ativas socialmente, a prestar

serviços à sua comunidade e garantir o desenvolvimento das ideias antirracistas, como cita Collins (2019, p. 349), sobre a declaração de uma mulher ativista negra pertencente a classe trabalhadora que adentrou pelo campo da educação com a formação especializada na educação básica para a comunidade.

A formação especializada dessa mulher a empoderou, porque lhe forneceu as credenciais que ela acreditava para organizar os pais dos alunos. Sua formação foi escolhida com o objetivo de melhorar a situação dos afro-americanos como grupo, não apenas para seu desenvolvimento pessoal.

Ao passo que ao ser instruída e desenvolver métodos para intervir nos problemas de sua comunidade essa mulher se empodera, pois percebe em si força capaz de enfrentar e atuar positivamente na realidade de sua comunidade. Quanto mais atua em seu grupo, mais fortalece os laços comunitários e trabalha a sua subjetividade, cujo é a parte mais importante na tomada de consciência de responsabilidade social como mulher negra.

#### **4.2 Mila e a influência do conhecimento em sua tomada de consciência**

O futuro da personagem Mila, desde cedo aponta para os livros, seu avô Manuel enxerga nela um futuro promissor com a escrita. Dentro da narrativa, ela sempre cita falas, trechos de livros, pensamentos de filósofos consagrados, o que denota seu perfil de leitora assídua, de uma mulher que busca conhecimento e curiosidade pelo mundo. Essa é uma das características mais fortes da personagem que se destacam ao longo da narrativa, sua intelectualidade, que desde tenra idade encanta a família e cria em torno dela uma admiração e promessa de futuro promissor, sobremaneira com a escrita.

Manuel convenceu-me, era eu pequena, de que me aguardava um futuro promissor, como talvez seja aconselhável convencer todas as crianças. O que me deu nesses dias, em que recitava os meus versos infantis à família e me aconselhava Júlio Verne, adivinhando-me um destino literário, não foram meios, mas fins. Não se pode induzir em alguém uma ambição medonha senão em pequeno (ALMEIDA, 2017, p. 105).

A passagem apresentada no romance identifica a consciência que Mila adquire, ainda criança, sendo incentivada pelo avô que já consegue notar o seu perfil criativo e destacado para

as letras. Ainda na infância a auto estima da menina negra é fortalecida pelos laços familiares com alguns parentes, como seu avô Manuel e sua avó Maria da Luz.

Enquanto criança, mesmo sendo tão esperta, Mila não percebia tanto as diferenças existentes alusivas à sua existência como menina negra. Nessa condição, o seu estar no mundo, abria todas as suas possibilidades criativas, a fluidez das ideias e pensamentos, realidade esta que vai se contornando à medida que a menina vai amadurecendo e acumulando experiências com o racismo e as desigualdades presenciadas pela personagem em Lisboa.

A aura intelectual de Mila confere a ela uma visão do mundo diferente das pessoas que estão ao seu lado. Na narrativa, são expressos seus questionamentos sobre o mundo, intensas reflexões sobre problemas que acontecem a sua volta e um certo ar de sarcasmo e ironia em suas falas a respeito das injustiças sociais existentes.

Incentivada pelo seu avô Manoel, Mila reconhece a influência dele em sua jornada existencial e intelectual como uma espécie de salvação.

A ambição foi uma dádiva recíproca, e não poderia ser senão sê-lo, pois não a podemos gerar senão em nós mesmos. Quão injustificado era que eu julgasse ter pela frente um destino luminoso, quando á minha volta se erguia o quotidiano nauseabundo de velas sujas de Lisboa, na década de noventa ou na década de dois mil, cheiro a urina, preservativos e seringas usadas, copos de plástico vazios dos quais também eu bebera (ALMEIDA, 2017, p. 105-106).

Ao longo da narrativa, a personagem reflete sobre a situação ao seu derredor, as condições insalubres a qual a população que habitava as margens da cidade de Lisboa estavam submetidas. Como visto na passagem acima, questiona e confronta as previsões sobre seu futuro “luminoso” mesmo sabendo que outras pessoas, de origem e semelhança como a dela, nem sequer sonhariam, manifesta assim, a consciência de insatisfação e críticas sobre a vida em Lisboa, a qual a população marginalizada, geralmente negros imigrantes que procuram melhores condições de vida em Portugal enfrentam, bem como são desiguais a distribuição de condições materiais e de oportunidades naquela sociedade.

Por vezes, até inconscientemente, Mila acaba expressando as marcas do pensamento interseccional que lhe confere uma visão da situação a sua volta mais reflexiva e crítica a respeito dos acontecimentos sociais. Essa característica é fruto de conhecimento e observação, sobretudo, vivências e informações, como discorre Carla Akotirene em *Interseccionalidade*: “o pensamento interseccional nos leva a reconhecer a possibilidade de sermos oprimidas e de corroborarmos com a violência” (2020, p. 45).

Essa percepção de opressão é reconhecida através da observação que Mila faz sobre a realidade que a cerca, e das estruturas que legitimam as desigualdades, não só através do conhecimento que uma mulher negra pode adquirir essa compreensão, mas com a apreensão do conhecimento que torna-se mais fácil, reconhecer, se desvencilhar e combater complicadores que perpassam as esferas gênero, raça e classe.

Torna-se nítido, a construção dessa compreensão da experiência como mulher negra, na passagem da narrativa, em que Mila analisa uma fotografia encontrada de Elizabeth Eckford, fotografia esta que se tornou um símbolo pela luta dos direitos civis. Elizabeth está em primeiro plano, segurando fortemente o caderno rodeada por várias mulheres brancas com a feição dos rostos embravecidas, e alguns guardas no último plano da imagem.

Ao falar sobre a imagem, Mila, enxerga nela própria, o espírito e a condição de Eckford. Para ela, é como se a fotografia contasse toda a sua história e condição de vida em Lisboa quando mesmo cita.

Sou os guardas ao fundo policiando-me com distância. Sou os curiosos que vão atrás para se divertirem um pouco. É o retrato de uma autoperseguição e da tentativa diária de lhe ser indiferente (...) Esta imagem captura o supremacista em mim, o espírito agressor que me estraga os dias, por muito que nada ou ninguém me agrida ou tenha agredido de fora : o supremacista implícito na timidez reticente e magoada de tantos cabelos crespos com que cruzo por Lisboa, bem mais justificada do que a minha, porque vendo bem, todas as formas de timidez foram em mim sempre um privilégio natural e não uma reação às circunstâncias. Esse supremacista é a ideia nesses meus irmãos, de a sua timidez (que ninguém percebe) ser um estorvo de que devem expurgar-se, tentando encontrar no convívio com o mundo a mistura exata de desdém, mansidão e expansividade (ALMEIDA, 2017, p. 94-95).

A descrição detalhada de como Mila se identifica com a fotografia de Elizabeth se expande, quando compara, também, sobre o tratamento recebido pelas pessoas negras em Lisboa, as violências simbólicas e o racismo diário vivenciado das mais diversas formas e nos mais variados lugares. A profundidade com que ela analisa e relaciona às suas vivências, mostram como Mila adquiriu, através do conhecimento e do tempo, a sua consciência racial e de gênero e o reconhecimento do cruzamento de opressões aos quais mulheres pretas sofrem em Lisboa em detrimento de sua etnias, e marcadores identitários como dor da pele, cabelo, vestimenta, costumes.

Mila, ao dizer que, a imagem captura o “supremacista em mim”, percebe que a consciência racial também lhe possibilita sentir das mais diversas maneiras as dores que o

racismo lhe causa. Ao passo que toma ciência da realidade das opressões, os olhos se abrem e, na busca pela fuga dos incômodos, cresce nela o “espírito agressor que lhe estraga os dias”, como a luta por fugir do que lhe causa sofrimento, um sofrimento inevitável.

O medo da rejeição, a mágoa, o silêncio, que não é uma realidade apenas dela, mas de todo um grupo étnico que habita a capital Portuguesa, à margem geográfica e simbólica.

Ele sussurra-nos que desviemos o olhar dos senhores polícias, que reclamemos pouco na estrada, que não ocupemos lugares reservados em autocarros vazios, que desimpeçamos o caminho, que em assuntos importantes mudemos de sotaque ao telefone, que desapareçamos dos corredores de que realmente desaparecemos, entre pedidos de desculpa e muitos silêncios, deixando o piso escorregadio, como vestígio, que esqueçamos a História do cabelo embora não haja barulho algum cá fora- *nada de nada* (ALMEIDA, 2017, p. 95).

O fato de não se sentir aceita, bem-vinda, e de não se encaixar supõe a existência de uma margem, por vezes, em sua maioria, simbólica, e mais ainda geográfica. A personagem põe em evidência o sentimento e a postura que adota, que se vê necessário anotar diante dos episódios vários de exclusão e constrangimento a que é submetida, pela condição não só de mulher, mas de mulher e preta.

Mobilizo-me assim todos os dias para o que quase nunca passa de uma turba de nuvens, zombaria infame da história das raças, revelando quixotescos os meus pavores genuínos. As raparigas iradas são a causa silenciosa da discricção da menina “muito clássica” que me tornei. Os seus itálicos fizeram-se natureza: cabelo esticado (ALMEIDA, 2017, p. 96).

Os mecanismos de resistência são elaborados na mente de Mila a partir das situações identificadas por ela, por isso a organização desse pensamento feminista realizado pela personagem é primordialmente intelectual, partindo da percepção da realidade para ações concretas. Quando a personagem fala “mobilizo-me”, indica que existe uma postura e uma ação que se inicia na mente, o modo de ver a vida com a visão mais apurada e inteligente dos fatos, rejeitando a alienação e a subserviência tímida que a sociedade racista impõe às mulheres negras a sua volta.

Mila explana sobre o tornar-se uma “menina muito clássica”, fazer parte dos seus perfis de resistência, por vezes, precisa adotar essa postura para poder conviver em sociedade e driblar as imposições veladas da violência do racismo simbólico a qual convive. Ela atua nos dois

campos de conhecimento, citado por Collins (2019), o conhecimento trivial, naturalizado que se configura como os adquiridos pelas conversas cotidianas com outras mulheres negras e o compartilhamento de experiências comuns com as opressões interseccionais, e o segundo conhecimento, denominado o especializado, configurado por elaborações de mulheres que tiveram acesso à educação formal ou produzem conteúdo científico.

A ênfase dada por Collins é que partindo de posições diferentes e, mesmo sendo interdependentes, tanto o conhecimento trivial, quanto o especializado, pode ser executado pela mesma mulher que pode habitar esses dois lugares e transitar os ambientes acadêmicos e de conhecimento informal. Elaborado a partir das experiências, essa relação dialógica, citada por Collins, parte do desejo em ampliar as questões teóricas com empíricas, partindo para uma análise cultural. Não só conhecer a realidade, mas como discorre a teórica “dar forma” e “dar nome” às experiências das mulheres negras.

Mila demonstra a sua postura alerta para as situações cotidianas, a qual a sua visão já consegue identificar os perigos: “as raparigas iradas da fotografia são o temor nervoso (de que me envergonho) se num comboio um negro atende o telefone, falando alto. “Chiu: fala baixo”, dizem-me, digo-lhe, digo a mim mesma, “cuidado com as pessoas” (ALMEIDA, 2017, p. 96).

O perfil intelectual de Mila aliado às suas experiências, aos diálogos com os seus pares, promove nela a consciência de uma responsabilidade voltada para o coletivo não só de mulheres negras, mas amplia a visão para as demais opressões. Collins enfatiza a importância dessa mulher intelectual exemplificando as comunidades afro-americanas, para a concretização dos efeitos positivos do pensamento feminista negro na sociedade quando explica que.

As intelectuais negras são centrais para o pensamento feminista negro por várias razões. Em primeiro lugar, nossas experiências como afro-americanas nos proporcionam uma perspectiva única sobre a condição de mulher negra, uma perspectiva que não é acessível a outros grupos, caso a adotemos. É mais provável que as mulheres negras, como membros de um grupo oprimido, tenham uma compreensão mais crítica de nossa condição de opressão que as mulheres que vivem fora dessas estruturas (COLLINS, 2019, p. 82).

As condições de tratamento precarizado e os lugares de subalternidade a qual as mulheres negras de toda esfera e camada social habitam lhes proporciona uma visão mais aguçada das opressões o que possibilita desenvolver pensamentos de resistência a partir do conhecimento aliado às experiências. O que é possível perceber nos posicionamentos reflexivos de Mila, como uma mulher instruída e que transita pelos vários espaços da sociedade portuguesa inclusive às escolas e universidades.

Pode ser que eu, do cimo do meu miradouro, e mesmo no meio da multidão, contemple a minha origem e seja dela uma testemunha tão pouco eloquente quanto o pombo que me via passar a caminho da escola. Do miradouro, sou porventura uma contempladora desmiolada do crescimento da minha mente. Não poderia ver-me passar e passar ao mesmo tempo. A chuva não quer saber de nós – não escolhe os parvos – e é ,vista de longe, coisa miúda (ALMEIDA, 2017, p. 128-129).

A personagem expõe de maneira filosófica e inteligente, reflexões e questionamentos sobre a vida e a solidão que, por muitas vezes, alcançou sua trajetória.

Eu pensava em como me ficava um par de sapatos novos, comprados pela avó Lúcia um número acima. O pombo lançava à minha passagem um dejecto que se fragmentava no ar. Nesse caminho frio e escuro em que não se via viva alma, éramos, eu e o pombo, as únicas discerníveis formas de vida: eu, absorta em mim mesma, aprendendo em solidão a solidão – vivendo para dentro (ALMEIDA, 2017, p. 127-128).

A partir da descrição detalhada da sua caminhada cotidiana observada pelo pombo é recurso que a personagem usa para enfatizar o quanto está consciente de tudo que a rodeia, até dos mínimos detalhes. Está consciente dos percalços, dos sentimentos que lhe vêm ao refletir sobre sua jornada existencial quando ela diz “eu, absorta em mim mesma, aprendendo em solidão a solidão – vivendo para dentro”, dando ao leitor a dimensão de como Mila sente a solidão causada, por vezes, pela incompreensão do seu modo de estar no mundo como uma mulher negra e intelectual que consegue enxergar além do óbvio lhe predispõe.

A solidão narrada por Mila é a solidão que acompanha muitas mulheres negras e que as obriga a viver para dentro, o “vivendo para dentro” que a personagem descreve é o método de sobrevivência que desenvolve para proteger suas ideais e seus sentimentos e, até mesmo, suas manifestações intelectuais de serem condenadas a julgamentos e incompreensões. Somente uma consciência plenamente articulada e ativa, como a de Milla, analisa as situações e ambientes hostis semelhantes a estes da passagem citada acima para enfim desenvolver tais mecanismos de defesa e que não deixam de ser estratégias de resistência.

Kilomba (2019, p. 81) é enfática em relação a objetividade desse perfil adotado pelas mulheres negras quando cita:

Tem se o direito de ser um sujeito -político, social e individual- em vez da materialização da outridade, encarcerada no reino da objetividade. Isso só se torna concebível quando existe a possibilidade de expressar a própria realidade e as experiências a partir de sua própria percepção e definição, quando se pode (re) definir e recuperar a própria história e realidade.

Partindo do pensamento de Kilomba (2019) e relacionando a postura de Mila dentro romance quando expõe sua consciência, questionando o próprio cuidado que tem consigo mesma e a relação com sua identidade é nítido a sua busca por recuperação da própria realidade quando a personagem diz:

E falando do meu cabelo, me entregue a lama da memória colectiva perdendo de vista o mundo contemplado a partir da vitrina: os acidentes do coração da menina muito clássica que cada um tem o direito de trazer dentro de si – acidentes do anonimato. É me então clara a armadilha da pieguice e como me escorrego por entre os dedos: o rosto de que sinto saudades, o mesmo que julgo não ser o meu, não me anuncia senão a mim (ALMEIDA, 2017, p. 141).

A consciência intelectual refletida por Mila ao poder reconhecer a si mesma e analisar a realidade a sua volta lhe aproxima do que é a sua verdadeira procura a de si mesma, de poder entender sua existência. A partir do seu sentimento de pertença, ela passa a entender o lugar identitário a qual faz parte e a usar isso para agir positivamente no seu meio. Quando o seu relacionamento consigo mesma melhora, a personagem começa a entender a realidade outras mulheres e meninas negras a sua volta e a intervir positivamente nisso.

Revejo agora os olhares devolvidos na rua à minha passagem e ocasional “bom dia” que não coibimos de trocar, eu e minhas irmãs africanas, pensando que “te tratava esse cabelo, te dava uma volta” Tias oferecem-me lenços de cores garridas – “Mila, vai bem com tua pele. “Eu sei, vai bem, vai” “Tens de arranjar assim um estilo: tu tinhas” (ALMEIDA, 2017, p. 119).

Pelo uso da expressão “minhas irmãs africanas”, Mila demonstra cada vez mais na narrativa o reconhecimento de sua negritude, bem como o sentimento de pertença a influência de África em sua existência como mulher e negra. A partir disso, passa a reconhecer em outras mulheres negras que, também habitam Lisboa, a identidade que tanto procurara estabelecer durante os episódios e conflitos existenciais devido a dificuldade de encaixar em perfis de mulher que não lhe cabiam.

Munanga (2019) explica que esses efeitos nas personalidades das pessoas negras são causados pela estratégia das estruturas coloniais que persistem até hoje para embranquecimento da mulher e do homem negro, bem como o deslocamento e apagamento de suas raízes o que desestabiliza a sua identidade cultural, moral e psíquica.

Mila, no decorrer da narrativa, revela sua desestabilidade emocional, identitária e cultural, mas ao passo que vai refutando as investidas da sociedade para embranquecer seus fenótipos na tentativa de assimilar um padrão branco e europeu de imagem, ao buscar suas raízes ela vai se autoafirmando. Então, quando a personagem consegue reconhecer em outras mulheres a valorização daquilo que vê em si mesma, os mesmos costumes, as mesmas práticas e o modo de estar no mundo, percebe que não há nada errado consigo mesma e o seu orgulho sobre sua etnicidade cresce. Com efeito, a sua vida enquanto mulher e negra, tornam-se mais consciente e confortável.

Vale ressaltar que o trabalho de auto aceitação e descobrimento de si mesma é um trabalho gradativo, consciente e intelectual. Lélia González (1988) delineia que não se nasce negro, mas torna-se a partir das vivências e experiências. Então, é necessário explicitar que não se nasce uma mulher negra ativa e consciente, mas se torna a custo de muito trabalho emocional, moral e psíquico. É o que vai se delineando com a personagem Mila, em *Esse Cabelo*.

#### **4.3 Produções de discursos das mulheres negras em vistas a transformação da sociedade**

Os estudiosos da linguagem como expressão social já salientaram que a palavra é ideológica por excelência. Mikhail Bakhtin expressa essa ideia, de que todo discurso é produto de uma interação social. Emily Benveniste diz toda enunciação tem um objetivo uma finalidade para além de apenas emitir códigos, enfatizando que a linguagem não é inocente, mas existe no enunciador uma intenção.

Pensando nisso, medita-se sobre o poder do discurso que é manifestado pelas mulheres negras, através de suas oralidades, manifestações culturais e artísticas e produções literárias, já que o seu discurso é mediante as suas vivências e aspirações que visam a transformação de suas realidades.

Florentina Souza no prefácio da obra *Vozes literárias das escritoras negras* (2012) de Ana Rita Santiago, discorre sobre os embates e desafios que as escritoras negras enfrentam no decorrer dos tempos para terem o direito de reescreverem suas próprias histórias. Florentina toma por base o contexto do campo literário brasileiro, mas sabendo que essa é uma problemática padrão para as mulheres intelectuais negras e escritoras em todo o mundo.

As escritoras negras, em particular, têm sido sub-representadas nas histórias e críticas literárias. Os seus textos, na maioria das vezes são ignorados ou tidos como literatura de “inferior qualidade”. Foram vários e eficientes os recursos utilizados pelos “donos” do campo literário para, através do silenciamento,

tornar inaudíveis as vozes de mulheres negras que tentavam reescrever suas histórias e inseri-las na produção textual brasileira (SOUZA, 2012, p. 9).

A exposição de Florentina explica como as vozes das escritoras negras que ecoam na literatura subsistem e resistem a uma porção de recriminações. Produções literárias tidas como inferiores e fora do padrão, por exatamente, essas mulheres habitarem o campo do desprivilegio e silenciamento impostos, legitimados pelo racismo estrutural a qual essas mulheres estão submetidas.

A ausência do cumprimento do direito de produzir, o direito de ter acesso aos bens culturais e espaços educacionais e, por fim, a invalidação da literatura que mulheres pretas produzem, são o resultado de um esquema racista, as quais as sociedades de orientação ocidental organizam e ditam quem deve ser ouvido e lido.

A partir dessas constatações essas intelectuais negras trabalham com a responsabilidades de atuar política e socialmente através da arte e da produção intelectual orientadas pelos princípios da decolonialidade, constatando, a partir da visão privilegiada que, as intersecções de opressão lhes confere, que as amarras do colonialismo continuam existindo e repercutindo, mesmo com o fim da colonização formal e permeiam fortemente nas produções intelectuais, nos discursos e nas práticas sociais.

É como discorre TORRES (2007, p. 28):

Decolonialidade como conceito oferece dois lembretes -chave: primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política.

Para o autor, trabalhar orientado pelo conceito da decolonialidade, parte do entendimento de que é preciso sensibilidade para reconhecer que a sociedade está contaminada ainda pelos resquícios da instituição colonial. É necessário entender isso para poder desenvolver as estratégias e mecanismos importantes para desarmar esse sistema que prejudica os grupos minoritários, que são exatamente os que mais sofrem com essas condições sociais, mas por outro lado são os que adquirem consciência plena de que algo precisa ser feito para transformar essas realidades.

As mulheres negras como participantes e sendo as mais lesadas em todos as esferas por essa permanência colonial, são as que mais tem atuado e, a partir de vários recursos, inclusive da atuação intelectual, da produção de conhecimento, elaboração de mecanismos e

estratégias de enfrentamento às violências simbólicas pela educação e orientação social dos sujeitos subalternos.

A priori são identificados por elas através da perspectiva mais sensível os resquícios do problema colonial não resolvido: sexismo e racismo epistêmico que presume e toma por base uma verdade única, sem considerar as vozes que permanecem subterrânea, mas que através das reivindicações memoriais subalternizadas começam a ressurgir, sendo uma das perspectivas mais significativas do pensamento decolonial que sobrepõe a crítica e a teoria colonial, que se revela, principalmente, através da prática e intervenções incisivas.

Essas intervenções vêm carregadas das elaborações, manifestações das pensadoras e pensadores compromissados com a transformação dos pensamentos, ações claras e conscientes, sobretudo, dos povos subjugados. Vozes femininas negras enfrentam as barreiras das opressões interseccionais e fazem sobressair a difusão de sua produção intelectual, artística, literária e política como questão de sobrevivência.

Através da escrita de mulheres negras, pode-se, pois, traçar construções socioculturais de gênero e de relações étnico-raciais, inventar mundos amores e memórias com marcas de diversidades, histórias e repertórios culturais negros (SANTIAGO, 2006, p. 37).

Como Santiago desenvolve seu pensamento, a escrita de mulheres negras circunscreve as categorias de análise gênero, raça e cultura intrinsecamente. A partir das matérias artísticas produzidas por ela é possível identificar as marcas da memória e conclamação mesmo que implicitamente nas produções literárias a aceitação das diferenças e valorização da cultura negra, sendo, portanto, intervenção artística substanciada de um pensamento feminista negro solidário e transformador da sociedade.

Kilomba explica como se reproduzem as estruturas da sociedade a partir dos discursos produzidos e como isso afeta a vida social e intelectual das pessoas negras.

Todas as três formas de desrespeito \_político, social, e individual – têm grande importância na vida das pessoas negras nas sociedades dominadas por brancas/os, porque tornam a nossa realidade real. Além disso, elas são reproduzidas nos discursos acadêmicos através de epistemologias e métodos que colocam as vozes de grupos marginalizados como secundárias, privando-nos do direito à autorrepresentação. Isso decerto reforça a realização de pesquisas centradas em sujeitos (KILOMBA, 2019, p. 82).

O impacto negativo de uma ausência de autorrepresentação das pessoas negras, principalmente das mulheres negras, se dá nas esferas tanto política, social quanto individual e interfere em toda a realidade desses sujeitos por ser uma organização histórica que se responsabiliza por diminuir, apagar e invalidar as vozes e os discursos provenientes desses sujeitos que são encaixados em lugar de subordinação.

Fanon (2020) explica que “o lobo, o diabo, o gênio maligno, o mal, o selvagem” são ideias relacionadas e representadas na literatura a partir da figura e das personagens negras, sujeitos negros e, também, pelo índio, reflexo de uma organização socio cultural baseada no racismo e na exclusão, na marginalização que são atribuídas aos povos subalternos. É nítida a ressonância dessa estrutura nas produções literárias e na ficção, bem como em todos os setores sociais.

Para esboçar essa compreensão, Collins explica quais mecanismos são usados para estabelecer essa estrutura de racismo e exclusão por meios simbólicos e, assim, revela como não acontece de forma despreziosa ou inocente, mas de forma estruturada, articulada de formas propositais. Ela explica quais domínios específicos funcionam, a ponto de garantir a manutenção dessas opressões.

Cada domínio cumpre um propósito específico. O domínio estrutural organiza a opressão, enquanto o disciplinar, o administra. O domínio hegemônico justifica a opressão, e o interpessoal influencia a experiência cotidiana e a consciência individual dela decorrente (COLLINS, 2019, p. 437).

A produção insistente e resistente dos discursos produzidos por essas mulheres pertencentes às camadas subalternas se torna um dispositivo de mudança das estruturas sociais, a partir do momento que uma história que não foi contada ou escondida emerge com denúncias e apelos a mudanças tanto na produção de conhecimento, quanto em todas as esferas que de todo modo são influenciadas por um padrão de conhecimento impregnado ainda pelos valores eurocêntricos. Sobremaneira do pensamento colonial mal resolvido, da esfera que Collins denomina como domínio hegemônico responsável por justificar a opressão, a partir do momento em que essas mulheres operam na transformação desses discursos desafiam esses domínios a fim de desarticula-lo.

Para Akotirene (2020, p. 21) a atuação das mulheres negras na academia é uma ação política e transformadora, quando a autora discorre:

Movidas por escrevivências, como Conceição Evaristo, proponho cantiga decolonial por razões psíquicas, intelectuais, espirituais em nome de águas atlânticas. Mulheres negras infiltradas na academia, engajadas em desfazerem rotas hegemônicas da teoria feminista e maternarem a-feto de si, em prol de quem sangra, porque o racismo estruturado pelo colonialismo insiste em dar cargas pesadas para mulheres negras e homens negros.

Seguindo o pensamento da autora, as escrevivências das mulheres negras são carregadas de significados e estão aliadas ao intuito de transformar as realidades sangrentas, não só individuais, mas de todos seus pares, atuação individual voltada para comunidades desprivilegiadas. Assim, entende-se que mulher negra que escreve e atua intelectualmente desenvolve ação política social, interventiva, pois não dissocia a sua vida intelectual das realidades a qual presencia com seus grupos étnicos. Assume uma responsabilidade de desconstruir as estruturas raciais e sociais injustas, a fim de construir um mundo mais justo para seus descendentes e promover justiça social para toda uma coletividade prejudicada, encarnando assim a postura articulada de uma feminista negra consciente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do entendimento do que é a formação do pensamento feminista negro, embasado pela teoria de Collins (2019) e a sua essência como movimento solidário, levando em conta o conceito de interseccionalidade representado pelos fatores, gênero, raça e efeitos da diáspora como complicadores na condição de existência para uma mulher negra e imigrante, foi perceptível identificar que das marcas do estabelecimento do feminismo negro, encontrado no romance *Esse Cabelo*, expressa-se a transição do discurso do outro para o discurso de Mila, bem como a rejeição às imagens de controle impostas pelo racismo institucionalizado na sociedade a qual a personagem está inserida, a saber, a capital Lisboaense.

A personagem aparece no romance como narradora protagonista, que usa de reflexões conscientes e filosóficas no decorrer da narrativa para questionar o seu lugar identitário, além de tratar das injustiças enfrentadas pelos seus pares, enfatizando como o conhecimento e a informação podem influenciar de forma direta a performance política, consciente e interventiva de uma mulher negra em relação às desigualdades raciais, sociais e de gênero.

A única noção admissível de seriedade parece-me agora a de honrar não quem tenho sido, mas quem julgo não ter chegado a ser. A negra de papel é quem merece hoje deferência. De que modo merecê-la? Não sei pentear-me por escrito sem perder um pouco a mão ao livro (ALMEIDA, 2017, p. 84).

Essa faceta empreendida na escrita de Djaimilia Pereira de Almeida representa um dos marcos mais importantes nas organizações do conhecimento decolonial, a qual busca construir uma teoria e uma crítica que questiona os conhecimentos construídos até hoje, a partir de uma perspectiva ocidental e eurocêntrica. São conhecimentos que excluem os sujeitos marginalizados e subalternizados, sobretudo, mulheres negras que enfrentaram os processos de escravização, manutenção do regime colonial e os processos de diáspora africana.

A escrita da autora em *Esse Cabelo* põe em relevo a voz de uma personagem protagonista mulher e negra que faz reflexões sobre a sua existência, questionando, também, os problemas de desigualdade e racismo voltados para a população negra e imigrante em Portugal. Tematiza vários conflitos étnicos raciais e de gênero, sendo abordada como uma mulher consciente, que discursa, usa de intelectualidade para expor problemas que ficam subterrâneos ou não recebem a devida importância, tais como as zonas de exclusão e silenciamento pelas

quais as mulheres negras transitam quando estão em uma sociedade que não as reconhece e não legitima seus discursos e saberes.

Ao contar sua própria história, bem como usar a linguagem, Mila a partir do seu lugar de fala, a personagem se afirma, pois segundo Emily Benveniste (2005) é através da linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, através do seu posicionamento no mundo e ao fazer uso de seu direito de expressar. Ao manifestar sua visão de mundo e percepção subjetiva, a personagem ocupa seu lugar de manifestação de pensamento como mulher negra, se emancipa e tem a oportunidade de desfazer as imagens de controle promovidas pelo discurso hegemônico sustentado pela sociedade imperial, revelando o poder de articulação que uma mulher negra pode ter ao tomar a voz, o discurso e as manifestações culturais e artísticas a partir do seu lugar social.

Mila, ao se posicionar e demonstrar lucidez frente ao sistema dominante, à sua maneira perfura a bolha das opressões e do antigo e persistente projeto colonial, projeto este que Achille Mbembe descreve no prefácio denominado *A universalidade de Frantz Fanon* (2011) como utilizador do racismo para imobilizar os corpos negros, retirar suas consciências e qualquer sensibilidade que resulte em ação e resistência dos sujeitos dominados e qualquer consciência que lhe confira humanidade.

Todos esses acontecimentos são motivados pela tomada de consciência da personagem Mila sobre o seu reconhecimento de sua condição de opressão interseccional e seu trabalho intelectual e reflexivo desde a infância, ocasionados pelo racismo, sexismo e pelo processo da diáspora africana que lhe proporcionam um lugar marginal na sociedade portuguesa de Lisboa, uma perspectiva privilegiada, segundo Bell Hooks (1980) para identificar os seus sufrágios e, conseqüentemente, munir-se de estratégias para combatê-los.

Mesclam-se os problemas identitários enfrentados pela personagem tanto por estar em uma cultura estranha a sua de origem, como conceitua Homi Bhabha (1998) com a denominação de entrelugar, quanto por trazer consigo os complicadores de raça e gênero, que são as bases justificativas para a existência necessária do feminismo negro em direção à justiça social para as mulheres negras.

É evidente no discurso da personagem suas próprias percepções sobre si, a tomada de consciência e sentimento de pertencimento a África como origem de sua ancestralidade. A partir dessas marcas, compreende-se que o romance *Esse Cabelo* (2017) a partir da postura, diálogo, reflexões e discurso de Milla potencializa os benefícios da auto definição, uma das bases do feminismo negro que representa a mulher negra narrando suas vivências e sentimentos.

O romance narrado a partir da voz da protagonista Mila, mulher negra e imigrante, faz parte de um novo fazer literário que veicula uma definição subjetiva da personagem negra e não só sua própria definição, mas a história de seu povo e dos processos de diáspora africana entre Angola e Portugal na percepção de quem antes era atribuído apenas o silêncio dos discursos. Antes objeto de estudo de outros, agora sujeito e autor da própria narrativa.

A partir das análises de Mila e sua desenvoltura como personagem narradora, mulher negra no centro da narrativa que conta suas próprias histórias, consciente de sua condição, do seu papel, da responsabilidade política e intelectual, possibilita a reflexão que a mulher negra tem as ferramentas necessárias para transformar a realidade social que a envolve a partir das suas produções literárias, que intervém de forma significativa na vida de outras mulheres e em seu intelecto, provocando as mudanças nas bases da pirâmide que estrutura a sociedade contemporânea.

E é possível começar esse movimento de transição a partir da intervenção literária, da atuação das intelectuais negras, de forma efetiva aliando teoria a prática que passa, então, a escrita dessas mulheres a ser não só atuação artística e cultural, mas sobretudo política.

“ Quem é a Mila?” “ Eu mesma” não coincide bem comigo. O cabelo corta-se, renova-se prolongando a sucessão dos ciclos, mas tal não é senão uma via de extinção. Cada ciclo do cabelo é somente um ciclo do livro do cabelo. Serei eu (“eu mesma”?) que empresto à sua história importância, contando-a? Pergunto-me como escrever à distância se mexo na memória, mas a distância, apercebo-me então é a condição da memória, não uma moral. Todo o passado é um satélite inconveniente (ALMEIDA, 2017, p. 83).

A associação entre escrever e encontrar a resposta para os problemas identitários da personagem foi um recurso especial utilizado por Djaimilia ao relacionar conhecimento, instrução, afirmação e liberdade de expressão como mecanismo da personagem na busca pelo sentimento de pertença e respostas para seus conflitos existenciais. O livro do cabelo torna-se um instrumento de afirmação e de aproximação do desejo de Mila de se pronunciar sobre seu passado em um mundo que deseja calar sua ancestralidade africana.

Todas essas reflexões suscitam o entendimento no leitor que Mila é um ser pensante, reflexivo e não alienado às ideias e imagens de controle que são atribuídas às mulheres negras num lugar social e subalternizado, não mais a imagem da mulher negra que se cala por passividade, mas a que cala em situações específicas por estratégia, estratégias essas utilizadas, por vezes, em questão de sobrevivência sua e dos seus.

Mila adota essas posturas por conhecer detalhadamente a violência que a cerca e cerca seus pares. Através de suas falas fica explícito na narrativa o conhecimento que Mila tem sobre a questão dos imigrantes angolanos em Lisboa, o lugar que está reservado às pessoas de cor que vem de fora que na maioria dos casos passam a habitar as periferias da metrópole Portuguesa.

Quando Mila descreve a periferia de Lisboa e toda as condições insalubres a qual vivem os imigrantes, quando discorre sensível e detalhadamente sobre os episódios de racismo nos autocarros, demonstra uma visão não alienada do que acontece a sua volta, uma visão consciente das injustiças e desigualdades que permeiam a sociedade que ela habita. O seu lugar de intersecção lhe possibilita essa visão consciente, pois enfrenta também situações parecidas, a partir do seu lugar de ser mulher, negra afro diaspórica. Situações complexas dependendo da gama de complicadores a qual está exposta, o racismo, o sexismo, a pobreza, trazem a sensibilidade de entender o quão injusta é a organização social e parte daí as organizações dos coletivos com estratégias em vista a transformação dessas realidades desiguais.

Essa observação precisa ser feita para elencar mais uma característica do feminismo negro no romance, o fator solidário do movimento que é apresentado a partir da voz coletiva que a personagem Mila faz ecoar a partir de seus discursos, sempre fazendo menção das problemáticas complexas que a sua existência de mulher negra lhe confere.

Mila discorre sobre problemas identitários que não só as mulheres negras enfrentam, mas toda a população negra que chega a Portugal em busca de uma vida melhor, de reconhecimento da cidadania portuguesa, do apaziguamento das duas culturas, da solidão enfrentada, do lugar de marginalidade, da violência simbólica e prática do racismo, situações traçadas a partir da biografia do cabelo que aparentemente seria uma questão mais subjetiva, porém, que a personagem usa de forma inteligente para tratar dos conflitos étnicos raciais, sociais de toda uma população, conflitos que são produtos dos processos coloniais de exploração e conseqüentemente da diáspora.

A narrativa de *Esse Cabelo* aborda uma Mila, por vezes, brandas desde a infância, mas muito observadora, reflexiva, sempre em busca da verdade a partir dos livros, das leituras e das observações do mundo e, principalmente, das experiências vividas como criança, adolescente e mulher negra.

A partir dessas características a personagem vai amadurecendo a visão de sua negritude ao refletir e aceitar os seus cabelos crespos e entender que seu ícone identitário mais importante revela a verdade dos processos culturais e históricos dos seus antepassados, o que resulta em uma Mila mais solidária, mais compreensiva consigo mesma e que durante toda narrativa questiona “Quem é a Mila?” e “Onde deixei a Mila?”, por entender que, ali, aquela

sociedade portuguesa em que ela vive atualmente não comporta toda a sua história e a completude de sua existência.

Essa formação de consciência traçada pela personagem a faz exprimir ações de uma mulher negra consciente de sua negritude a partir dos processos identitários a qual vive, fazendo partir de sua subjetividade para a relação com outras mulheres negras que habitam o mesmo contexto social que ela. Mila passa a se identificar e a procurar entender e ajudar as mulheres que são seus pares e suas semelhantes.

O cabelo aguardaria por mim no princípio do caminho, na visão matinal das ruas de Oeiras, no passeio Cesário Verde por onde ia para a escola primária e por onde passo hoje como se um trauma não fosse uma presença. É por esta razão que digo que o livro se fez metodicamente, sintetizando a única história que acredito ter a incumbência de contar, a história que alguns conhecem de como as africanas se olham umas às outras ao cruzarem-se pela rua em Lisboa, perscrutando os respectivos penteados, a roupa, os namorados – e às vezes sorrindo. (...) é por isso que até hoje aceno a essas meninas que me veem como um dia serão e são os melhores juízes, meninas que não pronunciam “como é” do mesmo modo que as suas mães, partilham comigo a prosódia e talvez conheçam já o seu cabelo melhor do que eu. Aceno-lhes e sorrio a partir do mundo dos crescidos, tornada o seu próprio futuro revelado – e continuo (ALMEIDA, 2017, p.118 -119).

Quando a personagem descreve o tipo de relacionamento que passa a ter com as africanas que encontra nas ruas de Lisboa, o modo como cada uma sorrir para outra, demonstra que ambas se identificam e se sentem confortáveis e consoladas por saber que compartilham mais semelhanças que diferenças em um espaço que reforça o sentimento de estranhamento e inadequação. A satisfação que Mila esboça ao tentar orientar as meninas negras em sua passagem esboça, também, a identificação e o sentimento de pertencimento a um espaço de solidariedade.

Estas características encontradas na análise apontam também para o caráter da escrita de fronteira, esboçada por Djaimilia em *Esse Cabelo*. A travessia das alteridades apresentadas a partir da existência de Mila que, habita esse terceiro espaço identitário e estabelece diálogo ao longo de toda narrativa a relação entre Angola e Portugal, aspecto refletido também no aspecto demonstrado pelas personagens mulheres negras que permanecem com seus valores culturais e costumes, mesmo estando fora do lugar de origem africana, num ambiente desfavorável e de contradição, como a sociedade portuguesa.

Silva (2010) caracteriza esse processo como a transcendência do espaço geográfico e as intersecções culturais, raciais e de gênero existentes nessa literatura de fronteira em Djaimilia Pereira de Almeida. A partir da biografia geopolítica dos cabelos crespos da personagem Mila,

bem como a referência de sua gênese africana, portuguesa e judia enfatizada a partir do relacionamento conflituoso da família mestiça a qual a personagem faz parte.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política:** Literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ateliê, 2007.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira. **Esse Cabelo:** a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza a história de Portugal e Angola. Alfragide: 2015.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Coleção feminismos plurais. São Paulo; Editora Jandaíra. 2020

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Grafias da identidade:** Literatura contemporânea e imaginário social. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Lamparina editora/ Fale UFMG, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: [Microsoft Word - artigo carneiro \(usp.br\)](#). Acesso em 15 nov. 2021

CARTA CAPITAL. Disponível em <<[IBGE: apenas 10% das mulheres negras completam o ensino superior \(ceert.org.br\)](#)>> <<acessado em 17/01/2022>>

CHIZIANE, Paulina. **Niketche:** uma história de Poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro. São Paulo. Boitempo. 2019

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução livre, Plataforma gueto. 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador-BA. EDUFBA, 2018.

FERREIRA, R. F. (2009). **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. *Cad. Cespuc de Pesq.*, Belo Horizonte, n. 16, p. 13-69, set. 2007.

GATTELI, Vanessa Hack; SCHMIDT, Rita Terezinha. **Negociações identitárias em “Esse Cabelo”, de Djaimilia Almeida e “Americanah”, de Chimamanda Adichie**. In: XV ABRALIC – Experiências literárias, textualidades contemporâneas. Associação Brasileira de Literatura Comparada, Rio de Janeiro, 2016. Anais on-line. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491411716.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491411716.pdf)>. Acesso em 03 nov. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo:USP, 2002 (tese: doutorado).

\_\_\_\_\_ **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. São Paulo, 2003.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de Gusmão. **Os filhos da África em Portugal: antropologia, multiculturalidade e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras; moldando a teoria feminista**.1980

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. 2000, editora 34. São Paulo

MATA, Inocência. **Uma intensa disseminação: a África como lócus na Literatura Portuguesa in Reflexos in Revue pluridisciplinaire du monde lusophone Université Toulouse Jean Jaurés**.

Disponível em << [e-revues.pum.univ-tlse2.fr/reflexos/index.php?id=168&file=1](http://e-revues.pum.univ-tlse2.fr/reflexos/index.php?id=168&file=1)>> acesso em 06/11/2021.

MORAIS, Marcia Marques de. Riobaldo e o contar em desalinho. **In Portos flutuantes trânsitos ibero-afro-americanos** Benjamin Abdala Júnior e Marli Fantini Scarpelli (organizadores), Editora Ateliê Editorial, Cotia,SP, 2004. P. 160.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PADILHA, Laura Cavalcanti. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. 2. ed. Niterói: Ed. UFF, Rio de Janeiro: Palhas editora, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

RUI, Manuel. **Eu e o outro – O Invasor**. In MEDINA, Cremilda. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopéia, 1998, pp. 308-310.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes Literárias de Escritoras Negras**. Cruz das Almas – BA: UFRB, 2012.

ARAÚJO, Shaianna Costa. **Esse Cabelo, de Djaimilia Pereira de Almeida: Uma narrativa da diáspora em diálogo com o feminismo negro**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2021.

